

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

PATRICK STEFENONI KUSTER

**ENTRE RUMORES DE GUERRA E  
MUSICALIDADES:** histórias em meio à educação  
inclusiva

VITÓRIA

2013

PATRICK STEFENONI KUSTER

**ENTRE RUMORES DE GUERRA E MUSICALIDADES:  
histórias em meio à educação inclusiva**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Figueiredo Louzada

**VITÓRIA**

**2013**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

Kuster, Patrick Stefenoni, 1984-

K97e        Entre rumores de guerra e musicalidades : histórias em meio  
à educação inclusiva / Patrick Stefenoni Kuster. – 2013.

106 f.

Orientadora: Ana Paula Figueiredo Louzada.

Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) –  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências  
Humanas e Naturais.

1. Psicologia. 2. Educação inclusiva. 3. Poder (Ciências  
sociais). I. Louzada, Ana Paula Figueiredo, 1975-. II.  
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências  
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

---

PATRICK STEFENONI KUSTER

# **ENTRE RUMORES DE GUERRA E MUSICALIDADES: histórias em meio à educação inclusiva**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Vitória, 22 de fevereiro de 2013.

## **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> ANA PAULA FIGUEIREDO LOUZADA

Universidade Federal do Espírito Santo

Orientadora

---

PROF.<sup>a</sup>. DR.<sup>a</sup>. ANA LÚCIA COELHO HECKERT

Universidade Federal do Espírito Santo

---

PROF.<sup>a</sup>. DR.<sup>a</sup>. MARISA LOPES DA ROCHA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

*Existências infames: sem notoriedade, obscuras como milhões de outras que desapareceram e desaparecerão no tempo sem deixar rastro – nenhuma nota de fama, nenhum feito de glória, nenhuma marca de nascimento, apenas o infortúnio de vidas cinzentas para a história e que se desvanecem nos registros porque ninguém as considera relevantes para serem trazidas à luz. Nunca tiveram importância nos acontecimentos históricos, nunca nenhuma transformação perpetrou-se por sua colaboração direta. Apenas algumas vidas em meio a uma multidão de outras, igualmente infelizes, sem nenhum valor. Porém, sua desventura, sua vilania, suas paixões alvos ou não da violência instituída, sua obstinação e sua resistência encontraram em algum momento quem as vigiasse, quem as punisse, quem lhes ouvisse os gritos de horror, as canções de lamento ou as manifestações de alegria.*

*(LOBO, L. F., 2008, p.17)*

*Aos infames da história*

## Agradecimentos

Eu não sei se consigo passar a dimensão do fazer dessa dissertação. Há muitos punhos, muitas gentes, muitas andanças, muitas idéias nas andanças, muitas idéias abandonadas, muitas noites sem sonho, muitos encontros gostosos, muitas mesas de bar que não fui, muitos cafés amargos, muitos livros, muitas torções na vida, muitas angústias, novas suavidades, muita pressa em decorrência dos prazos, muita vontade de estudar, muito despertar na madrugada, muito futebol na praça, muita parceria de trabalho e de orientação, muitas lágrimas, muito não saber o que fazer, mas fazendo, com muitas mãos, etc., e estão muitas vezes nas sublinhas, nas margens desses papéis, entre as palavras. Sem elas, contudo, as palavras cairiam, não se sustentariam, perderiam o brio, o sentido, a carne.

Eu agradeço a Deus pela vida, pelos mistérios cosmológicos, pelo amor;

À mamãe pelo carinho acariciando meus cabelos no aconchego de seu colo, pela simplicidade, pelo amor; seu vigor nas lutas do dia-a-dia me enche de dignidade.

Ao papai por querer me proteger dos “homens grandes”, achando que ainda não cresci, pela bondade desmedida com as pessoas, por fazer as pessoas sorrirem ao seu lado;

À nanay, minha irmã caçula, pelos confetes coloridos que trocamos sempre, sonhos, planos de viajarmos juntos, vontades. Obrigado pela companhia minha irmã;

À Pryscilla e ao André, minha irmã e meu cunhado, que por nossa triste distância de hoje, me convocam aos saudosos dias em que ficávamos juntos;

Aos meus cachorros pelas incontáveis estripulias, por sempre pularem em cima de mim ao me verem, me ensinando a gostar de coisas simples na vida;

Ao grupo de orientação, Myrian, Ana Paula, Livia. Obrigado por me acompanharem nos labirintos de meus pensamentos, revolvendo densidades impenetráveis com perguntas singelas de criança. Sem vocês essa dissertação não aconteceria.

À Ana Paula, que despida desse lugar de orientação, ia criando uma relação que não se reduzia a orientar, mas que se enchia de amizade, de cumplicidade, de confiança, de parceria. Seus gestos ligeiros me surpreendem.

Ao grupo Giraya-Laborde pelas discussões coletivas, por se indignarem diante das injustiças sociais, por afirmarem poeticamente a vida. Vocês são uma inspiração pra mim;

À Aninha por apostar em mim até quando eu mesmo já não apostava. Ao mesmo tempo, firme e suave, faiscante e doce, você sempre me mostrou responsabilidade e boniteza com o pensamento e a vida. A você devo muito do que aprendi;

À Marisa que, mesmo de longe, e sem nos conhecermos, confiou nesse trabalho, se dispôs a acompanhar esse processo, e me impulsionou a prosseguir;

A minha turma do mestrado, toda essa gente que vem dos mais variados cantos, com os mais variados desejos, deixando essa trajetória colorida, com direito a novelas mexicanas, né Vivi, Mel e Pedro;

À Soninha por seu jeito meigo de ser e pelo carinho de sempre, deixando essa secretaria do mestrado mais bonita;

Ao Lucas e Hítala, meus amigos temos que brindar essa conquista; Ao Roberto e Alessandra, pelas moquecas, conversas e carinhos. Nos tempos em que eu ficava muito sozinho para escrever essa dissertação, vocês eram a voz que me dizia que eu não estava sozinho.

À SECEDU por me permitir realizar essa pesquisa nas escolas. À Maria Cristina pela humildade e bondade com que me recebe sempre. À Adenilde e Roseli por estarem sempre dispostas a me ouvir, mesmo que tenham tantas coisas a fazer. À Tati, Jô, Enilton, Sérgio, Araceli, Marlene, Sônia,



Rose, Lili, Val, Jaque, Verônica, Solange, Narciso, Kely, Margarete, Genilda, Mônica, Uiu, Gil, Sibebe, Eucinéia..., sem vocês esse trabalho não aconteceria.

Ào grupo do CREI, Lu, Mila, Marciane e Gil, com quem (con)viver não é apenas trabalho, mas alegria. Obrigado Gil pela forma em que ama e cuida de seus alunos, isso me motiva a sair de Vitória e subir todos os dias a Domingos Martins.

Aos educadores e alunos de Domingos Martins que me fazem equivoccar, e com vocês me tornar errantes, vislumbrando uma vida muito maior do que eu pensava. Obrigado!

## Resumo

A Secretaria Municipal de Educação e Esportes de Domingos Martins (ES) vem articulando políticas públicas de educação inclusiva/educação especial na perspectiva da inclusão (BRASIL, 2008). Nesse sentido, a fim de atender os deficientes na rede regular de ensino, ela organizava o Centro de Referência em Educação Inclusiva. Mas quem vai tomando o cenário não são os deficientes, e sim os “alunos agressivos”, “hiperativos”, “violentos”. Do cotidiano de um exercício psi que compõe o Centro de Referência, indaga-se o que estes alunos vêm afirmando. Isso permite uma abertura ao testemunho direto, colocando em análise as implicações deste equipamento de referência na sua multifacetada relação com as escolas municipais de ensino regular. Nessa trajetória, a educação inclusiva vai colocando em evidência modos de se ocupar a cidade de Domingos Martins, uma certa distribuição de lugares. Esses alunos traziam, na espessura de seus corpos, matizes de mundos desconhecidos, de cidades irredutíveis a grande cidade turismo, de comunidades pobres, de homens do campo, de ruas que não eram as de Pedra Azul, dimensões inconcebíveis ao crepitar da racionalidade humana desprezível, uma estranheza muda, um sussurro das trevas.

Palavras-chave: Psicologia. Educação inclusiva. Relação de poder.

## Abstract

The Municipal Secretariat of Education and Sports Domingos Martins (ES) has been articulating policies of inclusive education / special education from the perspective of inclusion (BRAZIL, 2008). Accordingly, in order to meet the disabled into the regular school system, she organized the Reference Center on Inclusive Education. But who is taking the stage are not disabled, but the "aggressive students", "hyperactive", "violent". Of daily exercise psi comprising the Reference Center, we look into what these students have been saying. This allows an opening to direct testimony, putting in analyzing the implications of the reference equipment in its multifaceted relationship with municipal schools of education. In this trajectory, inclusive education will bringing out ways to occupy the town of Domingos Martins, a certain distribution of seats. These students brought in the thickness of their bodies, shades of unknown worlds, of the great cities irreducible city tourism, poor communities, men's field, the streets were not the of Pedra Azul, inconceivable dimensions to the crackle of human rationality negligible , a strangeness mute, a whisper of darkness.

Keywords: Psychology. Inclusive education. Power relationship

# Sumário

<b>1</b>	<b>PRIMEIRAS PALAVRAS.....</b>	<b>13</b>
1.1	Fui forçado a pensar.....	13
1.2	Algumas intuições.....	16
1.3	Nos silêncios solipsísticos, o esboço de um problema de pesquisa... ..	26
1.3.1	O Centro de Referência em Educação Inclusiva (CREI).....	26
1.3.2	A cidade onde se desenvolveu a pesquisa.....	29
1.3.3	“E quando começou <i>Gritza</i> ?”.....	31
1.4	Sobre uma maneira de pesquisar.....	35
1.5	Sobre uma maneira de escrever.....	39
<b>2</b>	<b>ENTRE RUMORES DE GUERRA E MUSICALIDADES.....</b>	<b>43</b>
2.1	Bandos monstruosos e anormais risíveis: a ação dos <i>doutores de esquadros</i> .....	43
2.2	Cantos numa guerra paranóica: ecos de ruídos inapreensíveis.....	50
2.3	Entre procrustos e monstros.....	52
2.4	Metamorfoses imprevisíveis.....	58
<b>3</b>	<b>“CONSEGUIRAM MANDÁ-LA EMBORA?”.....</b>	<b>61</b>
3.1	O fora <i>dentroficado</i> e os equipamentos da anormalidade.....	66
<b>4</b>	<b>ENCONTRO COM OS MONSTROS POR MEIO DO EQUIPAMENTO DA ANORMALIDADE.....</b>	<b>72</b>
4.1	“Mas João quer subir na árvore...”.....	72
4.2	“Ele fala que é o Huck...”.....	74

4.3	O temível de Aracê.....	81
4.4	Duas Parajus numa mesma.....	86
<b>5</b>	<b>ENTRE RUMORES DE GUERRA E MUSICALIDADES:</b> um sussurro das trevas.....	<b>93</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>98</b>

## 1. PRIMEIRAS PALAVRAS

### 1.1 Fui forçado a pensar

*[...] Aceitava a vastidão do que não conhecia e a ela me confiava toda, com segredos de confessor. [...] (LISPECTOR, C., 1999, p.13).*

Era meados de 2010 quando, contratado no cargo de psicólogo, eu começara a trabalhar numa escola especializada no município de Colatina (ES). Nunca havia entrado numa escola especializada antes. Desconhecia aquele espaço, as lutas políticas que lhe atravessavam, as regras formalizadas de seu funcionamento, como também as regras tácitas que se esboçam no seu dia-a-dia. Mas eu fui entrando.

Deram-me uma sala de consultório, trinta minutos para atender cada pessoa e uma ficha para contabilizar o número de atendimentos por mês. Não poderia ter intervalos, entre um atendimento e outro havia apenas o lapso da batida na porta do próximo que deveria ser atendido, impondo uma velocidade estonteante que logo me tomou.

Um enfileiramento de corpos se formava, cortados e exacerbados em individualidades, a passarem pela esteira corrida desta engrenagem psi. Um circuito produtivo que implicava numa mais-valia<sup>1</sup> da mercadoria-aluno. O volume de atendimentos implicava em recursos que deveriam ser repassados àquela escola especializada, instituição filantrópica, via Secretaria da Saúde/SUS.

Não demorou fui me engrenando nessa máquina, sem muita dificuldade fui entrando nas regras do jogo, mas, à primeira vista, parecia que entrava não para jogar, mas para ser jogado jogando, numa imbecilidade complacente de

---

<sup>1</sup> Aproprio-me do conceito “mais-valia” empregado por Karl Marx, quando definia uma relação de exploração do trabalho. Entendendo “mais-valia” como um excedente de produção do trabalhador que represente lucro para os proprietários dos meios de produção, usamos “mais-valia” quando falamos de um excedente de atendimentos clínicos que se configura, por exemplo, em comissões para os empregadores (não falo em lucro, pois se trata de uma instituição filantrópica), de modo que a preocupação maior era o número de atendimentos. Como os atendimentos aconteciam, as condições de trabalho e do trabalhador, bem como as pessoas que faziam uso do serviço eram uma preocupação secundária.

fraco<sup>2</sup>. A atuação que desenvolvia, tomando-a na densidade de um saber-fazer clínico, mas, ao mesmo tempo, desenovelando-a na rede de relações da escola especializada e fora dela, se reduzia muito a um prolongamento de uma ação que não era minha. Uma atuação clínica metonímica a uma ação não circunscrita a clínica.

Dito de outra forma, estava numa escola especializada, uma empresa que fabrica uma espécie de alunos, os alunos anormais, demandando a articulação de séries específicas de produção – docência, psiquiatria, clínica psicológica, assistência social, etc.. De uma série a outra o aluno era encaminhado, sem que a ação com ele mudasse de campo estratégico.

Criticando os usos que foram ganhando o termo *normal*, Georges Canguilhem diz:

[...] O *Vocabulaire technique et critique de la philosophie* de Lalande é mais explícito: é normal, etimologicamente – já que norma significa esquadro – aquilo que não se inclina nem para a esquerda nem para a direita, portanto o que se conserva num justo meio termo; daí derivam dois sentidos: é normal aquilo que é como deve ser; e é normal, no sentido mais usual da palavra, o que se encontra na maior parte dos casos de uma espécie determinada ou o que constitui a média ou o módulo de uma característica mensurável. Na discussão desses sentidos, fizemos ver o quanto esse termo é equívoco, designando ao mesmo tempo um fato e “um valor atribuído a esse fato por aquele que fala, em virtude de um julgamento de apreciação que ele adota. [...]” (CANGUILHEM, G., 2010, p. 85).

O olhar de quem fala, por meio de esquadros, burila a anormalidade produzindo o aluno anormal. Quem fala, fala de um *lugar próprio* (CERTEAU, M. de, 2012) distinto de todo um resto, fala do quadriculado de sua especificidade, onde os discursos se organizam formando inteligibilidades. Comportamentos, sentimentos, sensibilidades, falas, corpos, vão sendo capturados nessa operação de códigos que criam uma realidade dominante, a *realidade dos esquadros*.

As intervenções que davam o tom dessa engrenagem não diziam respeito a um possível sofrimento do vivo frente a uma limitação forçada. Era o contrário

---

<sup>2</sup> Por “fraco” entende-se uma complacência a um funcionamento dominante, quando até criamos, mas quase sempre perpetuando um funcionamento dominante, ainda que seja em meio a um jogo de forças desiguais que nos traz índices de uma novidade engendrável.

disso, fomentava-se um sofrimento com a imposição de um limite estrito ao vivo, referenciando um ideal humano normal.<sup>3</sup>

Os alunos anormais eram também encaminhados ao *lugar próprio* da psicologia. O ato de encaminhar esses alunos já eram também códigos. No lugar psi acrescentava outros códigos, produzia códigos que conjugados aos demais nesta máquina, operacionalizava-se uma sobre-codificação balizando as coordenadas existenciais. As anormalidades e os alunos anormais produzidos, em virtude de um julgamento de apreciação que o falante possui, extrínseco a experiência do sujeito falado, enredados a essa rede de códigos, eram constituídos numa realidade patológica.<sup>4</sup>

Essa patologização despontava percorrendo os corpos eivados numa modulação dominante. Encontrando ecos, se formava um canal hegemônico, sobre-codificando a existência, sendo o consultório psicológico, uma das faces dessa máquina, onde toda causticidade era re-encaminhada a uma margem de tolerância, tendo em vista que toda essa produção conspirava para o controle da vida em toda a sua espessura.

Todavia, nesse vai e vem de corpos errantes, fissuras imprevisíveis se abriam em minha prática. Equivocavam minha prática, se amotinando, sem que uma revolta fosse declarada, contra toda essa maquinaria. Uma sublevação gota a gota, no compasso do cada um atendido separadamente, que apesar das individualizações, formavam o informe de uma heterogeneidade incapturável, formavam matizes de outras realidades existenciais, sombrias, assustadoras.

Eu sofria torções no encontro com esses anormais, e isso tudo num período conturbado naquela escola. Um decreto presidencial tornava obrigatório, nessa época, a matrícula desses alunos anormais nas escolas de ensino regular: “A obrigatoriedade da matrícula dos alunos, público-alvo da Educação Especial, na escola comum do ensino regular [...]” (BRASIL, 2009).

---

<sup>3</sup> Criticando os usos que foram ganhando o termo *normal*, Georges Canguilhem diferencia os desvios estatísticos que subsidiam tais usos do termo, dos desvios normativos, afirmando que “[...] O homem normal é o homem normativo, o ser capaz de instituir novas normas, mesmo orgânicas [em meio a uma polaridade dinâmica da vida]. Uma norma única de vida é sentida privativamente e não positivamente. [...]” (CANGUILHEM, G., 2010, p. 98 e 99).

<sup>4</sup> Mais adiante, no tomo “1.2 Algumas intuições” falaremos mais sobre essa realidade patológica.



Havia uma tensão deflagrada naquela instituição filantrópica, um receio por um esvaziamento de alunos que a escola estaria submetida. Enquanto isso, eu, ainda que timidamente, era tomado por um perguntar: “Uma vez nas escolas de ensino regular que tipo de torções poderiam descambar? Que dobras operariam na educação, nos modos sala de aula, nas relações professor-aluno, nos espaços, etc.? Que novidades poderiam ser criadas com a presença deles nessas escolas?”.

Retrospectivamente, agora estranho o porquê dessas perguntas não se direcionarem a educação que supostamente acontecia naquela escola especializada. Talvez porque não me dava conta de que ali se tratava de uma escola.

Por que essas perguntas não induziam uma conversação sobre as práticas ali mesmo nessa instituição especializada? Antes disso ainda, por que até então não perguntava naquela escola especializada? No fluxo ininterrupto da linha de produção dos anormais, a velocidade hostil devastava o tempo de um perguntar. Mas, esses que equivocavam minha prática, desengrenando essa máquina, me forçavam a pensar.

Não que houvesse uma sucessão cronológica entre um antes em que não se perguntava e um depois em que se passou a perguntar. Muito pelo contrário, a todo o tempo os imprevisíveis me forçavam a pensar minha prática, mas que só agora era que eu me entregava a vastidão daquilo que não conhecia, daquilo que não cabia em minha métrica, todo um resto extravasado de meu quadriculado.

## 1.2 Algumas intuições...

*[...] Sob os órgãos ele sente larvas e vermes repugnantes [...] (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 2010, p.21).*

Em março de 2011, já não estava trabalhando mais na escola especializada de Colatina (ES). Havia saído para pesquisar na linha Processos Educacionais,

História e Cidadania do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) em Vitória (ES).

Sem estar engrenado diretamente numa máquina de anormalidade, minhas inquietações ganhavam outras dimensões. Subtraído dos jogos de força que me marcavam naquela instituição, minhas inquietações ganhavam nas solidões sua espessura. Precisava ouvir minhas inquietações, e o fazia nos silêncios de minha solidão.

Os silêncios que cultivava não eram resultado de um silenciamento, tampouco eram o desfecho de um anestesiamiento da vida. Não estava fechado para a vida, mas estava mais seletivo às coisas da vida. Abria-me ao sibilar do silêncio, seguindo, como um cão farejante, aquilo que animava minhas inquietações. Era um silêncio que me desassossejava ainda mais, e não o contrário.

Tampouco as solidões que procurava, eram solidões vazias, herméticas. Diferentemente disso, poderia dizer que procurava estados, do que vou chamar, de *solipsismo*. *Solipsismo* é só aparentemente um estado de solidão, pois é povoado por uma multiplicidade heterogênea, uma palavra despretensiosa de um amigo que opera uma torção no meu modo de pensar, o telefonema de minha mãe que ao seu modo de cuidar pergunta “como vai?”, o café amargo, o livro que traz personagens bizarros em seu enredo soltando minha imaginação, etc.. Na verdade, *solipsismo* é bem diferente de um estado de solidão. Um estado de solidão é antes efeitos do poder que nos anestesia dessa multiplicidade heterogênea.

Era nos silêncios de meus *solipsismos* que ia tateando o que me inquietava. Nesse exercício, emergiam algumas intuições. Intuição não como uma inferência, ou uma conclusão, muito menos como um desocultamento, mas a instauração de uma relação com a coisa mesma.

Como dissemos antes, um decreto presidencial tornava obrigatória a matrícula dos alunos anormais, ou conforme o texto do documento, os alunos da educação especializada nas escolas de ensino regular (BRASIL, 2009). E, ainda nesse artigo do decreto, ficava definido o atendimento educacional especializado como sendo: “[...] o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma

*complementar* ou *suplementar* à formação dos alunos no ensino regular” (BRASIL, 2009, *grifo nosso*), o que inviabiliza o enquadramento do atendimento substitutivo nesta definição (PRIETO, R. G., 2010).

Isso ia ao encontro da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) que instituía o contra-turno ao ensino regular para a educação especializada quando necessária, como forma de garantir o que chamam de “inclusão” desses alunos na rede regular de ensino (BRASIL, 2008).

Vou produzindo alguns problemas quanto ao que se chama de inclusão. Inclusão se reduz a matricular esses alunos na rede regular de ensino? É verdade que a matrícula de todos esses alunos na rede regular de ensino representa uma mudança importante nas políticas em educação e numa concepção de educação. Em 1994, a Política Nacional de Educação Especial (PNEE/94) assegurava a matrícula e a integração dos alunos com necessidades especiais desde que esses alunos tivessem “[...] condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo que os alunos ditos normais” (BRASIL, 1994, p. 19).

O que condicionava essa matrícula antes era a capacidade do aluno em acompanhar. Se ele não conseguisse acompanhar já era suficiente para que não fosse estudar junto aos “ditos normais” (aproveitando o termo da política). Nessa perspectiva, as práticas em educação não eram problema. Se o aluno não conseguia acompanhar, o problema era dele e não se colocava em questão como as práticas em educação tornavam as coisas difíceis para ele acompanhar.

Com a matrícula de todos esses alunos com necessidades especiais, com condições de acompanhar como “os alunos ditos normais” ou não, a matrícula não está condicionada mais ao aluno. Agora, se o aluno matriculado não tem condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares, isso implicaria repensar as práticas educacionais de modo a possibilitar essas condições ao aluno.

É uma mudança sem dúvida muito importante, mas Prieto (2006) nos chama a atenção para isso, dizendo que só a matrícula não significaria, por si, a inclusão

do aluno nas escolas regulares. A matrícula de todos implica uma mudança de concepção, mas ela por si só não é a efetuação garantida de mudanças necessárias nas práticas em educação. O aluno com necessidades especiais pode estar matriculado na escola regular, mas, segundo a autora, ainda assim ser aliado do ensino, da aprendizagem, do convívio social.

Inclusão, então, é um acesso? Ainda que isso implique em repensar as práticas em educação e a escola, buscando meios de dar acessibilidade, é isso que é incluir? Mas acessibilidade a quê? Acesso ao currículo preservado no tempo? Acesso aos registros canonizados? Poderia ir mais longe, acesso a rede de sinais que perpetuam valores, uma religiosidade dominante, uma sexualidade dominante (SEFFNER, F., 2009)? Acesso, enfim, ao que venceu<sup>5</sup> (LE GOFF, J., 1990)?

Toda forma de documentação da realidade preservada não é preservada ingenuamente (THOMPSON, P., 1992). Portanto, questionava quando se reduzia incluir a dar acesso a alguma coisa, sem que essa alguma coisa fosse concebida no jogo de forças que a institui.

Fala-se de uma exclusão histórica dos anormais, apartados dos meios regulares de ensino (BRASIL, 2008). Então, inclusão é terminantemente um “não-excluir”? Inclusão se definiria pelo caminho inverso ao dessa exclusão? Incluir se esgota numa relação binária “incluir-excluir” (LAVRADOR, M. C. C., 2005)?

Ficava muito difícil dizer que incluir se definia, ponto a ponto, por um caminho inverso a essa exclusão histórica, quando vislumbrava códigos cortando códigos em interferências recíprocas sobre-codificando realidades. Não apenas isso, mas também quando era surpreendido por fissuras imprevisíveis nessa realidade sobrecodificada, rompendo-a a tantas outras formas de sensibilidade.

Estava certo de que incluir não era algo entificado, mas que era uma prática produtora de realidades, que incluir era uma certa positividade difícil de avaliar.

[...] Importa, assim, não tomar uma política de inclusão como ‘algo em si’, a ser aplicada do jeito correto, como coisa de especialista, como verdade inevitável ou ação inexorável. Isso porque tal política é digerida na elasticidade antropofágica de educadores, famílias e

---

<sup>5</sup> Fazendo referência ao trabalho de Jacques Le Goff (1990) que vê no que se perpetua nas artes, nas arquiteturas, nos documentos, enfim, os signos dos dominadores, escamoteando uma multiplicidade de histórias que, por isso mesmo, não se tornaram oficiais.

estudantes, numa inventiva usinagem de inclusões 'rasteiras' e rebeldes no front-da-batalha quotidiana (ANDRADE, R. B. de, 2009, sem página).

Mas, tateando o que me inquietava, não só a inclusão vai se tornando um problema pra mim, como também o personagem do deficiente a que ela faz referência.

O público-alvo da educação especial/educação inclusiva, conforme texto do documento "Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva" de 2008, são as pessoas com deficiência (que têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade), com transtornos globais do desenvolvimento (que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo - incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil) e com altas habilidades ou superdotação (que demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse).<sup>6</sup>

Não se trata, de modo algum, de negar as marcas do corpo, as células sensitivas e motoras destruídas, as disposições viscerais diferenciadas, as singularidades de ligações sinápticas, mas não concebia o deficiente como um valor em si, bem como uma evidência médico/biológica. Lançava-me a *problematizar*<sup>7</sup> a rede de relações que historicamente se constituía com os deficientes, sublinhando seus sentidos históricos.

---

<sup>6</sup> O Decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011 também define esse público.

<sup>7</sup> Pego emprestado esse termo de Michel Foucault. "Nos últimos dois anos de sua vida Foucault utiliza, com uma frequência cada vez maior, o termo "problematização" para definir sua pesquisa. Por "problematização" ele não entende a reapresentação de um objeto preexistente, nem a criação pelo discurso de um objeto que não existe, mas "o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que introduz algo no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma da reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política etc.)". A história do pensamento se interessa, assim, por objetos, por regras de ação ou por modelos de relação com o si, na medida em que os *problematiza*: ela se questiona a respeito de sua forma historicamente singular e a respeito da maneira pela qual eles reapresentaram, numa dada época, um certo tipo de resposta a um certo tipo de problema" (REVEL, J., 2011, p. 123).

Decerto, havia naquela escola especializada um exercício sobre aqueles alunos que se dava pelo olhar, olhar extrínseco, olhar por *esquadros*, um jogo de olhar que decantava o personagem do anormal. Isso acontecia na mesma medida em que um desnivelamento abrupto se colocava entre *lugares próprios de doutores de esquadros*<sup>8</sup> e todo um resto de uma escuridão insondável.

[...] um domínio dos lugares pela vista. A divisão do espaço permite uma prática panóptica a partir de um lugar de onde a vista transforma as forças estranhas em objetos que se podem observar e medir, controlar, portanto, e 'incluir' na sua visão. Ver (longe) será igualmente prever, antecipar-se ao tempo pela leitura de um espaço (CERTEAU, M. de, 2012, p. 94).

Havia em meio aqueles alunos uma vastidão de noite impronunciável, de onde se fazia ouvir murmurinhos, grunhidos, cantos assustadores, realidades fugidias de imensidão marítima. Cantos, todavia, inaudíveis pelos preguiados de *lugares próprios*, observadores bastante encerrados em suas instituições<sup>9</sup>, portanto bastante surdos.

Não que uma sociedade esteja, toda ela, dominada e que só furtivamente algo foge. Antes disso, tudo foge numa sociedade (DELEUZE, G.; PARNET, C., 1998), e porque tudo foge numa sociedade é que nela se inscreve uma genealogia de saberes e fazeres que tenta dominar, confiscando a ousadia poética<sup>10</sup> dos loucos, dos alunos, dos anormais, dos que não sabem falar, capturando sensibilidades ensandecidas de quem tem coragem de ultrapassar o limiar instituído do que se suporta sentir.

Como foi se constituindo esse jogo de olhares que fez emergir o personagem do anormal? Quais foram as condições que tornaram possíveis a criação desse personagem? Eram perguntas que me acionavam a uma rede de relações históricas que se davam e se dão com os deficientes.

<sup>8</sup> Refiro-me a *esquadros* fazendo alusão a definição etimológica de norma que foi criticada por George Canguilhem.

<sup>9</sup> Instituição médica, instituição psi, instituição docente, etc., entendida não como estabelecimento, ou um conjunto de formalizações jurídicas que a definiriam, mas como um conjunto de relações históricas, que implica em ação sobre uma ação, que instituem o médico, o psicólogo, o professor, etc., ainda que fora do hospital, do consultório, da sala de aula, ainda que não observados os termos jurídicos de cada profissão (LOURAU, R., 2004). Tão encerrados em suas instituições que, defendendo os modos legíveis de saber/fazer médico, psicológico, docente, etc., não se abrem a um processo (re)inventivo da própria profissão no encontro com esses cantos assustadores.

<sup>10</sup> Usamos "poética" em seu sentido etimológico: criar, inventar, gerar

Primeiro, me chamava à atenção a legitimidade de enunciações médicas em instituições que não são o hospital, em instituições escolares. Mas como enunciações médicas se tornam tão fortes em lugares que não são o hospital? Como instituições aparentemente tão distintas, como é o caso das escolas e da instituição médica, podem se interpenetrar dessa forma?

Observamos também um “extrapolamento de fronteiras” no século XIX, quando comandado por uma demanda que emana de outros aparelhos sociais, como é o caso da escola, a função médica sai de sua reserva asilar, para se espalhar pelo campo social, indo ao encontro de um projeto ambicioso em que tanto se aspirava: promover a *regeneração social* (DONZELOT, J., 1986; LOBO, L., 2008; COSTA, J. F., 2004).

Nessa época, mais precisamente em 1857, foi publicada uma obra de Bénédicte-Auguste Morel, intitulado *Tratado das degenerescências*, que havia ganhado muita repercussão na sociedade, servindo também de inspiração aos médicos do Brasil, ganhando muita força principalmente com o movimento eugênico a partir do século XX (LOBO, L., 2008).

Fundamentado nas teorias da evolução e da hereditariedade, a degenerescência não seria uma espécie de evolução no sentido negativo que nos faria retroagir a uma condição anterior, chegando por fim a uma certa animalidade. Não se concebia a degenerescência como uma espécie de regressão em uma escala evolutiva. Entendia-se por degenerescência o que se desvia no processo hereditário, não o que continua nele ainda que em retroação. Degenerescência seria concebida como um desarranjo hereditário doentio e contagioso para a espécie, produzindo exemplares híbridos que não se conformam a modelos de espécie alguma (LOBO, L., 2008).

Bem como, a hereditariedade não se limitava aos traços físicos do corpo, mas também e sobretudo a traços morais. É dessa forma que não só a cegueira, por exemplo, era considerada um elemento de degenerescência, como também o alcoolismo, o onanismo, a preguiça, etc.. No Brasil, o negro e o mestiço, geralmente ex-escravos mutilados pelo trabalho, personificavam esses traços, mas não só personificavam, como suas negritudes e suas mestiçagens compunham também traços de uma hereditariedade mórbida que poderiam ser impressas à espécie (LOBO, L., 2008).

A figura do *deficiente*, em especial a figura do *idiota*, que no Brasil eram muito destacados dentre os negros e mestiços, começa a se evidenciar no seio da prática e do saber médico psiquiatra entre os séculos XIX e XX. O idiota passa a ser exibido como exemplar desse discurso médico.

[...] Mas o certo é que ao idiota seriam atribuídas tanto as características físicas da monstruosidade (atraso do desenvolvimento embrionário e caráter inato do “defeito de fabricação”, com os conseqüentes estigmas ou malformações corporais) quanto os traços morais monstruosos (ausência de intelecto e por isso desordem dos instintos), que determinariam não apenas um prognóstico, mas uma predestinação [...]. O idiota seria adiante, com a teoria de Morel, o verdadeiro degenerado, o degenerado inferior (LOBO, L., 2008, p. 64).

A figura do deficiente, e também a do louco, apresentados como degenerescência da espécie, um risco de degradação de um povo, vão se constituindo num *perigo social* (LOBO, L., 2008). Em nome do *risco social* ou do *perigo social*, vai se validando ao psiquiatra a identificação e a internação nos asilos dos elementos que causam alguma desordem social. A figura do deficiente é um dos alvos privilegiados da ofensiva médica na sociedade.

Vemos se desenvolver, então, a legitimidade de canais da atuação médica na sociedade, mas ainda, os espaços autênticos de tratamento e *regeneração social*, os espaços por excelência do médico, se reduzem aos asilos hospitalares.

Entretanto, entre 1850 e 1870, havia entre os médicos o consenso de que o idiota representaria aquele que teve uma parada no desenvolvimento<sup>11</sup> (FOUCAULT, M., 2006). Isso foi fundamental para que se criasse o *desenvolvimento normativo* (FOUCAULT, M., 2010), bem como, e num mesmo movimento, para que se deflagrasse uma nova torção e expansão da função médica na sociedade.

O desenvolvimento passa a ser escalonado por fases sucessivas, em que a infância ocupa as primeiras e decisivas fases, as que se bem sucedidas chegassem, por fim, ao estágio mais desenvolvido da fase adulta. Isso era algo inusitado na época, acarretando um *redimensionamento da infância* (FOUCAULT, M., 2010).

---

<sup>11</sup> Retomo esse aspecto no próximo capítulo – “Entre rumores de guerra e musicalidades”.



Não se trata, pois, de usar a infância como mais uma peça, uma peça anexa, um acessório, algo a mais a acrescentar ao domínio da psiquiatria, mas estava acontecendo um *redimensionamento da infância*. Isso permitiu que se forjasse um objeto de intervenção médica muito diferente: trata-se das condutas, essas que se dão no dia-a-dia de qualquer um, as mais elementares da existência.

[...] Para que uma conduta entre no domínio da psiquiatria, para que ela seja psiquiatrizável, bastará que seja portadora de um vestígio qualquer de infantilidade. Com isso, serão submetidas de pleno direito à inspeção psiquiátrica todas as condutas das crianças, pelo menos na medida em que são capazes de fixar, de bloquear, de deter a conduta do adulto, e se reproduzir nela. E, inversamente, serão psiquiatrizáveis todas as condutas dos adultos, na medida em que podem, de uma maneira ou de outra, na forma da semelhança, da analogia ou da relação causal, ser rebatidas sobre e transportadas para as condutas das crianças. Percurso, por conseguinte, integral de todas as condutas da criança, pois elas podem trazer consigo uma fixação adulta; e, inversamente, percurso total das condutas do adulto para desvelar o que pode haver nelas em matéria de traços de infantilidade. [...] (FOUCAULT, M., 2010, p. 267).

No final do século XIX, então, vemos se desenvolver um novo objeto de intervenção médica. Não se trata da doença, de um estado de morbidez, passa-se a entender estados que, apesar de não serem estados de doença, ainda assim não são estados normais de funcionamento. Com o *desenvolvimento normativo*, se escande um instrumental médico que possibilita infiltrações impensáveis na existência (FOUCAULT, M., 2010).

Há um deslocamento da inscrição da doença e do interior de uma sintomatologia para o *desenvolvimento normativo*, estendendo seu campo de ação para condutas elementares e cotidianas (FOUCAULT, M., 2010). Como produto desse exercício de poder, emerge a figura do anormal.

Primeiramente, organizar e descrever, não como sintomas de uma doença, mas simplesmente como síndromes de certo modo válidas em si, como síndromes de anomalias, como síndromes anormais, toda uma série de condutas aberrantes, desviantes, etc. Assiste-se assim [...] ao que poderíamos chamar de consolidação das excentricidades em síndromes bem especificadas, autônomas e reconhecíveis. É assim que a paisagem da psiquiatria vai ser animada por toda uma gente que é, para ela, nesse momento, totalmente nova: a população dessas pessoas que não apresentam sintomas de uma doença, mas síndromes em si mesmas anormais, excentricidades consolidadas em anomalias. [...] (FOUCAULT, M., 2010, p.271-272).

Uma grande ingerência médica vai se formando sobre os comportamentos dissintônicos, pulverizando forças disruptivas na codificação médica das

anomalias. “(...) Será construída uma ciência das condutas desviadas sem que, para isso, seja necessário sair completamente do domínio da medicina” (CAPONI, S., 2009, p.541).

Nosografia dos comportamentos multiplicando nomes que, aliciadas no bojo da *periculosidade social*, quarentenam numa interioridade individualizada desvios patologizados.

[...] Qualquer dissintonia experimentada com relação aos valores socialmente canonizados é, em princípio, culpa sua. Essa exacerbada personalização dos conflitos produz uma intensa interiorização emocional e um excessivo grau de autocontrole. Tal sistema de regulação moral corresponde a uma outra faceta do ‘intimismo’ psicológico [que desde o século XIX tem sido desenvolvido] [...] (COSTA, J. F., 2004, p. 201).

É que são desvios demasiadamente contagiantes, tais como miasmas que podem se espalhar incontrolados. Desvios que fazem desviar, que arrastam consigo um pandemônio de elementos que se abrem a espectro inusitados da sensibilidade, nos arrancando de uma homogeneidade dominadora.

Um perigo assim toma os *fracos* de um *medo ontológico* (ROLNIK, S., 2007) que em conluio, de seus *lugares próprios*, maquinam estratégias de isolamento, recortam, separam, classificam comportamentos contagiantemente “deletérios”. Produzem assepsias de “patologias comportamentais”, produzem assepsias de patologias contagiantes, produzem (a)patias na vida.

A equivalência sujeito-indivíduo servirá para o congelamento das possibilidades de análise dos processos de subjetivação<sup>12</sup>, plurais e heterogêneas, sustentando a concepção de sujeito enquanto consciência unitária presentes nas teorias construídas ao longo da era moderna. Além disso, o pressuposto da interioridade, pretendendo garantias frente à ameaça desestabilizadora da multiplicidade de uma realidade que lhe é exterior, irá aprofundar a cisão homem X mundo (ROCHA, M. L. da; AGUIAR, K. F. de, 2003, p.6)

Tateando minhas inquietações, me dava conta da não linearidade da constituição histórica do deficiente, do extrapolamento de domínios aparentemente distintos, interpenetrando-se e formando uma rede de saberes e poderes. Dava-me conta de um plano de forças que não só produziam torções

<sup>12</sup> “Processo de subjetivação” é uma ferramenta conceitual que ganha uma dimensão de análise muito importante nesta pesquisa. Mais adiante veremos os usos que farei desse conceito.

em um exercício de poder, mas que também poderiam suscitar resistências e reversões.

Isso tudo tornava inconcebível, pra mim, a suposição de uma história una, linear e totalizadora. Definitivamente, em meu exercício de tatear as inquietações que me atravessavam, fui lançado a um plano descentrado, a uma rede composta de elementos discrepantes em defasagens mútuas, em desequilíbrios perpétuos. “[...] Sob os órgãos ele sente larvas e vermes repugnantes [...]” (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 2010, p.21).

### **1.3 Nos silêncios solipsísticos, o esboço de um problema de pesquisa**

*[...] diferença é justamente o que nos arranca de nós mesmos e nos faz devir outro. [...] nada tem a ver com a defesa de particularidades, e mais do que isso ela nos ajuda a pensar porque esta defesa pode levar a atrocidades. Se é verdade que a reivindicação da diferença identitária é politicamente correta para a conquista de direitos civis, não é menos verdade que ela pode levar a uma guetificação dos indivíduos e dos grupos (minorias) e se tornar politicamente nefasta: é que defender características particulares passa por neutralizar os efeitos das diferenças, já que estes consistem exatamente no abalo das identidades vigentes e na exigência de se criar novas figuras. Só que aqui já não estamos mais falando da diferença no sentido identitário, mas sim no sentido de novas combinações de forças [...] (ROLNIK, S., 1995, p.255).*

Em março de 2012, ainda desenvolvendo minha pesquisa pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, fui trabalhar no Centro de Referência em Educação Inclusiva (CREI) da Secretaria Municipal de Educação e Esportes (SECEDU) da cidade de Domingos Martins (ES). Exercendo a psicologia nesse centro de referência, fui tecendo o problema de minha pesquisa, bem como gestando o campo onde ela aconteceria.

#### **1.3.1 O Centro de Referência em Educação Inclusiva (CREI)**

- *E quando começou [...] Gritza<sup>13</sup>, dr. H.?, quis saber Joca Pivete numa manhã.*  
 - *Não sei exatamente, Joca Pivete. É uma longa história. Mas na verdade Gritza sempre existiu em todas as partes do mundo e em todos os tempos. Onde quer haja alguém triste e abandonado, onde quer haja alguém transtornado e perseguido, em seu coração nasce e floresce o desejo de encontrar Gritza. [...]*  
 (SILVA, H. de S. e, 1987, p.49).

Junto a emersão do anormal como personagem histórico, a anormalidade vai se gestionando num campo problemático fundante de *lugares próprios*, onde se organizam respostas e sensibilidades que ganham um estatuto do verdadeiro. Não é objetivo aqui exaurir esse campo problemático, mas traçar a disposição de alguns lugares que ele vai polarizando. Com a emersão da figura do anormal, por exemplo, vão ser criados alguns equipamentos, como os centros de referência.

Chego ao município de Domingos Martins e a sua rede municipal de ensino compondo um grupo técnico-pedagógico do setor de educação especial/educação inclusiva. A gestão administrativa, conforme legislação, organizava na rede de ensino o Centro de Referência em Educação Inclusiva (CREI).

Art. 3º. Parágrafo único. Os sistemas de ensino devem constituir e fazer funcionar um setor responsável pela educação especial, dotado de recursos humanos, materiais e financeiros que viabilizem e dêem sustentação ao processo de construção da educação inclusiva (BRASIL, 11 de setembro de 2001).

O Centro de Referência em Educação Inclusiva (CREI), inscrito apenas numa minuta de 2009 onde se decreta sua criação e se definem responsabilidades, atribuições e a composição de uma equipe de educação inclusiva, ainda não foi normatizado neste município. O CREI, portanto, formalmente não existe, pois ainda não foi criado por decreto municipal.

A Secretaria Municipal de Educação e Esportes (SECEDU), todavia, nos assuntos que circunscrevem a Educação Especial, objetiva articular políticas públicas de educação inclusiva/educação especial na perspectiva da inclusão (BRASIL, 2008) nas escolas do município, oferecendo subsídios aos

---

<sup>13</sup> Gritza era um estabelecimento no município de Domingos Martins/ES, que entre 1977 e 1985 acolhia crianças e adolescentes “menores infratores” ou “menores abandonados”, como eram conhecidos.

profissionais da educação e atendimentos aos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Mas não há uma política de intervenção muito bem definida.

O CREI vai se instituindo num feixe de relações diversificadas que vai se formando junto às escolas da cidade. Sem que um nascimento viesse a ser declarado, o CREI não só tem um endereço, como também se alastra, se ramifica pelas escolas da cidade, fertilizando toda espécie de ligação margeada, generalizando, pelo aluno que apresenta alguma “dificuldade de integração” ao funcionamento escolar.

Faço essa generalização porque nem sempre os alunos com “dificuldades de integração” ao funcionamento escolar são os alunos definidos da Educação Especial. Uma parte expressiva dessa ligação CREI-escolas vai sendo perfilada por “alunos hiperativos”, “alunos violentos”, “alunos agressivos”. Isso nos chama a atenção, dando pistas do como vão sendo usadas um equipamento da anormalidade pelos atores da escola.

O CREI, dessa forma, é uma força que incita, que suscita, que faz aparecer, pelo lugar que ocupa, uma série de relações com a anormalidade que ganham canais em meio a sua existência. Não confundimos, portanto, o CREI com seu estabelecimento endereçado. Também não reduzimos a instituição CREI com o conjunto de regras e regulamentações que atuariam, a partir do exterior, sobre a organização dos grupos e a conduta dos indivíduos que lhe concernem (LOURAU, R., 2004).

Isso tudo é importante, mas nosso foco não está no estabelecimento CREI ou no conjunto de regras que definiria o CREI. Aliás, nosso foco não é o CREI, mas o que o CREI torna possível ou que dá visibilidade no conjunto de movimentos que efetuam a anormalidade hoje, em Domingos Martins. Forçamos nosso olhar às relações cotidianas que se traçam, em meio a existência de um centro de referência da anormalidade.

E era ali, nas legibilidades de individualizações de condutas patologizadas dos alunos com alguma “dificuldade de integração” ao funcionamento escolar, que

me abria a germes desindividuos de clandestinos *virtuais*.<sup>14</sup> Minha pergunta era: *o que esses alunos, “hiperativos”, “violentos”, “agressivos” tinham a afirmar? O que, sub-repticiamente, sussurravam?*

Vivia um paradoxo existencial, pois me abria a todo o resto distinto de um centro da anormalidade, sendo elemento constitutivo de um centro da anormalidade, um equipamento que nasce com a figura do anormal. Mas seria por meio deste equipamento que poderia acessar o exercício do poder, como também poderia operar torções neste próprio exercício.

Ainda assim não era tão simples, pois as torções no próprio exercício do poder poderiam acontecer, mas servindo para capitanear as afirmações disruptivas, os sentidos que afirmam a vida, em modulações do poder, fazendo deles uma espécie de silhueta, uma sombra potencial na criação de condições ótimas do poder dominante.

### **1.3.2 A cidade onde se desenvolveu a pesquisa**

O município de Domingos Martins atualmente é composto por seis distritos que são: Sede (Campinho), Aracê, Santa Isabel, Melgaço, Paraju e Biriricas. A sede do município, a 542 metros de altitude, está apenas a 43 km de Vitória, a capital do Estado do Espírito Santo. A BR 262 liga as duas cidades.

Todo o município de Domingos Martins possui um relevo acidentado, montanhoso, que faz parte da chamada "zona serrana do centro" (região do Estado formada por terras altas, montanhosas e "frias", localizadas ao sul do Rio Doce). Isso justifica, em grande parte, porque o município se destaca no desenvolvimento do turismo de montanha (hotéis de 500 a 1100 metros de

---

<sup>14</sup> Uso virtual diferenciando-o de possível. Entendendo possível como o resultado de uma combinatória de elementos pré-determinados, caracterizada, por isso, por uma reversibilidade. Em se tratando de *virtual* (BERGSON, H., 2005; DELEUZE, G., 1999), nada está dado, sua realização se confunde com um trabalho de invenção irreversível. “[...] O que Bergson critica na idéia de *possível* é que esta nos apresenta um simples decalque do produto, decalque em seguida projetado ou antes retroprojetado sobre o movimento de produção, sobre a invenção. Mas o virtual não é a mesma coisa que o possível: a realidade do tempo é finalmente a afirmação de uma virtualidade que se realiza, e para a qual realizar-se é inventar. [...]” (DELEUZE, G., 1999, p. 137).

altitude), na agropecuária (cultivo de produtos de clima temperado) e em aspectos culturais (presença marcante da influência da imigração européia, principalmente de origem alemã).

O Estado do Espírito Santo, de um modo geral, possui um clima tropical ou quente. O Município de Domingos Martins, porém, devido à altitude do seu relevo (90% acima de 500 m), tem um clima tropical de altitude com temperaturas mais amenas durante o ano (média anual inferior a 20° C).

Sua população é de 31.847 habitantes, sendo que 81% vivem na zona rural e só 19% na região urbana. Sua área é de 1.231,29 Km<sup>2</sup>. Sua economia é fundada em agropecuária (café, banana, morango hortifrutigranjeiros, frango, etc.), turismo e serviços.<sup>15</sup>

Especificamente, vale destacar alguns números da rede municipal de ensino,<sup>16</sup> que é distribuída em 8 Centros Municipais de Educação Infantil (os CMEIs, que atendem 680 crianças de 0 à 5 anos), 15 Escolas Municipais de Ensino Fundamental (as EMEFs, que atendem 2.905 alunos da Educação Infantil à 8ª série<sup>17</sup> do Ensino Fundamental), 1 Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio (EMEFM, que atende 519 alunos do 1º ano à 8ª série, como também atende alunos na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos - EJA), 1 Escola Família Agrícola (EFA, uma escola onde os alunos estudam e moram durante a semana, atendendo a 93 alunos da 5ª à 8ª série), 12 Escolas Municipais Pluridocente de Ensino Fundamental (as EMPEFs são escolas onde há mais de um(a) educador(a) sendo que cada um(a) educa mais de um/a ano/série numa mesma turma, atendendo 470 alunos da Educação Infantil à 4ª série ou 5º ano) e 13 Escolas Municipais Unidocente de Educação Fundamental (as EMUEFs,

---

<sup>15</sup> As informações numéricas da cidade trazidas até aqui foram consultadas no *site* oficial da Prefeitura de Domingos Martins ([www.domingosmartins.es.gov.br](http://www.domingosmartins.es.gov.br), acessado em outubro de 2012). Alguns desses números, como o número da população, é também publicada no IBGE de 2010 (sobre essa publicação ver [sítio http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1), acessado em outubro de 2012).

<sup>16</sup> As informações que se seguem, sobre a rede municipal de ensino, foram consultadas diretamente na SECEDU e são informações atualizadas de 2012. Focaremos na rede de escolas municipais, onde a pesquisa aconteceu. Mas vale destacar que, além da rede municipal de ensino, no município há 4 escolas estaduais e 1 escola especializada filantrópica (sobre isso ver no *site* [www.domingosmartins.es.gov.br](http://www.domingosmartins.es.gov.br)).

<sup>17</sup> Hoje o Ensino Fundamental se dá em 9 anos divididos do 1º ao 9º ano. Antes ele se dava em 8 anos divididos da 1ª à 8ª série. Essa nova configuração, onde o aluno tem um ano a mais no Ensino Fundamental, ainda está em fase de implementação. Por isso é comum ainda encontrarmos nas mesmas escolas 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º anos e 4ª, 5ª, 6ª, 7ª, 8ª séries.

são escolas onde há apenas um(a) educador(a) que educa mais de um/a ano/série numa mesma turma, ou seja, são escolas onde o professor é porteiro, merendeira, secretária, etc. além de educador, contando muitas vezes com a ajuda apenas de um auxiliar. As EMUEFs atendem 242 alunos da Educação Infantil à 4ª série ou 5º ano).

Ressaltamos que contabilizamos a amplitude geral série/ano de atuação das modalidades de ensino e dos tipos de organização escolar (unidocente e pluridocente). Assim, por exemplo, nem todas as escolas unidocentes atendem da Educação Infantil à 4ª série ou 5º ano, mas que nesse tipo de organização escolar são atendidos no município desde a Educação Infantil à 4ª série ou 5º ano.

Assim, a rede municipal de ensino conta com 50 escolas, atendendo 4.909 alunos, sendo que a maior parte na zona rural. Ressalto que um grande número desses alunos, são filhos de meeiros de outras cidades e que, pela sazonalidade das colheitas, mudam muito de um lugar para outro.

### 1.3.3 “E quando começou Gritza?”

*Inutilmente, magnânimo Kublai, tentarei descrever a cidade de Zaíra dos altos bastiões. Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado; o fio esticado do lampião à balaustrada em frente e os festões que empavessavam o percurso do cortejo nupcial da rainha; a altura daquela balaustrada e o salto do adúltero que foge de madrugada; a inclinação de um canal que escoar a água das chuvas e o passo majestoso de um gato que se introduz numa janela; a linha de tiro da canhoneira que surge inesperadamente atrás do cabo e a bomba que destrói o canal; os rasgos nas redes de pesca e os três velhos remendando as redes que, sentados no molhe, contam pela milésima vez a história da canhoneira do usurpador, que dizem ser o filho ilegítimo da rainha, abandonado de cueiro ali sobre o molhe (CALVINO, I., 1990, p. 14).*

Como diz o diplomático personagem Marco Polo ao imperador Kublai Khan (CALVINO, I., 1990), uma cidade não é feita apenas por suas medidas e seus



números. Descrever “dos altos bastiões” as quantificações estatísticas, sem as memórias de luta de uma cidade, “seria o mesmo que não dizer nada” (CALVINO, I., 1990, p. 14). Posso dizer que essa pesquisa é feita de memórias, memórias de luta, ainda que sejam memórias do que aconteceu a pouco, são memórias de meu trabalho nesse centro de referência.<sup>18</sup>

E não só minhas memórias, mas também ia conhecendo outras memórias, a memória oficial da cidade que tive acesso pelo livro “História, Geografia e Organização Social e Política do Município de Domingos Martins” que foi encomendado pela prefeitura municipal em 1992.<sup>19</sup> E a memória de Gritza, que também é uma memória da cidade, e tive acesso tanto por algumas pessoas que tiveram alguma experiência com Gritza nas décadas de 70 e 80, como também por meio do livro de autoria de Helvécio de Siqueira e Silva, intitulado “Joca Pivete: o menor violentado”, de 1987.<sup>20</sup>

A violência e a injustiça iam me chamando a atenção nessas memórias, de modo que me enchia de indignação. Primeiro a violência policial contra índios botocudos no século XIX. Mas não apenas a violência contra esses índios, como também a forma em que foi registrada essa violência na história oficial da cidade. Nesse livro encomendado pela prefeitura em 1992, a violência contra os índios é registrada como uma violência legítima e autorizada. Na historiografia oficial da cidade há uma nítida política de valorização da cultura e do povo alemão, ainda que usassem de violência contra esses índios.

De acordo com os registros, a cidade foi fundada por imigrantes alemães que venderam tudo o que tinham na Alemanha, fugindo das péssimas condições de vida em sua terra, vindo ao Brasil no ano de 1846. Inicialmente aportaram no Rio de Janeiro, mas empobrecidos pelo custo dispendioso da viagem, no Rio de Janeiro também passaram por momentos difíceis. Até que foram ao imperador<sup>21</sup> que lhes enviou, então, para Vitória do Espírito Santo numa declarada política de loteamentos da terra e ocupação (SANTOS, E. S dos et al., 1992).

<sup>18</sup> Logo adiante, em “Sobre uma maneira de escrever” vou explorar melhor esse aspecto.

<sup>19</sup> O livro é de autoria de Ezequiel Sampaio dos Santos, Miguel A. Kill, Rutiléia Bigossi e Jonas Braz Murari.

<sup>20</sup> São poucos os registros históricos que trate especificamente da cidade de Domingos Martins, bem como não é interesse aqui esgotar esse assunto historiográfico. Para subsidiar esse assunto tomo por referência também o *site* oficial da prefeitura de Domingos Martins ([www.domingosmartins.es.gov.br](http://www.domingosmartins.es.gov.br), acessado em outubro de 2012).

<sup>21</sup> Nessa época, a família colonial do imperador residia no Rio de Janeiro.

Chegaram em 21 de dezembro do mesmo ano, permanecendo por alguns dias limpando e calçando a praça em frente ao atual palácio Anchieta. Até que foram levados a Viana de onde seguiram para as terras onde hoje está situada Domingos Martins (SANTOS, E. S dos et al., 1992).

Os homens foram a pé, abrindo picadas através da floresta, e as mulheres e crianças foram de canoa, pelo rio Jucu. Lá chegando, encontraram um inspetor intérprete e índios botocudos pouco civilizados, que tinham feito um roçado e construído cabanas, onde os colonos ficaram inicialmente, até que se viabilizassem melhores condições (SANTOS, E. S dos et al., 1992, p. 19).

Em uma das poucas aparições, temos o registro de que haviam índios botocudos que viviam na região, conforme o texto nos relata “índios pouco civilizados”. Com a abertura dos portos do Brasil, em decorrência da vinda da família colonial em 1808, muitos pesquisadores naturalistas europeus vieram ver e registrar sobre os índios brasileiros, definindo-os na maioria das vezes, numa categoria de humanidade inferior na escala onde o europeu encarnava o civilizado (SILVA, L. S. da, 2012).

Contraditoriamente nesse registro temos “índios pouco civilizados”, mas que não só tinham contato com os brancos, como também trabalhavam para eles, fazendo um roçado e cabanas improvisadas. Quase não se fala desses índios. Eles são ofuscados pelos valentes colonos alemães que venciam as dificuldades por que passavam.

Em uma outra citação desses índios, vemos:

Os índios botocudos estavam revoltados com a situação e ensaiaram uma represália. Isso assustou muito os imigrantes, que foram convidados a voltarem a Viana, onde tinham ficado anteriormente, até que os índios fossem presos e distribuídos em diversas partes. O reforço policial foi suficiente para manter os índios afastados e, aos poucos, foram se interiorizando pela mata adentro, deixando os colonos em paz (SANTOS, E. S dos et al., 1992, p. 20).

O registro não fala o que revoltava os índios, só fala que os índios estavam revoltados, que os índios estavam tirando a paz dos colonos alemães, estavam talvez atrapalhando seus planos de loteamento e ocupação. Mas, os “valentes alemães”, usando de força policial, conseguiram dizimar os índios revoltados, conseguiram apagar seus vestígios e silenciar seus ruídos. Com esse tipo de registro historiográfico encomendado pela prefeitura em 1992, indignado

começava a me perguntar que tipo de violência legitimada e autorizada poderia estar se atualizando hoje nesse município.

Com o loteamento e a ocupação dos colonos alemães, no dia 20 de outubro de 1893, assim o município de Santa Isabel desmembrou-se de Viana através do Decreto Estadual nº 29 e foi elevado a município. Sua instalação deu-se no local denominado Campinho (hoje sede do município de Domingos Martins) em 19 de dezembro do mesmo ano.

Com a perseguição e violência contra os índios botocudos, talvez gritza já estivesse presente desde a fundação da cidade, pois “[...] Onde quer haja alguém triste e abandonado, onde quer haja alguém transtornado e perseguido, em seu coração nasce e floresce o desejo de encontrar Gritza. [...]” (SILVA, H. de S. e, 1987, p.49). Mas gritza não faz parte da história oficial da cidade. Talvez gritza seja essa minha indignação, esse meu desejo por justiça.<sup>22</sup>

Havia em Campinho, no antigo povoado de Pannels, uma sociedade civil sem fins lucrativos, uma Comunidade Agrícola fundada por Helvécio de Siqueira e Silva (professor efetivo do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo) em 1977 que se chamava Gritza.<sup>23</sup> Essa Comunidade Agrícola talvez fosse esse desejo de justiça, uma luta contra a violência e o extermínio de crianças e adolescentes, que na época eram designadas por “menores abandonados” e “menores infratores”, “aqueles pivetes que ninguém mais queria saber deles”.<sup>24</sup> Mas quem era Helvécio?

[...] De repente me veio à mente a figura de Helvécio me levando a recordar o dia em que meu escritório foi “invadido” por universitários do Espírito Santo. Todos traziam no semblante a indignação estampada pela injustiça praticada pelas autoridades daquele estado contra Helvécio. Quem era Helvécio?, indagava eu, querendo penetrar a alma dos indignados. Naquele momento, só consegui compreender que se tratava de um professor da Universidade Federal do Espírito Santo que se colocara na defesa de um menino que havia sido espancado pela polícia de Campinho até atingir a loucura. Ao denunciar as autoridades, Helvécio acabou sendo processado por denúncia caluniosa, o que levou os jovens estudantes a formarem grupos e a saírem pelo Brasil continental [...] (JUNQUEIRA, L. Prefácio. In: SILVA, H. de S. e, 1987, p.17).

<sup>22</sup> Não encontrei uma definição, ou uma tradução da palavra “gritza”. Alguns dizem que ela pode significar “murmúrios”.

<sup>23</sup> Gritza encerra parcialmente suas atividades no início de 1985.

<sup>24</sup> Essa fala foi trazida por um morador de Domingos Martins que, na época de Gritza, era diretor de uma instituição da cidade, que também abrigava “menores abandonados” e “menores infratores”, “mas esses que Helvécio abrigava em Gritza, ninguém mais queria”, dizia ele.

Conhecendo essas memórias, essa pesquisa ia ganhando um pouco da “revolta dos índios botocudos”, um pouco da justiça de Helvécio que “se colocara na defesa de um menino que havia sido espancado pela polícia de Campinho até atingir a loucura”, um pouco de gritza.

Como vimos antes, lançava-me, em minha pesquisa, a um plano descentrado, a uma rede composta de elementos discrepantes em defasagens mútuas. E, de um centro da anormalidade, indagava sobre o que tinham a afirmar esses alunos “hiperativos”, “violentos”, “agressivos” em seus ruídos sub-reptícios.

Agora, na conjugação com uma profundidade do tempo da cidade, meu problema de pesquisa se modulava numa força contra toda violência. Levantava-me contra toda opressão policial, contra toda violência exercida contra crianças e adolescentes, violência que poderia estar se atualizando hoje, ainda que de outras formas e para responder a outras questões.

No uso que se faz no dia-a-dia de um equipamento da anormalidade, me inclinava a colocar em evidência o exercício do poder tal como se faz, fazendo-o aparecer na fineza de sua astúcia, entoando um canto por *uma vida não fascista* (FOUCAULT, M., 1993, p.199).

#### 1.4 Sobre uma maneira de pesquisar

*Chamamos de política cognitiva um tipo de atitude ou de relação encarnada, no sentido em que não é consciente, que se estabelece com o conhecimento, com o mundo e consigo mesmo. Tomar o mundo como fornecendo informações prontas para serem apreendidas é uma política cognitiva realista; torná-lo como uma invenção, como engendrado conjuntamente com o agente do conhecimento, é um outro tipo de política, que denominamos construtivista. [...].*  
(KASTRUP, V., 2007, p. 15 e 16).

Não estamos atrás de uma verdade absoluta. Tampouco o interesse está num relativismo niilista, procurando desbravar um ponto de vista sobre uma coisa. Muito pelo contrário, não há uma verdade absoluta, como nos colocamos numa

necessidade de se *dissolver o ponto de vista do pesquisador* (PASSOS, E.; EIRADO, A. do, 2010).

Entendendo que não há uma verdade absoluta das coisas, portanto não há também um *a priori* das coisas, algo que já está aí, uma realidade pré-existente a ser desvelada. Bem como, seguindo esse entendimento, não há uma essência humana, que supostamente fundaria um ponto de vista.

Como não há uma verdade absoluta, uma essência, um *a priori* a ser desvelado, tampouco o 'eu' pesquisador e o 'mundo' são inexoráveis. À medida que o 'eu' se relaciona com o 'mundo' a fim de transformá-lo, inevitavelmente o 'eu' também é transformado. Há, dessa forma, um *co-engendramento eu-mundo* (KASTRUP, V., 2007), sem unidirecionalidades.

Uma questão se impõe diante dessa perspectiva: Se não há uma verdade a ser pesquisada, e se tanto o pesquisador quanto o mundo estão fadados a mudança, em que consiste essa pesquisa e o ato de pesquisar?

O desafio dessa pesquisa está na medida em que ela não se interessa, como vimos, em discorrer sobre verdades absolutas, tampouco em representar os objetos, mas em *acompanhar um campo processual* (BARROS, L. P. de; KASTRUP, V., 2010), constituído por dois planos indissociáveis, o plano das forças moventes e o plano das formas emergentes (KASTRUP, V., 2007).

As formas emergem desses planos de forças e depois que elas emergem são relançadas e passam a funcionar nesse mesmo plano de forças, ou seja, as forças e as formas se distinguem, mas não se separam.

Habituo-nos, muitas vezes, a tomar as formas emergentes por causas, perdendo de vista de que essas formas são o resultado provisório de um enfeixamento de forças. O plano de forças é considerado, muitas vezes, como algo obscuro, fantasmagórico, exceção, acidental.

Quando a direção da escola aciona, por exemplo, o CREI para levar o caso do aluno Juca, dizendo que ele é agressivo com os colegas porque sua família é desestruturada; ou, o caso do Huck, dizendo que ele vive na rua, por isso ele não tem regras. Tudo isso exemplifica o como estamos habituados a tomar as formas por causas.

O que se fala quando se chama uma família de “desestruturada”? Para que se fala que uma família é “desestruturada”? Como vai se fazendo a família de Juca que é chamada de “família desestruturada”? Por que Juca só é agressivo com os colegas da escola? Ou ainda, as ruas de Huck são as mesmas ruas de quem fala que ele não tem regras porque vive nas ruas? O que leva Huck as suas ruas? De que regras se fala?

Essas perguntas tencionam formas que vamos tomando por causas, nos acionando a um coletivo de forças, podendo nos instigar a uma curiosidade pela vida. É assim, tomado por uma curiosidade ilimitada pela vida, que vou me abrindo a pesquisar o que os Hucks, os Jucas, e outros, alunos da rede municipal de ensino, encaminhados ao CREI por serem alunos “agressivos”, “violentos”, “hiperativos”, o que eles têm a afirmar.

Abrimo-nos aos signos de processualidade (os ruídos sub-reptícios, que logo mais a frente vamos chamar de canto aterrorizador, ruídos sombrios, musicalidade, etc.) que se fazem sentir nas mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo. Fazem-se sentir no desconexo, no caos, no elemento surpresa.

O problema que se pesquisa geralmente fomenta uma sensibilidade seletiva pré-determinada, tendemos dirigir nossa atenção a algo específico, com base em expectativas e inclinações, e que por ventura põem em relevo aquilo que a ele se conecta. Se, então, Juca é agressivo com os colegas porque sua família é desestruturada, incorremos no risco de polarizarmos nosso olhar, fechando nosso foco nos elementos que apenas (re)editam essa percepção. O fragmento de desconexão, dessa forma, passaria despercebido.

É fundamental, com isso, a

[...] suspensão de inclinações e expectativas do eu, que operariam uma seleção prévia, levando a um predomínio da reconhecimento e conseqüente obturação dos elementos de surpresa presentes no processo observado. [...] a atenção seletiva cede lugar a uma atenção flutuante, que trabalha com fragmentos desconexos (KASTRUP, V., 2007, p.16 e 17).

A seleção prévia levaria ao predomínio da reconhecimento na medida em que pondo em relevo os pontos de conexão, seguindo expectativas, o pesquisador estará

arriscando a nunca descobrir nada além do que já sabe. Ficaria capturado na repetição das formas (KASTRUP, V., 2007; KASTRUP, V., 2010).

Por outro lado, quando a atenção seletiva cede lugar a uma atenção flutuante, o pesquisador, por isso, não dirige sua atenção para um ponto específico, porém exercita-se a prestar atenção, de igual modo, para tudo o que se lhe dá na gestão de seu campo de pesquisa (KASTRUP, V., 2007; KASTRUP, V., 2010).

Nada é posto em relevo previamente, até que, e por isso mesmo, emerge o inusitado. Em seu caráter desconexo ou fragmentado, ela desperta a atenção do pesquisador involuntariamente. Ele ainda não sabe do que se trata, é para ele algo muito sombrio, mas nesse momento, esse fragmento sinaliza uma orientação, é o signo de processualidade.

Portanto, no princípio, tudo na gestão do campo de pesquisa tem de ser igualmente digno de atenção. Entretanto, isso não continua assim. A medida, que os signos de processualidade se impõem, a atenção torna-se afinada a eles.

É uma política cognitiva que marca sua diferença dos modos hegemônicos de fazer ciências, herdeiras do pensamento cartesiano, que elegem a razão como condição *sine qua non* da suposta verdade inexorável (DESCARTES, R., 1987). Poderíamos dizer, num primeiro momento, e tomando o registro teórico cartesiano, mas para subvertê-lo, que nós elegemos para fazer essa pesquisa exatamente aquilo que toda a tradição cartesiana tanto teme, isto é, as paixões do corpo, aquilo mesmo que para os modelos científicos ancorados no cartesianismo é tão prejudicial para a suposta verdade absoluta.

Poderíamos ir ainda mais longe e dizer que nossa principal ferramenta é, na classificação cartesiana, a *paixão admiração*.

E pode-se dizer particularmente da admiração que ela é útil porque nos leva a aprender e a reter em nossa memória coisas que dantes ignorávamos; pois só admiramos o que nos parece raro e extraordinário; e coisa alguma pode parecer-nos assim senão porque nós a ignorávamos, ou também porque é diferente das coisas que conhecíamos; pois é essa diferença que nos leva a chamá-la extraordinária. Ora, ainda que uma coisa que nos era desconhecida se apresente de novo ao nosso entendimento ou aos nossos sentidos, não a retemos por isso em nossa memória, se a idéia que dela temos não for fortalecida em nosso cérebro por alguma paixão, ou pela aplicação de nosso entendimento, que a nossa vontade determina a uma atenção e reflexão particulares. E as outras paixões podem servir-nos para

notar as coisas que parecem boas ou más, mas só dispomos da admiração para as que parecem tão somente raras. Por isso, vemos que os que não possuem qualquer inclinação natural para essa paixão são ordinariamente muito ignorantes. (DESCARTES, R., 1649, p. 106).

Entretanto, essa aproximação é apenas imediata, pois é notável, logo em seguida, que é por demais forçosa, sabendo que o modo de conhecer nessa pesquisa não acredita na coisa rara cartesiana, concebida no registro de uma verdade absoluta, mas tomado pelo raro acredita se deparar com o plano de forças de onde formas podem se atualizar.

Enquanto que no registro da verdade absoluta, saberes e práticas são naturalizados, produzindo efeitos de normalização na conjuntura social, os signos de processualidade, com seu caráter desconexo, fragmentário, disruptivo, apontam para um movimento inventivo que esgarça a naturalidade e normalidade das coisas, anunciando a emergência daquilo que afirma a vida.

O conhecimento não é uma colocação em relação de dois extremos, dois pólos pré-existentes, mas que o ato de conhecer implica num co-engendramento eu-mundo. O rigor dessa pesquisa está em tatear índices laminares,<sup>25</sup> rasgando a realidade dominante e se abrindo a mundos novos, mundos por-vir, mundos poéticos.

Longe de definir um conjunto de regras abstratas e prescritivas para serem aplicadas, não vemos um caminho linear para atingir um fim. Esta investigação possui múltiplas entradas e não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado. As ferramentas apropriadas para o pesquisar são *ad hoc*, isto é, caso a caso (KASTRUP, V., 2007).

Uma prática, um conjunto de ações e gestos, etc. que se esboçam imprevisivelmente na gestão do campo de pesquisa, transformam o próprio ato de pesquisar. Não há um método universal e que se possa aplicar, mas um método a ser inventado no ato de pesquisar. Seria, por assim dizer, um

[...] uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-metá*. A diretriz [...] se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do

---

<sup>25</sup> Chamo de “índices laminares” as pistas de um mundo não sabido que cortam e rasgam a realidade dominante, se abrindo a um mundo inventivamente sombrio.



processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados (PASSOS, E.; BARROS, R. B. de, 2010, p.17).

## 1.5 Sobre uma maneira de escrever

*[...] não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? [...].*  
(BENJAMIN, W., 1994, p. 223)

O processo de escrita dessa pesquisa explora uma relação com a memória do que aconteceu há pouco, durante a pesquisa. Memória de lutas, uma reminiscência não para ser conhecida tal como foi, mas para ser apropriada como instrumento criador, uma força contra o conformismo no presente.

Não há um registro do qual eu pudesse me apropriar, alguma entrevista que tivesse sido formalizada, uma gravação que pudesse trazer falas tal qual foram proferidas<sup>26</sup>, não há, enfim, a arquitetura de um cenário de pesquisa forçando a emersão da coisa pesquisada. Há o ordinário do dia-a-dia de meu trabalho. Muitas vezes era subsidiado por um diário<sup>27</sup> onde fazia alguns apontamentos que indicavam o que havia acontecido. Tudo isso me permitia uma abertura para meu testemunho direto.

Logo um desnivelamento se impõe abruptamente no ato de escrever o que se passou, pois não se trata de um discurso apenas sobre outros discursos, mas de uma arte de caçar e ser caçado por palavras no ato de discorrer sobre aquilo que não é só discursivo, uma rede de forças estranha a palavras.

Coloco-me nesse desnivelamento ao escrever, suportando-o ao fazer de minha escrita não uma teoria sobre práticas, mas já uma prática astuciosa não cooptada nos labirintos de suas frases.

[...] a teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática. Mas local e regional [...] não totalizadora. Luta contra

<sup>26</sup> As falas registradas nessa pesquisa não são tal como foram proferidas, mas se teve a preocupação de preservar a dimensão enunciativa do que se falou, isto é, preservar uma pragmática da fala, o que ela fazia funcionar nos jogos de forças de que era elemento.

<sup>27</sup> Como possibilidade de retomar algumas intervenções pretéritas em meu trabalho, criei um diário como forma de registro, onde diariamente escrevo sobre demandas, interferências ocorridas, sentimentos amalgamados, acontecimentos que me chamam a atenção, indícios de uma processualidade.

o poder, luta para fazê-lo aparecer e feri-lo onde ele é mais invisível e mais insidioso. [...] Uma “teoria” é o sistema regional desta luta. (FOUCAULT, M., 2008, p. 71).

De minhas memórias não se extrai um passado fixo e determinável. Re-equaciono a linha passado-presente, (re)construindo o passado conforme necessidades do presente (FERREIRA, M. M., 2002), (re)encaminhando o material mnemônico ao plano de forças que urgem no tempo dessa arte de dissertar.

É com as exigências que se colocam aqui, em meio a uma pergunta que se força junto a minha prática, que se traz a memória de lutas de minha prática em lutas tergiversadas, faz da escrita um instrumento suplementar de luta. Buscamos alianças nas memórias, nas memórias de luta, como dispositivo que escapa, que fura e que cria novos contextos.

Um olhar endógeno, validado pelo outro,<sup>28</sup> dão testemunho de uma riqueza visceral da constituição de uma realidade epidérmica, em declarados contrastes com as gélidas quantificações estatísticas e totalizações teóricas. Uma escrita não raro sem deixar de trazer elementos que se contrapõem a história dos documentos oficiais (THOMPSON, P., 1992).

A memória mediatiza transformações espaciais. Segundo o modo do ‘momento oportuno’ (*kairós*), ela produz uma ruptura instauradora. Sua estranheza torna possível uma transgressão da lei do lugar. Saindo de seus insondáveis e móveis segredos, um ‘golpe’ modifica a ordem local. [...] (CERTEAU, M. de, 2012, p. 149).

Essa escrita vai se tornando uma história estranha, com personagens de outros tempos e coisas inusitadas. Já evidenciamos que nosso interesse não diz respeito a estruturas, mas a redes de forças, deslocamo-nos dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares. Agora traçamos uma escrita que tem na memória um ranço polifórmico. Como não tornar isso demasiadamente pessoal, algo exageradamente intimista?

---

<sup>28</sup> O material que subsidia a criação dessa escrita foi submetido à apreciação de algumas pessoas envolvidas, como forma de validação desse registro. É pela natureza denunciante do material que optamos taticamente por submetê-lo à apreciação de apenas alguns envolvidos e não de todos.

Todo enlevo dessa história é carregada por um processo mnemônico desindividuado, uma memória que subsiste na sua íntima ligação com circunstâncias, ainda que vividas por mim. Quantas memórias temos que são irrememoráveis? Irrememoráveis porque sua singularidade de circunstâncias são irrepetíveis. O cenário das circunstâncias, a presentificação de intercessores (um texto, uma fala, uma pessoa, um verão, etc.), forçam uma memória que já não é re-memoração, mas uma arte de criação.

Então, como fazer de minha lembrança algo que de fato seja apenas minha, se ela se constitui necessariamente na rede social que vivo? Lançando a essa questão, fica latente que lascas de memória fazem combinações com pedaços do que acontece formando singularidades que faz referência a um “eu” que as experimenta. Assim, não só o fator extrínseco de circunstâncias precisas produz efeitos de memória singulares, mas a consciência individual também traz todo um encadeamento singular de memória que só ela pode fazer. Mas como seria possível esse encadeamento destituído do grupo em que vivemos, onde conexões, ligações com a vida, com as coisas, com as pessoas definem rastros dessas memórias? Ainda essa memória tão pessoal, é imbricada de coletivo (HABWALCHS, M., 2006).

Assim segue uma história fundamentada em memórias, em minhas memórias que são coletivas, em memórias de ninguém e de todo o mundo ao mesmo tempo, numa paradoxal relação de criação, de co-memoração. Essa história já não é o que aconteceu, mas uma poética com o que aconteceu, celebração de forasteiros da palavra.

Uma arte que depende da experiência, e não apenas da experiência, mas da experiência que se exterioriza, mas no labor de palavras que não recaem em técnicas informacionais que estancam a potência criadora na novidade fechada nela mesma e nas explicações que exige (BENJAMIN, W., 1994).

Em meio a uma cobrança cada vez maior por enredos lineares e com sentido, essa história traz um espectro difuso, numa aposta de ingênuo na palavra instauradora de criações. Sem deliberações preliminares, aconteceu de minhas memórias, no entremeio de muitas interferências no ato de escrevê-las, ir se tornando uma ficção, uma fábula, descomprometida a se ajustar o mais possível a uma realidade suposta, uma escrita, muito pelo contrário, que aparenta

subtrair-se a uma conjuntura dada. “[...] Deste modo, precisamente, mais que descrever um ‘golpe’, ela o faz [...]” (CERTEAU, M. de, 2012, p. 142). Segue então uma fábula...<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> A primeira parte da história que se segue (o capítulo 2. “Entre rumores de guerra e musicalidades”) aconteceu na escola especializada do município de Colatina (ES) no período em que ali trabalhava. Do capítulo 3 em diante prossigo a história, agora sim, em Domingos Martins (ES). Todavia, essa discriminação, faço apenas aqui.

## 2 ENTRE RUMORES DE GUERRA E MUSICALIDADES

### 2.1 Bandos monstruosos e anormais risíveis: a ação dos doutores de esquadros

Eram muitos, tinham aspectos bizarros que não lembravam em nada o *homem-branco-masculino-adulto-heterossexual-habitantes da cidade*<sup>30</sup> (DELEUZE, G., GUATTARI, F., 1995). Lembravam monstros, deformados, espécimes híbridas, resultados de desarranjos das linhagens hominídeas.

Eram muitos neste lugar. Ali era onde eram guardados, formando uma massa de miseráveis pertencentes a uma humanidade inferior, reputados a um tipo humano mais próximo da bestialidade. Eram guardados nesse *asilo* e pelos aspectos monstruosos, despertavam o interesse de alguns olhares, de modo que não só eram ali guardados, mas também expostos tal qual uma vitrine fantástica de curiosidades.

Alvos não só da piedade filantrópica, despertavam também os espíritos mais esclarecidos a fazerem deles objetos de seu saber. Não era a toa que em torno deles, equipados com os mais sofisticados instrumentos de medidas, se formava um grupo de pessoas que vestiam jalecos brancos, assépticos, uníssonos, monótonos, donos da perspectiva verdadeira, eram os *doutores de esquadros*.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Esse termo composto é empregado para indicar uma maioria, mas não necessariamente uma maioria numérica, e sim uma maioria que implica uma constante, de expressão ou de conteúdo, tal qual um metro-padrão. “[...] Suponhamos que a constante ou metro seja homem-branco-masculino-adulto-habitante das cidades-falante de uma língua padrão-europeu-heterossexual qualquer (o Ulisses de Joyce ou de Ezra Pound). É evidente que ‘o homem’ tem a maioria, mesmo se é menos numeroso que os mosquitos, as crianças, as mulheres, os negros, os camponeses, os homossexuais...etc” (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1995, p.52).

<sup>31</sup> Usamos esquadros, tomando-os da definição de normal, contundentemente criticada por Georges Canguilhem (2010): “[...] é normal, etimologicamente – já que norma significa esquadro – aquilo que não se inclina nem para a esquerda nem para a direita, portanto o que se conserva num justo meio termo; daí derivam dois sentidos: é normal aquilo que é como deve ser; e é normal, no sentido mais usual da palavra, o que se encontra na maior parte dos casos de uma espécie determinada ou o que constitui a média ou o módulo de uma característica mensurável. [...]” (CANGUILHEM, G., 2010, p. 85).

Ajuntamento não aleatório, ocasião forçada, desfecho de vicissitudes induzidas. Estavam ali por ocasião de uma batalha. Esses bichos eram os irreduzíveis, os inclassificáveis, os inassimiláveis que se esbarravam em relações que classificam, hierarquizam, vigiam.

Em meio a revoluções silenciosas, a batalhas em surdina, são os personagens residuais do território escolar, irreduzíveis, levados àquelas trincheiras suplementares de dominação onde se misturavam. O *asilo* onde estavam era uma escola especializada.

Embora aqueles seres bizarros estivessem em grande número, havia ali uma densidade estranha que não era resultado aritmético da soma de suas individualidades, mas uma densidade de muitos, desindividuos. Em muitos momentos, formavam bandos, *matilhas* (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1995).

Franny ouve uma emissão sobre lobos. Eu lhe digo: gostaria de ser um lobo? Resposta altiva – é idiota, não se pode ser um lobo, mas sempre oito ou dez lobos, seis ou sete lobos. Não seis ou sete lobos ao mesmo tempo, você, sozinho, mas um lobo entre outros, junto com cinco ou seis outros lobos. [...] (DELEUZE, G; GUATTARI, F., 1995, p. 42).

Eram muitos, uma *multiplicidade*<sup>32</sup> monstruosa, se misturavam corporificando uma silhueta sinérgica camaleônica que acompanhava uma vibratibilidade estranha a leis e normas demasiadamente humanas e produzia um som, parecia uma voz, mas não lembrava em nada a voz humana, eram ruídos terríveis.

Não compunham uma mistura qualquer. Definitivamente era uma mistura que carregava um ranço de monstruosidade, uma monstruosidade empalidecida que produzia uma profusão sinestésica sentida como uma violência desmedida. Eles traziam vestígios do *monstro humano* (FOUCAULT, Michel, 2010), aquele que pela existência mesma encerrava uma violação às leis daquela sociedade de *homens-brancos-masculinos-adultos-heterossexuais-habitantes da cidade*

---

<sup>32</sup> Para distinguir de *múltiplo* é que fazemos uso de *multiplicidade*, tal qual Gilles Deleuze e Félix Guattari o fazem. Sabendo que a idéia de *múltiplo* é concebida na relação com o uno, numa relação de oposição ou numa relação dialética, usamos *multiplicidade* para pensar o múltiplo em estado puro, “[...] para deixar de fazer dele o fragmento numérico de uma Unidade ou Totalidades perdidas ou, ao contrário, o elemento orgânico de uma unidade ou totalidade por vir [...]” (DELEUZE, G; GUATTARI, F., 1995, p. 46).

(DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1995), uma violação aos esquadros de medição usados pelos notáveis doutores dessa sociedade.<sup>33</sup>

Naquele dia, numa manhã de inverno, o ano era 2010, estava chegando ao asilo mais um doutor de esquadros. Ele chegava com os seus equipamentos de medida, apetrechos pesados que carregava em seu corpo enfadonho.

Chegando ao asilo é surpreendido por essas existências bizarras num ajuntamento enlouquecido, uma mistura que lhe provocava sensações monstruosas, tomando-o de vertigens indizíveis. Saiu de perto daquilo às pressas, mesmo com todo aquele peso no corpo que lhe causava letargias de movimento. Saiu quase que correndo, como se fugisse. Estava pálido, como se tivesse visto um fantasma, sua boca estava ressequida, os batimentos em disritmias, a respiração aguda.

Ele fugia, e fugia para dentro do asilo, onde estavam os demais doutores de esquadros trancafiados em guarnições, munidos de seus esquadros. Sem demora também foi se refugiando numa repartição daquelas, longe daquela mistura horrorosa que havia lhe pegado de surpresa.

Só quando, já dentro daquele refúgio, espreitando com seus esquadros aquela mistura pela fresta da porta, havia começado a entender do que se tratava. Ainda meio desengonçado pela pressa, desassossegado procurava o melhor foco de observação com suas tecnologias de medida. Sem causar muito barulho, olhava sorrateiro para aquela mistura de fora conseguindo decantar apenas alguns personagens ainda embaçados pelo olhar desfocado.

Estava ofegante, fazia tempo em que não colocava seu corpo a se movimentar daquela forma. Mas a medida que conseguia saber sobre aquela mistura ia sendo tomado de um prazer inominável e seu corpo voltava a se arrefecer. Um

---

<sup>33</sup> Quando Foucault traz a figura do monstro, o faz numa genealogia muito precisa: essa figura é talhada principalmente numa sociedade marcada por um regime jurídico, marcado pelo regime da lei. O monstro seria o que equivoca um funcionamento jurídico. Mas essa figura do monstro se atualiza hoje, ainda que de modo empalidecido, num funcionamento não mais marcado pela lei, mas pela norma. O monstro seria um dos personagens etiológicos da anormalidade. Essa figura é usada aqui como o que pela existência mesma, traz inquietações, indícios de uma realidade sombria, que não se sabe.

sorriso sádico despontava em sua boca, ao ver no desfocado de suas lentes o *indivíduo a ser corrigido*.<sup>34</sup>

O indivíduo que se apresenta como sendo a corrigir na proporção em que todas as técnicas, todos os procedimentos, todos os investimentos familiares e corriqueiros de educação pelos quais se pode ter tentado corrigi-lo, foram um insucesso (FOUCAULT, M., 2010). Indivíduo, por assim dizer, incorrigível, invencível nas estratégias de correção, insubmisso aos alinhamentos. Figura que, nessa relação, imbatível, vinha sempre demandando novos investimentos de correção, um refinamento das tecnologias de controle, numa espécie de rebatimento circular que dava náuseas.

As coisas iam se clareando a ele ainda mais na medida em que o foco ia tendo o melhor ajuste. Sem que houvesse notado, já se passara um tempo longo em que estava ali a observar, parecia que estava possuído do ato de observar. Estava obstinado a não sair dali enquanto não soubesse milimetricamente sobre aquela mistura.

Pela persistência não deixou de identificar também, ainda sem ter atingido o melhor ponto de observação, a figura do *masturbador*,<sup>35</sup> esse indivíduo que porta consigo o segredo de sua masturbação, segredo que é a raiz de quase todos os males possíveis. “[...] Ele é a espécie de causalidade polivalente à qual se pode vincular, [...], imediatamente, toda a parafernália, todo o arsenal das

---

<sup>34</sup> “[...] O indivíduo a ser corrigido é, no fundo, um indivíduo bem específico dos séculos XVII e XVIII – digamos da Idade Clássica. [...] O contexto de referência do indivíduo a ser corrigido é [...]: é a família mesma, no exercício de seu poder interno ou na gestão da sua economia; ou, no máximo, é a família em sua relação com as instituições que lhe são vizinhas ou que a apóiam. O indivíduo a ser corrigido vai aparecer nesse jogo, nesse conflito, nesse sistema de apoio que existe entre a família e, depois, a escola, a oficina, a rua, o bairro, a paróquia, a igreja, a polícia, etc. Esse contexto, portanto, é que é o campo de aparecimento do indivíduo a ser corrigido” (FOUCAULT, M., 2010, p.49).

<sup>35</sup> Tanto a figura do *masturbador*, como a figura do *indivíduo a ser corrigido*, juntamente com o personagem do *monstro humano*, que aqui propositalmente não é tomado de modo individual (logo a seguir explico o porquê), são representantes etiológicos do *anormal* (FOUCAULT, M., 2010). Eles são identificados, nessa história, quando os equipamentos de medida ainda estão um pouco desfocado justamente por se tratarem de personagens de outra época. O personagem do *monstro*, esse que pela existência mesma encerrava uma violação não só das leis da sociedade, mas também das leis da natureza, a forma espontânea, mas brutal, a forma natural da contra-natureza (FOUCAULT, M., 2010), é um personagem que tem uma ascendência muito maior que a do *onanista* e a do *indivíduo a ser corrigido*, bem como uma ascendência mais imprecisa. Tendo como contexto de referência o conjunto das leis da natureza e da sociedade, o *monstro* é um personagem cosmológico ou anticosmológico (FOUCAULT, M., 2010), nesse sentido, tomamos o personagem do *monstro humano* não de modo individualizado, mas o tomamos em toda aquela mistura, dando a ele um sentido peculiar (ver nota 33). Assim, mesmo que decantando daquela mistura os outros personagens, os tomo todos, de um modo geral, também na figura do *monstro*, do *monstro humano*, da mistura monstruosa, em sua perspectiva cosmológica.



doenças corporais, das doenças nervosas, das doenças psíquicas. [...]” (FOUCAULT, M., 2010, p. 51).

Ainda que seus focos não estivessem afinados, já gozava encontrar os desvios, os corpos tortuosos, a presentificação desses personagens que já não cabiam na justa medida de seus esquadros. Havia nisso um misterioso prazer, um (re)conhecimento de si mesmo, era onde se encontrava nele mesmo.

Não era difícil que visse por meio de seus esquadros, por meio do lugar de onde via e do ângulo de sua existência que todos naquela mistura que olhava eram *degenerados*,<sup>36</sup> seres que carregavam inscritas em seus corpos marcas sinuosas de outros tempos, restos de loucuras de antepassados que os afligiam numa degradação incontornável. Seres degradados que exalavam um odor fétido de seus ascendentes, presos a uma linhagem apodrecida de futuro já comprometido. Restava, quando inconsertáveis, guardá-los de certo número de circunstâncias determinadas que poderiam desencadear uma loucura derradeira (FOUCAULT, M., 2006).

Mas alguma coisa não estava muito certa naquela mistura que olhava meio escondido com seus esquadros já muito dentro do asilo. Havia uma densidade estranha naquela mistura que não estava ao alcance de seus esquadros, que em relances, lhe assombrava com uma cintilação espectral de uma dimensão que não lembrava em nada o que ele conseguia medir. Em episódios específicos de bandos ou de *matilhas*, formavam uma espessura incomensurável, uma filigrana intrincável, algo insuportável às vistas.

Mesmo mantendo uma distância sábia, não tinha dúvidas que havia de se distanciar quanto mais. Não se tratava de um distanciar em comprimento, a distância que tomava não era uma distância decomponível em unidades, uma distância de quantidades extensivas que se dividiriam, mas uma distância indivisível que aumenta e diminui, podendo atingir limiares em que decorre uma mudança de natureza. Uma certa distância não poderia ser violada, tinha que se distanciar quanto mais para dentro, assim se perseverando *doutor de*

<sup>36</sup> Como vimos antes, a concepção de “degenerado” é formulada por Morel em 1857. A partir do degenerado, concebendo uma história hereditária e a partir dessa história hereditária, foi se constituindo o corpo-objeto da intervenção psiquiátrica que até então lhe faltava (sobre isso ver aula de 16 de janeiro de 1974 em “O Poder Psiquiátrico” de Michel Foucault), marcando nessa história os antecedentes etiológicos dos desvios de comportamento próprios do degenerado (sobre isso, ver também a aula de 19 de março de 1975 em “Os Anormais” de Michel Foucault).

*esquadros*, enquanto os outros, *monstros*, *indisciplinados*, *onanistas*, imagens espelhadas de um eu “dentroficado”.

[...] A idéia de ‘diferença’ que se faz presente em tais práticas somente reafirma a identidade, o outro se resume a alguém distinto de um ‘eu’, o que vem configurar a manutenção da polaridade sujeito e objeto. Admite-se a diversidade de uma forma asséptica. Mecanismos de um processo de indiferença que faz a diferença ser banalizada, pregada aos quatro cantos num discurso de aceitação e respeito distanciados. O que não significa envolvimento, possibilidade de afetar e de ser afetado pelo outro, abertura para as transformações promovidas nos encontros da vida (MACHADO, L. A. D., 1999, p. 220 e 221).

Ele se distanciava quanto mais para dentro. Dentro do asilo, entrava ainda mais. Dentro de uma repartição, dentro de um refúgio, dentro do consultório do *doutor de esquadros*, se distanciando para dentro. Era onde conseguia encontrar a boa perspectiva, o ângulo conveniente, os instrumentos de medida necessários, era onde encontrava o foco adequado afinado com o esquadro certo, era onde conseguia operar toda uma engenharia que lhe possibilitava surpreender a verdade daquela mistura (FOUCAULT, M., 1999), ordenando-a.

Muito dentro, após um cálculo ininterrupto, concentrado, ritualístico, combinando o melhor ângulo com a melhor distância, sem a sofreguidão de antes, encontrava o foco de seus esquadros que deixava agora tudo muito claro, aquela mistura ganhava uma legibilidade inconfundível. Sem o menor controle, olhando agora aquela mistura, começara a rir, pois agora via que se tratava de anormais.

Lonjura asséptica tão perto. Tomava distância para dentro cada vez mais, paradoxalmente ficando cada vez mais perto daqueles seres risíveis. É que cada vez que tomava distância para dentro, se tornava elemento de exercício de um poder que

Mais do que as velhas interdições, esta forma de poder exige para se exercer presenças constantes, atentas e, também, curiosas; ela implica em proximidades; procede mediante exames e observações insistentes; requer um intercâmbio de discursos através de perguntas que extorquem confissões e de confidências que superam a inquisição. Ela implica uma aproximação física e um jogo de sensações intensas [...] (FOUCAULT, M., 1988, p. 51).

Distanciava-se cada vez mais para dentro, se distanciava entrando, e em entrando fazia entrar aqueles seres onde eram constituídos anormais.

Distanciava-se, paradoxalmente, ficando muito perto desses seres, o suficiente para encontrar a verdade de suas anormalidades. Na medida mesma que entrava, fazia-os entrar de modo que os acariciava de perto com seus olhos, roçava-os com suas métricas, intensificando uma certa sensualidade de encontro.

E ali dentro, ele sentia que crescia, mas era estranho que ele sentia que crescia na medida mesma em que também multiplicava os desvios que suscitava com suas técnicas. Percebia que os desvios, longe de serem inimigos, eram para ele o suporte que amplificava sua atuação, um apoio em que o poder que exercia avançava, organizando linhas de penetração infinitas em torno da vida.

Dentro, pelo refinamento das técnicas de medida, os desvios iam sendo multiplicados de modo que nada parecia escapar, açambarcando até os elementos mais invisíveis a olhos nus. Eram tantos desvios, que eles, os *doutores de esquadros*, resolveram organizá-los em taxilogias de espécies anormais. Havia uma *pluralidade*<sup>37</sup> de anormais.

Uma vez identificadas as anormalidades, pelo manuseio de seus esquadros, escandiam uma *realidade analítica* (FOUCAULT, M., 1988) de modo que toda a história, todo o passado, toda a infância, o caráter, a anatomia, a fisiologia do indivíduo era saturado pela ligação com a espécie de sua anormalidade. Tudo o que ele fazia era subjacente a anormalidade que nele era identificada, de um jeito que sua biografia se confundia com a anormalidade que dele se observava.

Isso só era possível estando perto desses seres, e tão perto que os *doutores de esquadros* compunham com eles, os anormais, numa “relação da força com a força, uma ação sobre uma ação” que “incita, suscita, combina...” (DELEUZE, G., 2005, p.38).<sup>38</sup> Mas também, isso só era possível longe, e tão longe, na distancia de um dentro cada vez mais dentro.

---

<sup>37</sup> Havia uma quantidade muito grande de tipos anormais, todos admitidos e identificados por um saber hegemônico, nos códigos psiquiátricos. Uma pluralidade medida, mensurável, um ecletismo estabilizado para nada afirmar, que a diferença daquela multiplicidade imedível, instável, que nos apavora pelo impronunciável de suas afirmações ruidosas.

<sup>38</sup> Uma espécie de exercício de poder que não se caracterizaria definitivamente pela negação ou pela interdição. Antes disso, é uma espécie de exercício de poder embrenhada por essa positividade. Michel Foucault chama-o de *poder disciplinar*, discernindo sua gênese desde o século XVII (FOUCAULT, M., 1988).

## 2.2 Cantos numa guerra paranóica: ecos de ruídos inapreensíveis

Entrava quanto mais. Ainda assim, havia uma densidade incompreensível, insuperável, com ruídos terrificantes, um canto assustador, declarações turbilhonadas de combates que não falam de vitórias ou derrotas, mas de ultrapassamentos, de transformações nos jogos de forças.

Demasiadamente dentro, esses ruídos se lhe apresentavam preponderantemente bélico, mas de uma belicosidade paranóica que o atordoava. O canto assustador era, para ele, naquele momento, uma guerra declarada, um canto de guerra onde se posicionava para os enfrentamentos, para os rebatimentos se tornando surdo e ensurdecido para uma musicalidade própria do canto.

Dessa mistura avassaladora, povoada de inimigos sem nome, se distanciava para dentro, onde pudesse minimamente se organizar, ou se defender contra aquela desorganização. Dentro, um reduto de defesa aos de fora, mas também lugar de seus investimentos contra os que entravam, lugar de seus ataques. Uma tocaia onde o balanço das forças lhe favoreciam de alguma forma.

Era ali que fazia entrar os de fora, e um a um, individualizando, produzindo “eus” localizáveis, localizados, hipertrofiados. “Eus”, eusificados, reificados, corpos defendidos, ensimesmados. Era ali que se apropriava da primeira pessoa do singular, desmanchando aquela coalizão infernal, aquela mistura irreduzível. Ele agia separando, cindindo aquela mistura, endossando a voz dos dominadores.

Individualmente passam a ser examinados e seus comportamentos anotados, medidos, avaliados. A individualidade, dessa forma, ao mesmo tempo que se constitui, vai servindo de engrenagem numa maquinaria de controle perpétuo. A individualidade passa por uma *ortopedia social* (FOUCAULT, M., 2002).

Era ali que idiotizava<sup>39</sup>, isolando cada um, enfraquecendo aquela mistura monstruosa. É que um a um é mais fácil de dominar, uma velha fórmula, mas atual, do *coronel-em-nós* (ROLNIK, S., 2007), “quanto mais se divide, melhor se reina” (ROLNIK, S., 2007, p.161).

Era ali que, um a um, incitava os discursos, discursos balizados, capitaneados por um saber instituído. Vínculo da intensificação dos poderes à multiplicação dos discursos (FOUCAULT, M., 1988). Capturados a uma rede de dominação, eram levados a falar como nunca antes.

Naquele reduto ou naquela tocaia eram levados a falar os nomes, reconhecendo e se reconhecendo na hierarquia dominante. Eram levados a se reconhecerem na identidade biográfica que formavam deles, identidades biográficas que em agilidade de prestidigitação, tirava das vistas as lacunas da vida que pretendem integralizar, identidades biográficas que são antes de um conhecimento, uma política das coisas (PEREIRA, L. M. L., 2000).

Fazia falar, mas falar tudo, todos os detalhes, as minúcias do dia-a-dia mais banal, pois é no detalhe que se encontrava os traços de constituição das anormalidades. Falar e falar cada vez mais, desde que obedeça ao jogo do poder, a ponto de ser enredada por uma discursividade oficial, uma rede de significação que já não é a palavra proferida em nome próprio. Falavam e falavam, e quanto mais falavam desapareciam sem deixar vestígios (BAPTISTA, L. A. dos S., 2001). Eram subjugados a uma realidade confiscada.

Era ali que ele se sentia mais a vontade a fazer valer sua força. Legitimado pelo saber que portava, saber que lhe marcava naquela hierarquia dominadora, douto, *doutor de esquadros*, detentor do saber que lhe autorizava as suas manobras de dominação. Não que essas manobras fossem a aplicação direta do conteúdo de seu saber, mas, antes disso, porque o saber que portava o marcava numa hierarquia dominadora.

Exercia ali um regime do tempo, da regularidade, da ordem, a medida do cronometro e da régua, e, ao mesmo tempo, uma luta de sua vontade métrica

---

<sup>39</sup> *Idio*, que forma o prefixo da palavra *idiota* (donde derivo *idiotizar*) é um elemento etimologicamente grego que significa “próprio, pessoal, privativo”. Dessa forma, deslocamos aqui o uso da palavra “idiota” e seus derivados do código médico/psiquiátrico para indicar o que se opõe à comum (do grego *Koinón*). Idiota, nesse sentido, seria o que está separado, particularizado, ensimesmado. (CUNHA, A. G. da, 1986)

contra o que não conseguia medir, a insurreição de um inimigo ruidoso e anônimo que por uma sensibilidade paranóica eram personificados naqueles seres anormais. Ele não tinha dúvidas, dentro e muito dentro, que a normalização possível do anormal começaria em fazê-los reconhecer-se na palavra que ele portava a respeito deles, aceitando a ser obedientes, escravos despojo de guerra.

### 2.3 Entre procrustos e monstros

*Um judeu-húngaro, refugiado de guerra, encontra-se nas cercanias de um parque de grande afluência; de repente, se vê ilhado junto a um famoso monumento erigido em homenagem à fundação de São Paulo. Cercado de carros e buzinas por todos os lados, o personagem não se abala: parece alheio à batalha da cidade, numa postura de altiva dignidade, que faz a velocidade parecer loucura, a pressa deselegância, o ruído desatino, o mundo névoa-nada. Na sua soberba quase socrática, transforma uma ilha plantada no meio de uma avenida em um mirante privilegiado: de lá, lança sobre o torvelinho da cidade o seu sábio desprezo e pode enxergar, no formigamento humano circundante, apenas uma estranha afobação. [...] (PELBART, P. P., 1993, p.65).*

Sair de seu reduto ou de sua tocaia implicava riscos que eram difíceis de serem suportados. Imediatamente fora de seu reduto havia o pátio da escola. Mas não era o pátio que lhe trazia esses riscos, ainda que uma tolerância ali lhe incomodasse, aparentando uma trégua daqueles enfrentamentos. Não era o pátio, tampouco essa tolerância, que implicava riscos a ele, visto que ainda ali não se modificava a significação estratégica e estrutural, nem os jogos de poder que naquela escola especializada se consolidava.

Havia, fora de seu reduto, a vacilação de encontros que, sem querer combater qualquer coisa que seja, fortuitamente ali formavam episódios de bandos, de *matilhas*, uma densidade que lhe causava estranhamentos insuportáveis.

Apesar das estratégias e dos jogos de poder ali insistentes, via em relampejos o brilho paroxístico de um mundo que se lhe apresentava em devaneios febris,

lascas monstruosas que se desprendiam imprevisíveis e lhe *provocavam*<sup>40</sup>, cintilando sons num canto assustador que lhe arrastava a territórios estrangeiros, onde se via solapado de si mesmo, paralisado de seus movimentos recrutados, desguarnecido. Uma mistura horrível demais, bela demais, insolúvel, obstruía seus movimentos sensórios-motores. Ele não sabia reagir àquela situação (DELEUZE, G., 1992).

Olhava aquele cenário de um lugar bem demarcado. Olhava de dentro, olhava daquele reduto, seu lugar por excelência, onde se via autorizado a manobras que lhe marcavam nessa guerra. Pelas suas investidas em retaguarda, podemos dizer que personificava procrusto<sup>41</sup> com leitos mutiladores.

Fazia entrar, um a um, os de fora a fim de surpreendê-los com suas parafernalias ortopédicas, armas de dominação dos corpos e dos comportamentos, estética cinza dos dominadores. Tomado de medo, se (re)fugiava e se tornava tirano (CASTAÑEDA, C., 2004).

Produtos de um artesanato, e mais tarde de uma indústria, os instrumentos se propagam em torno das imagens que servem e que são os centros vazios, os puros significantes<sup>42</sup> da comunicação social, 'nadas' – e representam, em bruto, os saberes astuciosos, as sinuosidades cortantes, as astúcias perfuradoras, os giros incisores que são necessários e produzidos para a penetração no corpo labiríntico. Deste modo, tornam-se o vocabulário metálico dos conhecimentos que trazem dessas viagens. São os números de um saber experimental conquistado pela dor dos corpos que se vão transformando em gravuras e mapas dessas conquistas. De todos

<sup>40</sup> Provocar etimologicamente é um verbo composto por duas palavras: *pro* – colocar à frente; e *vocare* – chamar, voz. (BUENO, F. da S., 1968) Assim, uso a palavra para me referir *ao som dos rumores monstruosos que se colocam à frente e que lhe chamam pelo som, convidando-o a um mundo sombrio*. Falo de rumores monstruosos, pois se parecem mais com rumores, com ruídos, com marulhos, deixando claro que não se trata definitivamente de uma discursividade oficial do poder.

<sup>41</sup> Procrusto vem de *Prokrústes*. O prefixo *pró* significa “antes, de antemão”. *Krústes*, derivada do verbo *krúein*, significa “bater, ferir, mutilar”. Logo, procrusto é “o que fere ou mutila previamente suas vítimas para alongá-las ou encurtá-las”. “[...] Na realidade, procrusto é um epíteto do sanguinário Damastes ou Polipêmon. O primeiro [...] (Damastes), provém do verbo [...] (damádzein), ‘dominar pela violência, subjugar’ e o segundo [...] (Polipêmon) é um composto de [...] (*polý-*) ‘muito’ e [...] (*pema*), ‘sofrimento, dor’, donde Polipêmon é ‘o que provoca sofrimentos’.

Procrusto, ‘aquele que estica ou reduz’, era um assaltante cruel que vivia na rota que ligava Mégara a Atenas. O criminoso assassino usava de uma técnica singular com suas vítimas [geralmente viajantes por aqueles caminhos] que hospedava: deitava-as em um dos dois leitos de ferro que possuía, cortando os pés dos que ultrapassavam a cama pequena ou distendia violentamente as pernas dos que não preenchem o comprimento do leito maior. Teseu, o herói ateniense, o matou, aplicando-lhe suplício idêntico àquele que o bandido usava com suas vítimas” (BRANDÃO, J. de S., 1991, p. 327)

<sup>42</sup> Essas imagens não as reduzimos a significantes como o faz Michel de Certeau (2012), essas imagens as concebo numa heterogeneidade de registros, dentre os quais os significantes são apenas uma parte. Os próprios corpos marcados pelas ortopedias de que trata a citação, não são resultados de operações significantes ainda que ocultos, são eles mesmo imagens sem intermediações significantes.

esses instrumentos, heróis imputrescíveis, as carnes dilaceradas ou aumentadas, decompostas ou recompostas, narram as façanhas. Para o tempo de uma vida ou de uma moda, elas ilustram as ações do instrumento. São os seus relatos humanos, ambulantes e passageiros (CERTEAU, M. de, 2012, p. 216).

Procrusto ali era um personagem reivindicado. Entre os próprios doutores de esquadros se formavam uma rede de encaminhamentos onde se endereçavam a “castração” das sexualidades exarcebadas, o apaziguamento das agitações incontroladas, a estimulação dos quietos.

Não importava muito as classificações nosográficas, procrusto até gostava desses enquadramentos conceituais, mas o que estava em jogo mesmo era a subjugação dos comportamentos, a subjugação daqueles corpos.

Procrusto assim era reivindicado, encontrando, dessa forma, pontos de apoio onde crescia, se fortalecia, se disseminava naquele território de guerra. Não era apenas ele a personificar procrusto. Havia um desejo por procrusto que o fazia hegemônico. Os monstros, os onanistas, os incorrigíveis, enfim, os anormais eram assim encaminhados para dentro, nestes leitos onde os excessos deveriam ser cortados, enquanto ao que faltava deveria ser esticado.

Encaminhavam, e o ato desses encaminhamentos já eram *palavras de ordem* (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1995), palavras que não faziam referência a nada que fosse exterior a elas, mas que remeteriam apenas a elas mesmas, palavras que não representam, mas que produzem realidades, uma linguagem usada não para que nela se acredite, mas uma linguagem para obedecer e fazer obedecer, coordenadas balizadoras da realidade, um modo procrusto que atravessava aquele território. Não era ele quem as formulava, embora as repetisse, as propagasse, as disseminasse. Ele era, ali, uma densidade precipitada de um funcionamento que o ultrapassava.

E não só o colocavam nesse lugar, como também, de uma certa maneira, desejava aquele lugar, num movimento tautológico de modo que se via cada vez mais dentro. Estava tão dentro que seu olhar era sobre o “interior” no maior alcance de sua profundidade, esquadrinhando o “psiquismo interno” a fim de encontrar o que esticar ou o que amputar para caber em seus leitos.



Muitas vezes, todavia, nessa obstinação rumo ao “interior do psiquismo”, incitando aos discursos, encetando o jogo de dominação, se via paralisado nas primeiras perguntas de uma anamnese de rotina. “Quantos anos você tem?”, “Há quanto tempo você está nessa escola?”. Um “não sei” o desorganizava. Haveria alguma razão psíquica para aquilo?

Estava tão dentro que no “interior” buscava as “razões”. Estava tão dentro que fora era o lugar da “des-razão”. “[...] a loucura que é construída pela razão é, literalmente, uma “desrazão”, o que é uma maneira de dizer que qualquer *outro* é, na verdade, apenas o *outro do mesmo*, sua simétrica inversa [...]” (REVEL, J., 2011, p. 33).

Numa introspecção infinita, fazia entrar os “desarazoados” de fora num circuito de “interioridade arazoada” cada vez mais incabível em lugar algum. Perdoe-me o *alienista* (ASSIS, M. de, [19--?]), mas, nesse movimento, era procrusto que se encontrava cada vez mais dentro. Não entendia que a camada mais profunda é a pele (DELEUZE, G., 1992), a fronteira entre um fora e um dentro que engendra modos de sentir e de viver.

Estava tão dentro que concebia como fora ainda um dentro, o dentro vira fora e as coisas continuam como estão, medo que tem desse fora que na verdade ainda é dentro, força instituída de relações que não se detêm no consigo mesmo interiorizado.

Duplicações de camadas existenciais que impermeabilizam a sensibilidade para os acontecimentos que poderiam comprometer suas estruturas. O dentro elevado ao seu expoente, assim se distanciava para dentro.

O Fora é essa pluralidade de forças, é essa distância entre as forças, é esse jogo intensivo das forças, é a Diferença. Mas o Fora, [...], o caos, a pura diferença, a pura desterritorialização, essa exposição pura a indeterminação das forças nos leva à loucura como “clausura do Fora num Dentro absoluto”, como “impermeável permeabilidade” (Pelbart, 1989: 170) à Dobra do Fora – subjetivação -, onde não há possibilidades de constituir formas, figuras, territórios provisórios e mutantes. É sempre um limite tênue, um “quase” que transforma a relação com o Fora [...] em um “Fora num Dentro absoluto” (a loucura) (LAVRADOR, M. C. C., 2001, p. 137).

Nas anamneses de rotina, os anormais lhe respondiam “Não sei quando nasci”, “não sei quando comecei estudar aqui”, “não sei se é muito, ou se é pouco

tempo”, “não sei”. Talvez isso representasse um “déficit”. Mas “déficit” com relação a que tempo? O de procrusto?

Sua desorganização era ainda maior quando se dava conta de que não havia qualquer esboço de curiosidade para saber sobre esse tempo demandado. Os de “fora” não caíam na emboscada que ele armava. Ficavam alheios tal qual o *judeu húngaro refugiado de guerra* (PELBART, P. P., 1993, p.65).

De seu dentro absolutizado, ele ficava des-consertado. Não havia qualquer tipo de “falta temporal”, a não ser para procrusto. “[...] Os físicos dizem: os buracos não são ausências de partículas, mas partículas que andam mais rápido do que a luz. Ânus voadores, vaginas rápidas, não existe a castração” (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1995, p.46). Havia, na verdade, a afirmação de uma heterogeneidade de tempos, estranhos, estrangeiros que iam lhe encantando. “[...] Em vez de um tempo homogêneo, linear, cumulativo ou circular, emerge uma arquitetura temporal turbulenta, plissada, labiríntica, heterogênea. [...]” (PELBART, P. P., 1995, [p.11?]).

Emboscadas que não caíam, colapso dos movimentos sensório-motores suscitando uma dimensão temporal pura, uma duração desespacializada (BERGSON, H., 2006). Um canto assustador.

Multiplicação das palavras pela incitação aos discursos, palavras que num jogo de dominação reluzem verdade expropriando os corpos e afetos, assujeitando os pensamentos. Palavras a serem encontradas, acreditadas, testadas, confirmadas, repetidas, pintadas no papel em relatórios intermináveis, marcadas nos corpos, putreficando movimentos, calando intensidades.

Mas ali havia quem não as soubesse usar como o jogo determinava, pessoas *infans*<sup>43</sup>, sem falas, paradoxalmente aqueles mesmos que são considerados como incapazes de usar a palavra para testemunhar, são exatamente as pessoas que em decorrência de sua gagueira na língua, fazem implodir os jogos de dominação (KOHAN, W. O., 2005).

[...] O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras. [...] (FOUCAULT, M., 1988, p.112).

<sup>43</sup> Palavra latina que significa “sem fala”, de onde temos a derivação da palavra “infância”, “infantil”.

A figura daquele procrusto cambaleava, ameaçado pelos sem fala, pelos gagos, que não caíam em suas emboscadas que o reificavam enquanto procrusto. “São pessoas in-fantis!?” Tentando buscar fôlego, já um pouco tonto, tenta em alguma coisa se segurar. “São in-fantis”, amedrontado, in-seguro, nisso ia se segurando. Pedra angular, aquilo mesmo que estava lhe destruindo é onde buscava fôlego. E não sem razão. “São os que pararam ou retardaram no desenvolvimento, estagnando-se ou lentificando-se numa infância, anormais do desenvolvimento”, vociferava consigo mesmo, numa tentativa desesperada de se reafirmar enquanto procrusto.

É assim que durante muito tempo obteve fôlego. Temporalidade linear, redimensionando a infância num desenvolvimento metro-padrão, produzindo idiotas<sup>44</sup> e retardados, anormais do desenvolvimento.

[...] uma dupla normatividade. De um lado, na medida em que o idiota é alguém que parou em um certo estágio, a amplitude da idiotia vai ser medida em relação a uma certa normatividade, que será a do adulto. O adulto vai aparecer como o ponto ao mesmo tempo real e ideal do término do desenvolvimento; o adulto vai funcionar portanto como norma. E, de outro lado, [...] a variável lentidão é definida pelas outras crianças: um retardado é alguém que se desenvolve mais lentamente que os outros. Assim, certa média da infância, ou a maioria das crianças, vai constituir a outra normatividade em relação à qual o retardado será situado. [...] (FOUCAULT, M., 2006, p. 264).

Parados ou lentificados numa infância, velocidades ortopédicas, ritmos a serem amputados ou esticados nos leitos-norma. Ele grita “Infantis”, pontos de apoio que faz procrusto crescer na amplitude dos corpos e dos comportamentos mais elementares, que o faz cotidiano, que o fortalece.

Mas, sentindo o golpe, quanto mais implicado em consertar, buscando fôlego, mais ficava des-consertado, desorganizado. Parece, é verdade, que quanto mais esticava ou amputava, ele próprio era esticado ou amputado, de modo que agonizava num corpo que já não cabia em lugar algum.

Movimentos estagnados, olhos fundos vigilantes, a circulação inerte, a respiração suspensa, intensidades presas, uma vida letárgica, reflexos de idealismos facínoras, sufocantes, elucubrações infindáveis como rezas de almas

---

<sup>44</sup> A palavra “idiota” aqui é usada como é usada no registro psiquiátrico, mais precisamente a partir do século XIX quando se concebe uma noção de desenvolvimento, o *desenvolvimento normativo*.

nas alturas e de corpos (de)cadentes. “[...] Quando se invoca uma transcendência, pára-se o movimento para introduzir uma interpretação no lugar de experimentar” (DELEUZE, G. apud LOUZADA, A. P. F., 2009, p. 148).

Procrusto não entendia que “[...] a estrita solidariedade que liga todos os objetos do universo material, a perpetuidade de suas ações e reações recíprocas, demonstra suficientemente que eles não têm os limites precisos que lhe atribuímos. [...]” (BERGSON, H., 2010, p.246).

O canto “aterrorizador”, assim, lhe en-cantava. Sentia por ele convidado o tempo todo a sair de seu canto. E era estranho que quanto mais escutava aquele canto terrível, sentia que alguma coisa acontecia com ele, sentia uma mudança em si. Talvez fosse justamente isso o que tanto o aterrorizava. Ir se tornando um monstro que não cabia em lugar algum. Acordar numa manhã qualquer e ver que se tornou um *inseto monstruoso* (KAFKA, F., 2010, p.13).

## 2.4 Metamorfoses imprevisíveis

*[...] o risco de dominar os outros e de exercer sobre eles um poder tirânico decorre precisamente do fato de não ter cuidado de si mesmo e de ter se tornado escravo dos seus desejos. [...] (FOUCAULT, M., 2004, p. 272).*

Aquele ser letárgico, enfadonho, era inebriado por uma sonoridade que atravessava aquela couraça pesada de sua constituição procrústica, desfazendo placas endurecidas de músculos pela interferência tremulante de ondas sonoras rica de elementos de uma expressividade que não se fala com palavras, ou não com as palavras com que ele estava acostumado.

Ele havia sido acertado em cheio. Aquela musicalidade penetrante estava provocando uma série de mudanças corporais. Um estranhamento de si mesmo tomou seu ser. Sentia uma secreção obstruir as enervaçãoções que irrigavam aquela couraça pesada. Aquilo foi se ressecando, formando uma crosta que se soltava em pedaços.

À medida que aquilo se desprendia, ia ficando leve e leve se levantou com uma facilidade incomum, ainda em estado de feitiço por aquela musicalidade. Teve

uma impressão de que havia muito tempo que não se levantava naquele reduto. Suas pernas formigavam para mantê-lo naquela nova posição, mas era bom. Não sabia falar sobre aquilo, apenas sentia.

No reboiço de suas mudanças corporais, via aumentar uma força vital que nunca imaginara que fosse possível. Parecia ser tomado por demônios. Uma musicalidade diabólica atingiu os infernos de seu corpo possuindo-o, uma espécie de vibratilidade que o ganhava, perturbando a composição de sua densidade existencial, o suficiente para lhe causar metamorfoses, o suficiente pra lhe tirar do lugar.

A cada desmonte, sentia morrer uma parte de si, mas já começara um caminho que não tinha mais volta. Atraído pelo que não conhecia, de pé punha também os que antes deitava em seus leitos mutiladores. Naquele reduto de outrora já não se inclinava sobre os deitados em seus leitos<sup>45</sup>, fazia-os de pé, desarranjando a materialidade expressiva do lugar. Desdobramentos *peripatéticos* (LANCETTI, A., 2011), vivia uma deriva, arrastado por um fluxo sonoro que o desviara de um ponto de direção estabelecido.

Nesse sentido, a clínica é crítica não em seus limites epistemológicos, mas em sua dimensão de deriva, processualidade, criação, intervenção. Enquanto intervenção não buscará desvelar a verdade escondida ou latente, mas, ao contrário disto, irá se imanentizar [...] (NEVES, C. A. B.; JOSEPHSON, S. C., 2001, p.105)

Seus movimentos já não fundavam aquele lugar de outrora. Atraído pela escuridão ruidosa, esquecera esquadros para trás, indo na direção do canto em passos que se perdia de si mesmo. Já estava confuso de quem ele era. Catava algumas daquelas peças expressivas sucateadas do antigo reduto, rearranjando-as com as reverberações do canto que vibrava em seu corpo para formar esboços expressivos de sentidos que já não se sabe deles mesmos, um canto esquizofrênico entoando *uma vida não fascista* (FOUCAULT, M., 1993, p.199), no tato daquela escuridão oceânica, de todo um resto distinto de seu antigo reduto.

---

<sup>45</sup> *Kliniké*, de onde se deriva a palavra clínica, etimologicamente significa “cuidados médicos de um doente acamado”. A derivação verbal *klino* significa “inclinarse, debruçar-se sobre o paciente” (LANCETTI, A., 2011, p. 22).

Os tilintares que antes rumorejavam uma guerra paranóica, faziam composições que iam o desobrigando a defesas reificantes. Suas defesas de outrora que o marcavam, que o definiam, que o definhavam, iam perdendo a razão de ser. Aquela belicosidade vivida como uma oposição de termos que se bloqueiam mutuamente, se tratava de provocações permanentes (FOUCAULT, M., 1995). Ele se entregava a vastidão daquilo que não conhecia, tomado de uma curiosidade ilimitada pela vida.

### 3 “CONSEGUIRAM MANDÁ-LA EMBORA?”

*[...] exercito a mentira de passear, mas passeado sou pelo passeio [...]*  
(ANDRADE, C. D. de, 1983, p.15).

Esboçava um canto ainda muito incipiente. Sentia que aqueles pedaços que se soltavam eram, de alguma forma, compostos que o fixavam naquele antigo reduto. À medida que se desprendiam dele, ele queria sair. Pensava que estava fechado sobre aquele reduto, de modo que se punha a andar ao longo das paredes fazendo como um ritual tribal, mas que pela pressa parecia mais um carcerário fugitivo. Rondava as paredes até abrir-se para fora daquelas fronteiras, destruindo-as.<sup>46</sup>

Convulsionado pelo canto aterrorizador, havia se esquecido de seus esquadros e saía deixando rastros de corpo. Experimentava uma fragmentação de corpo que há tempos evitava na univocidade integralizante de um suposto ser que pensava ter propriedade. Descorporificando pedaços, perdia um rosto.

Desenganava-se de uma essência, de uma subjetividade natural fundada num eu. Entrava num jogo de farsa, ou melhor, o jogava agora despudoradamente, já que sempre se tratava de uma farsa. Mas, desintegrava-se velozmente, saía numa velocidade estonteante, como que sugado para fora.

A ponto de desaparecer espalhado pelos fluxos sonoros, urgia arranjar as máscaras desse novo tempo. Mas seu corpo se encontrava numa opacidade angustiante, pois vivia um desnivelamento não só com a musicalidade que de alguma forma o atingia, como também um desnivelamento com seu antigo reduto. Uma opacidade que era efeito do não ultrapassamento do lugar que ocupava, embora destruído. Seu resto de corpo já não era do lugar destruído, mas também não era o que o ultrapassava.

---

<sup>46</sup> Não era um processo calmo e se dava por destruições de um modo existencial, sem a cautela para dar densidade expressiva, uma afirmação, do que pede passagem, constituindo novos modos existenciais. A esse processo mortífero de destruição diferencio um processo de ultrapassamento que destrói um modo existencial na medida em que uma modulação de forças encontra ou cria uma materialidade expressiva que permitem passar intensidades não fundadas num eu, mas suscitadas no entremeio de forças digressivas.

Sem ser do lugar destruído, mas também sem ultrapassá-lo, vivia um desnivelamento absoluto com o jogo de forças. Sentia a intensidade suscitada nos jogos de forças, mas sem uma densidade corpórea correspondente. Uma opacidade de corpo desnudamente num tempo de farsa.

Estava absorto numa velocidade acima do som, uma velocidade que furava a barreira de condicionalidades históricas atingindo um limiar de mudanças frenéticas que nada mudava. Êxtase de uma velocidade supersônica que paradoxalmente produzia inércias (MACHADO, L. D., 1999).

Uma velocidade que o despotencializava em meio a uma pluralidade de linhas expressivas oferecidas pelo mercado. Aprendiz de saltimbanco, mas sem condições de criar sua arte. Atraído pela sonoridade estridente, acabou sugado sem condições de criar uma linguagem musical captando as vibrações que inicialmente o tomavam. Vivia uma intensidade sem densidade, apenas sentia sem saber do golpe que sofria.

Seu corpo ganhava uma textura lisa pegajosa, onde imagens se colavam e se descolavam em decorrência da pressão mercadológica. Achatava sua existência pela aflição à novidade mercadológica, passando a integralizar o desconhecido, que antes lhe incitava curiosidades, num cálculo probabilístico entre imagens *a priori*, e fazia numa solidão não *solipsística*.

Colava-se às subjetividades prontas ofertadas no mercado globalizado, anestesiado pela avidez à novidade já obsoleta. Vivia um sentimento de vazio, uma deriva sem fim vivida como alguma espécie de falta, mas que eram o sintoma da ausência de condições para a criação de suas próprias mascarás existências (ROLNIK, S., 2007).

Seus sentimentos não formavam uma coerência de “eu”. Seu corpo liso aplainava acordes de uma memória labiríntica e mutante tecidas nas ocasiões que a chamam no presente, como força idiossincrática de um corpo em meio ao jogo de forças que o atravessam. Passado e presente achatado pela teleologia de imagens das últimas novidades já obsoletas. Ele era muitos, todos descorporificados. Sintomas de uma aceleração esquizofrênica.

Desvencilhado do leito, do reduto, posto de pé sai deslocando, deslocando-se, sem objetivos, sem metas, sem “eu”, sai da escola especializada, desta



espacialidade decantada de um dentro, com cantos neurotizantes que o sufocavam no corpo, se sufocando na esquizofrenia dos espaços abertos.

Sai da escola especializada e se punha a andar sem rumo pela cidade. Faltava-lhe originalidade, na medida em que andava, era andado pelas andanças (ANDRADE, Carlos Drummond de, 1983). Andado pelas andanças naquela cidade, começava a ter pose de turista. Cedia lugar a uma curiosidade de turista às paisagens da cidade.

Nessa curiosidade, ele se esgarçava em meio aos fios que tecem a cidade. Uma curiosidade que se debruçava, incitado pela cidade, mas estranhamente tomado por uma impermeabilidade para as texturas do mundo que o circundava. Era um turista andante-sedentário.

Talvez seja para isso mesmo que servia aquelas ruas da cidade, causar uma espécie de torpor, um fadigamento sináptico pelo fluxo de imagens vendíveis. Imagens turísticas intermediando os possíveis contágios. Muita novidade, decerto, aguçava aquela curiosidade turística. O clima frio das montanhas, casas coloniais, festividades imigrantes, a cultura alemã, um certo ar europeu em solo capixaba, formavam pacotes turísticos, modos subjetivos vendíveis fabricados num fluxo turístico.

[...] Ora a sociedade é uma grande fábrica de subjetividade e a subjetividade passou a ser um produto dentre outros. A artificialidade de gente e de coisas joga o plano subjetivo para o mesmo patamar da toalha de renda-plástica. Isto não quer dizer que haveria uma subjetividade natural, mas que a subjetividade passa a integrar o campo da tecnofatura (MACHADO, L. D., 2001, p. 76).

Sensibilidades fabricadas que se aderem impermeabilizando a pele dos contágios. “[...] Ao estar impermeabilizada para as texturas do mundo, sua porosidade se fecha ou é antes preenchida por intermediários – sentidos sobre-codificados – que assumem o comando de nossas percepções” (MACHADO, L. D., 2001, p. 76).

Forasteiro naquelas ruas, entranhado numa curiosidade de turista, deslindava-se nas linhas constitutivas daquela cidade. Aquela era uma cidade aberta para os turistas. Turista, ainda que forasteiro, não era um incômodo, mas uma alegoria engolfada na palidez de paisagens vendidas.

Nisso tudo, já não escutava aquele canto inebriante que inicialmente o atraía. Havia um sossego na cidade, sossego também turístico, vendível por sorrisos decalcados. Até que de repente, se vê inadvertidamente despertar ao tilintar de um canto, que já de longe o atinge, (re)ativando um *terceiro ouvido*.<sup>47</sup>

Uma andarilha se desponta de surpresa na palidez da cidade turística. Vinha torcendo as coisas, os usos, as ruas, numa força louca sinestésica que chamava a atenção dos transeuntes, arrancando-os de suas rotas rotineiras. Ela entra numa repartição pública da cidade, a Secretaria Municipal de Educação, e se deita no sofá de recepção “que serve para as pessoas sentadas aguardarem serem atendidas”.

“Queria falar um negócio em particular” – dizia aos habitantes da cidade. Figura atração-repulsão cercada por aqueles que repulsivamente eram por ela atraídos. Logo muitos em torno dela respirando o irrespirável de estratégias repressoras. Não queriam ela naquela cidade.

Sua interferência perturbava aquela cidade turismo, perturbava suas paisagens instituídas. Era uma figura demasiadamente assimétrica no plano de constituição da cidade, atrapalhando desengonçadamente um certo modo de ser e fazer a cidade. Uma personagem aparvalhada na cidade turismo, amargando, em suas andarilhagens, o embotamento astucioso do que afirmava “tolamente” (diriam os habitantes da cidade) em seus equívocos.

Uma sensação de que as coisas poderiam ser diferentemente do que são, ao menos, escapava desavisadamente ao turista-alegórico, faiscando o desejo de

---

<sup>47</sup> “Quem ousaria decifrar um discurso como se decifra uma partitura musical? E aguçar o *terceiro ouvido* – que é o que apreende o incorporal do texto – para os sons harmônicos, os ritmos que dançam? Quantos estariam aptos a captar o seu tempo – no sentido musical do termo – e discriminar os *staccatos*, os *legatos*, os *rubatos*? E a variação das cores e dos matizes: os tons escuros e densos transmutando-se em clareza flutuante, capaz de levitar nos limites do dizível? E conseguir discriminar um *tremolo*, lá onde o som reverbera e se agita, abrindo passagem para um afeto sem lugar? E as diferentes mudanças de timbre da voz humana, anunciando ora uma dor camuflada, ora uma alegria contida e, às vezes, devastando espaços afetivos através de suspiros rítmicos, lacrimejantes ou explosões exuberantes, ensolaradas, de prazer? E quem ousaria, sutil e pacientemente, deixar-se afetar por essa multiplicidade metamorfoseante, suspendendo a interpretação precipitada, esperando que o corpo ecoe e responda e que os afetos emergentes dêem forma ao sentido que brota e ilumina?” (NAFFAH NETO, A., 1993, p.155).

autenticar modos singelos, simples, nus, potentes da existência, ontologicamente concebidos, enfim, uma andarilhagem da *subjetivação*.<sup>48</sup>

Respirando um pouco aquela maquinação repressora, entretanto, o turista-alegórico pergunta a ela: “como você se chama?”. Sem reticência, indeliberadamente errante, ela responde: “eu não vou falar meu nome pra você. Eu queria um lençol, uma coberta, um colchão. Não quero voltar pra casa, eu não gosto de minha casa, lá eu não tenho liberdade, não quero ir pra casa, quero ficar aqui”.

Falava para um público que ganhava cada vez mais volume, transeuntes despertos de suas rotas rotineiras, mas que delas não saem. “Mas você precisa voltar pra sua casa. Aqui é muito frio. Fugir do problema não vai resolver nada. Onde você mora? É melhor você voltar pra casa, aqui é muito frio”. Assim se arvoravam em torno dela a fim de convencê-la a ir embora da cidade, voltar a Santo Antônio, possivelmente um bairro da capital (Vitória/ES), lugar onde ela dizia morar.

“Mas eu quero ficar aqui. Se alguém tiver um colchão e um lençol eu tenho um lugar pra ficar aqui”, ela retorquia. “Mas aonde?” perguntavam os transeuntes consternados. Sua resposta: “Na rua, na praça, ali debaixo” - apontando para a escultura de imigrantes - andarilhos de outro tempo.

Mas aquelas eram ruas-turismo, e não ruas para andarilha dormir, e a repeliam: “mas as rua não são pra dormir, e ainda mais que as ruas são frias”. “Ligamos pra polícia?” – um levantava a questão.

“Mas o que ela tanto incomoda aqui? Em que ela está atrapalhando? O que ela fez para se chamar a polícia?” levantava agora em sua defesa o turista-alegórico. “Já sei. Vamos ligar pra assistente social, ela deve ter uma passagem

---

<sup>48</sup> Subjetivação ou processo de subjetivação é entendido como os modos pelos quais os indivíduos ou grupos sociais se forjam como sujeitos coletivos, definindo modos de sentir, de pensar, de se relacionar, de usar/fazer a cidade, etc.. Consideramos, aqui, subjetividade como fabricação social, como produto consentâneo a certa relação de forças que atravessam o campo social num determinado momento. Com isso, consideramos que subjetividade não é fundada por um “eu” ou por uma suposta essência que subjaza o “eu”. Vale ressaltar que dizemos de “subjetividades mercadológicas”, pacotes de sensibilidades e pensamentos confeccionados seguindo a pressão do mercado. As “subjetividades mercadológicas” vêm, dessa forma, se contrapor eticamente ao que se evidencia nesse ponto como andarilhagem da subjetivação, entendida como a expressão ontológica, como máscara existencial que se forja anunciando modos de sentir e pensar que afirmam a vida em sua desmesura. (mais sobre isso ver em GUATARRI, F. e ROLNIK, S. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2011).

e dinheiro pra você voltar pra sua casa” – outro assim se satisfazia por uma solução encontrada.

No reboiço daquela discussão, sem que as pessoas se apercebessem, a andarilha de Santo Antônio sai, some, desaparece do mesmo modo em que havia surgido, bem de repente, escorregadia, como se estivesse presente e ausente simultaneamente, ao mesmo tempo defronte, te escapa, evitando confrontos diretos em dialéticas de oposições marcadas.

“Conseguiram mandar ela embora?” se dando conta de que ela já não estava entre eles, um perguntava. “É, conseguiram mandar ela embora”, o turista-alegórico responde.

Se confundir nas estrias pálidas supostamente fora do muro, é despetrificação de um muro que não se consegue ultrapassar, muro rearranjado sempre mais longe numa fluidez metamorfoseante que míngua as forças revolucionárias ou incitam as forças apenas revoltas num jogo de defasagens infindáveis sempre num dentro intransponível.

Ele nunca mais vira aquela andarilha aterradora, e sem ela saber, sua figura o arrastou para um fora do muro, para um ultrapassamento do muro, ainda que já no espaço aberto da cidade. O arrastou para um fora do muro, num canto denunciante de uma cidade embrenhada em cercos modulantes num turicissismo folclórico. Não conseguiram mandá-la embora, ela se pregueou naquele corpo turista-alegórico de modo bizarro, metamorfoseando-o num ser de andarilhagens.

Talvez fosse exatamente isso o motivo daqueles transeuntes amedrontados, habitantes da cidade turismo, insistirem tanto em mandá-la embora. Uma insanidade despótica bloqueando potências de uma força órfã avassaladora.

### **3.1 O fora *dentro*ficado e os equipamentos da anormalidade**

*[...] De certa maneira, pode-se dizer que em uma sociedade o que é primeiro são as linhas, os movimentos de fuga. Pois estes, longe de serem uma fuga fora do social, longe de serem utópicos ou até mesmo ideológicos, são constitutivos*

*do campo social, cujo declive e fronteiras, todo o devir, eles traçam. [...] em uma sociedade tudo foge [...] (DELEUZE, G.; PARNET, C., 1998, p. 110).*

Muros despetrificados, uma liquidez modular insidiosa de alcance alargado bem onde se insinua uma *curvatura do presente*<sup>49</sup> (QUEIROZ, André, 2004), bem onde uma força andarilha visibiliza a insuportável mesmidade de um dentro engolfante.

Muros despetrificados, de uma dureza flexível, micro fascismos disfarçados em assistencialismos de boa consciência. Manda-se embora não o turista curioso, mas uma andarilhagem do ser/fazer<sup>50</sup>. O turista curioso não é mandado embora, muito pelo contrário, é constituído nessa cidade, celebrado com muita festa, nas re-memorações dos andarilhos imigrantes antepassados, histórias de andarilhagens recortadas em diagramações que enfraquecem uma *ontologia do presente* no seu caráter de ultrapassamento (FOUCAULT, M., 2010).

O que somos, o que fazemos, o que pensamos, na fissura aberta pela andarilha de Santo Antônio, não é ultrapassada. Re-agimos a sua ousadia com os pensamentos e ações que nos identificam. Colmatamos as fissuras da subjetividade, na objetivação de nós mesmos. Empalhamo-nos num corpo defunto, frio e sem vibratibilidade (LOVECRAFT, H. P., 2011). Medo ontológico de sermos o que não somos, de fazermos o que não fazemos, de pensarmos o impensável. Medo de *devir* outro.

Em outras palavras, a ideia de “devir” está ligada à possibilidade ou não de um processo se singularizar. Singularidades femininas, poéticas, homossexuais ou negras podem entrar em ruptura com as estratificações dominantes. Esta é a mola mestra da problemática das

<sup>49</sup> Efeitos de uma andarilhagem, “[...] Esta, a curvatura do presente, parece requisitar um lugar outro, ou ainda menos, um *não-lugar*, espécie esta de abertura, de disjunção, de espaço liso (desmarcado pela objetivação do poder; escapado de sua positivação e do possível de sua operacionalização) no qual o histórico se encontre solapado pela exposição ao devir. [...]” (QUEIROZ, A., 2004, p. 185).

<sup>50</sup> Foucault (2008) compreende que a partir do século XVIII, com o desenvolvimento econômico das cidades, tornava-se necessário a supressão das muralhas, a supressão do controle rigoroso das idas e vindas. As cidades passam a se abrir, dessa forma, para um, cada vez mais intenso, intercâmbio com o exterior. Não se trata mais de controlar a circulação ponto a ponto, estreitando seus procedimentos ao máximo, mas de, até incentivar a circulação, organizando-a, gestando, inclusive, o afluxo de toda gente, principalmente a população flutuante, como é o caso da andarilha de Santo Antônio. Um afluxo que não é eliminado, impedido, mas estrategicamente direcionado, com uma certa margem de tolerância. Definitivamente os muros de pedra que cercavam as cidades ruíram, mas falamos aqui de uma murificação, o muro da subjetividade dominante. E, vale ressaltar que, ao falar de que mandam a andarilha embora, não me refiro tanto a essa organização das circulações de que pontuava Foucault, mas de uma modulação da subjetividade que não se abre para o novo.

minorias: uma problemática da multiplicidade e da pluralidade e não uma questão de identidade cultural, de retorno ao idêntico, de retorno ao arcaico. No caso de traços arcaicos serem retomados – como traços das religiões africanas que existiram centenas de anos atrás -, não é enquanto arcaísmo que eles adquirem alcance subjetivo, mas na sua articulação num processo criador. [...] (GUATTARI, F.; ROLNIK, S., 2011, p. 86).

No mandar a andarilha de Santo Antônio embora, é a andarilhagem do ser/fazer/pensar que se manda embora, atravessado por uma força repressora que não se limita à escola especializada de onde ele saíra.

Segmentaridades duras (DELEUZE, G.; PARNET, C., 1998) cortando a realidade com personagens, cenários, funções diferenciadas, mas, tanto a Escola Especializada como aquelas ruas turísticas confluíam no tamponamento das fissuras imprevisíveis que se abriam na subjetividade dominante. Instituíam-se na cidade um modo de sentir, de pensar, de fazer, turísticos, que pareciam intransponíveis.

[...] As regras e o funcionamento da família, da escola, da prisão, da fábrica, do hospital, se mistura e se pulverizam no campo social. Há uma diluição de seus 'muros' ao mesmo tempo em que há um transbordamento de suas lógicas para outros setores. Estamos sempre em família, em escola (ou em formação), em prisão, em saúde. O que seria o mesmo que dizer: a fábrica não se parece com uma prisão, ela é uma prisão. O controle nos faz prisioneiros a céu aberto (PELBART, P. P. apud MACHADO, L. D., 2001, p. 74).

Mas, o que a cidade lhe dava a ver, a ouvir, a sentir, a pensar, agora não lhe bastava. Aquela curiosidade fundada no já dado da sensibilidade deu lugar ao inacabado de uma sensibilidade a ser criada entre. Efeitos de andarilhagens órfãs, sem alardes festivos, sem grandes feitos, peripécias que pregueiam em seu corpo.

Arrastado por essa força andarilha a outros campos de sensibilidade, uma dobra sobre si mesmo se efetua. Fastiado, com suas dobras emerge um corpo que se desengrena sabotando uma maquinaria monolítica. Sem deixar a cidade e sem ser mandado embora dela,

[...] ele faz da partida algo tão simples quanto nascer e morrer. Mas, ao mesmo tempo sua viagem ocorre estranhamente no mesmo lugar. Ele não fala de um outro mundo, ele não é de um outro mundo: mesmo deslocando-se no espaço, é uma viagem em intensidade, em torno da máquina desejanste que se erige e permanece aqui. Porque aqui é que se acha o deserto propagado pelo nosso mundo, e também a nova terra e a máquina que ronca, em torno da qual os esquizos giram,

planetas para um novo sol. [...] Mas um tal homem se produz como um homem livre, irresponsável, solitário e alegre, capaz afinal de fazer e dizer algo de simples em seu próprio nome, sem pedir permissão, desejo a que nada falta, fluxo que atravessa as barragens e os códigos, nome que não mais designa eu algum. Ele simplesmente deixou de ter medo de devir louco. Ele vive sua vida como sublime doença que não mais o atingirá. [...] (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 2010, p.177).

Uma sensibilidade para além do muro é aguçada. Um muro que parecia todo colmatado pelo já dado da sensibilidade, se desponta nele com rachaduras irretocáveis.

[...] já não se suporta o que se suportava antes, ontem ainda; a repartição dos desejos mudou em nós, nossas relações de velocidade e de lentidão se modificaram, um novo tipo de angústia surge, mas também uma nova serenidade. [...] (DELEUZE, G.; PARNET, C., 1998, p. 103).

Seja mandada embora para fora da cidade, seja paradoxalmente mandada para dentro nas diagramações andarilhas re-memorativas junto a turistas, a cidade se murificava, mas seus fechos eram porosos e cheios de fissuras. E, por esses poros, pelas fissuras que racham o muro, ele ultrapassa o muro, seguindo sua viagem.

E descobre lugares mais escuros, planos ocultos, onde vê despontar, não sem terror, uma monstruosidade. Eram muitos, saíam de lugares inesperados formando um lado sombrio da cidade que ele não havia visto. Havia na cidade lugares sombrios, algo que a cidade não dava a ver e ouvir mesmo. Um terror invisibilizado, um lugar de sensações convulsivas, tal como a *sombra de Innsmouth* (LOVECRAFT, H. P., 2010).

[...] Será possível que nosso planeta tenha de fato engendrado tais criaturas? Que olhos humanos possam mesmo ter visto, na substância da carne, o que até então o homem só havia conhecido em devaneios febris e lendas fantasiosas?

E no entanto eu os vi em fileiras intermináveis – debatendo-se, saltando, coaxando, balindo – uma bestialidade crescente sob o brilho espectral do luar, na sarabanda grotesca e maligna de um pesadelo aterrador. [...] (LOVECRAFT, H. P., 2010, p.109)

Estava aterrorizado sim, mas num mesmo gesto de seus humores, era como se sentisse parte deles, uma secreta ligação que ele não entendia como se dava. Era como se participassem de um plano comum. Era uma ligação que não se

dava ao entendimento, que não encontrava respaldos em vontades pessoais. Era uma ligação intensiva, subterrânea, formada de acordes fugidios, um bramido musical irreduzível ao som homogeneizador do poder. Formavam pontos intercessores que se ligavam a contrapelo do poder de dominação.

Uma mistura monstruosa que estranhamente não era mandada embora da cidade, estavam escondidos, mas também extremamente visibilizados em verdadeiras feiras científicas. Eram codificados, botados para dentro, *dentroficados*.

[...] Belos exemplares de casos típicos que se acumulavam nos arquivos médicos eram apresentados nos livros e nas revistas de medicina, [...] vitrinas transparentes para a exibição do grande espetáculo científico e infernal das monstruosidades. Meio caminho andando em direção a um projeto eugênico para a sociedade (LOBO, L., 2008, p. 74).

Eram colocados para dentro, *dentroficados*, empalidecidos numa captura deletéria na fina malha de um poder/saber insidioso. Eram colocados para dentro, constituídos num espectro da anormalidade (FOUCAULT, Michel, 2010) que ofuscava uma beleza singular e terrível de monstro, davam consistências a entidades anormais.

Na cidade não eram monstros, mas anormais que recobravam equipamentos da anormalidade, que recobravam Centros de Referências para Anormalidades, equipamentos que instituíam a anormalidade e sujeitavam os monstros ao código da anormalidade, sendo as escolas especializadas apenas uma parte desses equipamentos.

Não eram mandados embora da cidade, mas eram mandados embora de si mesmos enquanto monstruosidades de formas, corporificações não alinhadas, aberrações. Monstros empalidecidos, eram os anormais engendrados nas maquinarias da cidade.

Mas também entranhado de uma força imprevisível, potencial indelével na constituição de um território de desejo que escapam, por todos os lados, ao subjugamento de muros modulantes, eram a intersecção do monstro no plano da normalidade, intersecção desestabilizadora, uma heterogeneidade transversalizando o plano hegemônico da existência.



Paradoxalmente nas vias deste mesmo poder, formavam uma rede absurda marcada de resistências (FOUCAULT, M., 1979). Entre rumores de guerra e uma musicalidade, dão consistências a ecos assustadores traçando linhas de ruptura (DELEUZE, G.; PARNET, C., 1998) atingindo um limiar absoluto, em que “[...] Dir-se-ia que nada mudou, e, no entanto, tudo mudou [...]” (DELEUZE, G.; PARNET, C., 1998, p. 103).

A resistência neles é o núcleo de suas singularizações, um campo processual inesgotável que podem abrir fissuras nesse muro da subjetividade dominante, mas também podem desencadear rupturas, endossando linhas de fuga, “[...] é sempre sobre uma linha de fuga que se cria, não, é claro, porque se imagina ou se sonha, mas, ao contrário, porque se traça algo real, e compõe-se um plano de consistência. Fugir, mas fugindo, procurar uma arma” (DELEUZE, G.; PARNET, C., 1998, p.110).

Resistências e cantos, alheamentos e belicosidades, amalgama de leveza e luta, singularidade que pela singularidade é já uma resistência.

Se na modernidade a resistência obedecia a uma matriz dialética, de oposição direta das forças em jogo, com a disputa pelo poder concebido como centro de comando, com as subjetividades identitárias dos protagonistas definidas pela sua exterioridade recíproca e complementaridade dialética, o contexto pós-moderno suscita posicionamentos mais oblíquos, diagonais, híbridos, flutuantes. Criam-se outros traçados de conflitualidades. [...] (PELBART, P. P., 2011, p. 136).

Gravitava nesse plano de singularização, dando consistência a essas ligações misteriosas onde se tecia uma rede recalcitrante. Para ele, “a única resistência digna ao presente é a criação” (PELBART, P. P., 1995. [p. 5?]), uma resistência deflagrada nesse campo litigioso de traquinagens liberadas de toda forma paranóica, unitária e totalizante. Paradoxalmente participava desse mistério, agora fazendo parte de um desses equipamentos da anormalidade, trata-se do Centro de Referência em Educação Inclusiva da Secretaria de Educação e Esportes do município de Domingos Martins (ES).

## 4 ENCONTRO COM OS MONSTROS POR MEIO DO EQUIPAMENTO DA ANORMALIDADE

*[...] Não consigo pensar nas profundezas oceânicas sem estremecer ao imaginar as coisas inomináveis que neste exato momento podem estar deslizando e arrastando-se pelo fundo viscoso, rendendo homenagens a antigos ídolos de pedra e esculpindo sua execranda imagem em obeliscos submarinos de granito úmido. Sonho com o dia em que possam erguer-se acima das ondas para arrastar ao fundo, em suas garras fétidas, os resquícios dessa humanidade pífia e devastada pela guerra – com o dia em que a terra há de afundar, e o fundo escuro do oceano erguer-se em meio ao pandemônio universal (LOVECRAFT, H. P., 2011, p. 26 e 27).*

### 4.1 “Mas João quer subir na árvore...”

Integrando um equipamento da anormalidade, ele foi chamado a se juntar aos *doutores de esquadros* da escola especializada, para participar de um cenário arranjado por duas professoras de uma das escolas da cidade que fica em Campinho.

Ali também estava a mãe de uma criança, que era aluno tanto das professoras, como também era atendido na escola especializada da cidade. A criança, chamada João,<sup>51</sup> era trazida apenas pelos discursos, mas também barrada do lado de fora. “João tem P.C.” uma das pedagogas assim tentava situar a conversa sinalizando um diagnóstico de Paralisia Cerebral.

“Mas para que servia aquele cenário arranjado pelas professoras?”, aquele ser de andarilhagens perguntava a si mesmo em silêncio, se deixando ser conjugado, suspendendo um excesso de movimentos sensório-motores, se apropriando dos índices do que estava em vias de se atualizar.

A mãe estava com mandíbulas apertadas e dizia se direcionando às professoras “mas como vocês colocam meu filho em cima de uma árvore?!”. A pergunta-indignação também era dos *doutores de esquadros*, embora neles a pergunta-

---

<sup>51</sup> Usamos aqui um nome fictício. Toda vez que aparecer um nome próprio, trata-se de um nome fictício a fim de preservar o anonimato das pessoas.

indignação fosse mais indignação formulada por argumentações robustas de um cientificismo desqualificador:

“O quadro clínico de João mostra que ele é portador de uma musculatura hipotônica na parte superior do braço e do antebraço, e de uma musculatura hipertônica na região inferior dessas anatomias. Por isso ele não pode ter um movimento de subir e descer. Nunca eu tinha pegado um quadro clínico assim antes. Há poucos casos desse tipo registrado no mundo. João é um caso raro”.

Enunciações que nas regras e jogos dos discursos, marcando uma topologia de quem enuncia, produzindo efeitos de verdade, cortam sinapses na materialidade dos músculos não individualizados, bloqueiam na física dos corpos as ligações intrincadas que se esboçam indeliberadamente no bojo de um desejo estranho que desafia autoridades e autoritarismos.

Mas ainda assim, as professoras angustiadas diziam, e diziam num esforço tamanho para se fazerem ouvidas: “Mas João vê as outras crianças subirem na árvore, João diz que quer subir na árvore, então perguntamos a João onde podemos pegá-lo para subi-lo na árvore, pegamos com cuidado João e subimos ele na árvore e ficamos todos bem”. Uma corporificação professoras-aluno-árvores potencializadora de movimentos e intensidades inauditas.

Os *doutores de esquadros*, que por muito saberem, já não escutam, multiplicavam palavras ao sabor da ciência, palavras bonitas, mas que traziam um embrutecimento das potencialidades. “[...] É claro que, como cientista, ele não tem potência revolucionária alguma; é o primeiro agente integrado da integração, refúgio de má consciência, destruidor forçado de sua própria criatividade. [...]” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 314).

Falavam bonito apesar de João-professoras-árvores, ganhavam visibilidade enquanto João-professoras-árvores sumiam. “Nós medimos a idade psicológica de João para depois compará-la com sua idade cronológica. Vocês precisam entender, professoras, que João não entende igual às crianças de sua idade. João não entende...”, assim os *doutores de esquadros* prosseguiam inconformados. “Vocês precisam entender que João tem uma deficiência, um limite, um impedimento...”, assim, seguiam obstinados em seus argumentos.

Mas os impedimentos são de João? Onde começa os impedimentos? Em João? João parecia mais um apêndice formativo de fronteiras movediças, uma intensidade insana gregária de corpos compondo movimentos e intensidades inauditas que já não podemos dizer ser de João ou das professoras ou das árvores, e que afirmavam a vida. “Mas João quer tanto subir na árvore...” as professoras falavam numa frequência não hegemônica.

O que pode uma política para além/aquém de uma inclusão que garante a João e a muitos outros proliferarem seus cantos, nos limiares de seus corpos, de ousarem junto a outros?

Tomar as práticas das políticas governamentais de inclusão implica a colocar em análise as normatizações reafirmadas nos modos procrustos incrustados em nossos fazeres, e ousar produzir com outros corpos anômalos, errantes, atravessados pelas monstruosidades.

#### 4.2 “Ele fala que é o Huck...”

*Não deixam os pobres viver... Não deixam nem o deus dos pobres em paz. Pobre não pode dançar, não pode cantar pra o seu deus, não pode pedir uma graça a seu deus – sua voz era amarga, uma voz que não parecia da mãe-de-santo Don’Aninha. – Não se contentam em matar os pobres de fome... Agora tiram os santos dos pobres... – e alçava os punhos (AMADO, J., 1998, p. 87).*

Quanto mais aqueles *doutores de esquadros* mostravam suas riquezas de palavras, mais sacralizavam suas misérias. Havia sentidos viscerais em João-professoras-árvores, matizes do vivendo que ganhavam espectros difusos que se contrastava bruscamente ao empobrecimento daquele falatório científico.

João-professoras-árvores é um acontecimento bélico que indeliberadamente acaba afrontando todos os cálculos probabilísticos. Uma belicosidade de guerrilha, pois não sabemos onde vai acontecer, nem em que circunstâncias, e

que efeitos podem suscitar. Uma ofensiva *afectiva*<sup>52</sup> (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1997).

Do prolongamento entre aquele ser de andarilhagem e João-professoras-árvores, o entre dois ia tomando toda a consistência, de modo que era menos um movimento em extensão de sedentários que uma velocidade em intensidade, uma velocidade, por sinal, desacelerada, que ganha corpo a maneira de um turbilhão (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1997). Um corpo de andarilhagens se monstrualizava.

Integrando um equipamento da anormalidade, era levado, às pressas, a outra escola. O levavam seguindo as vias principais da cidade, sempre rodeadas por paisagens turísticas belas, claras, resplandecentes, hipnotizantes. De repente, arrancado por solavancos das vias principais, o carro faz uma curva inesperada, entrando em uma viela de terra batida que levava a um relevo mais baixo, mais profundo. Uma escuridão contrastante ia tomando conta, envolvendo-os pavorosamente.

A sombra os abraçava, eriçando os pêlos dos corpos tremulantes, uma excitação temerosa inesperada, como um cão que late não se sabe onde. O declive era suficiente para impedir os raios de luz, não importa o ângulo, atingirem aquele lugar terrível. O fluxo de fótons, direcionada para as planícies turísticas, não alcançava aquela região.

Se o carro não houvesse saído das vias principais nunca teria notado tal viela, muito menos a comunidade que a circunda. Ainda assim, com muita dificuldade, em decorrência do breu que tomava conta do lugar, notava um amontoado de construções estranhas, não pareciam construções de *homem-branco-masculino-adulto-heterossexual-habitantes da cidade* (DELEUZE, G., GUATTARI, F., 1995), mas traziam indícios de que aquela região era de alguma forma habitada.

---

<sup>52</sup> Gilles Deleuze e Félix Guattari criam o termo *afecto* para diferenciá-lo da noção psicologizante arraigada na palavra “afeto”. *Afectos* não seriam, dessa forma, fundados num “eu”, numa espécie de interioridade, não teria forma, nem um desenvolvimento geometrizado. Os corpos, não concebidos como unos, constituem potencialidades singulares de afetar (ou afectar) e de ser afetado (ou afectado) em seus encontros, incorrendo de serem destruídos ou de compor outros corpos (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1997). Ressalto uma diferenciação entre sentimentos e afectos. Os sentimentos são sempre introspectivos, retardados e, por isso, deslocados dos encontros dos corpos. Os *afectos*, todavia, são intensivos, impulsivos, são projéteis, armas que se lançam na composição de velocidades (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1997). É este aspecto ofensivo, bélico, que chamo a atenção aqui.

As construções, de alvenarias e tábuas, pareciam dispostas desordenadamente. E, nas contingências ilicenciadas das habitações formavam labirintos insondáveis. Pela economia, era comum, num mesmo lote de terra, haver mais de uma habitação. Era comum mais de uma família habitar um mesmo lote de terra.

Pela disposição das casas que então ia se formando num mesmo lote, toda uma rede de solidariedade ia sendo condicionada. Era comum um cuidar do filho do outro, quando houvesse necessidade; ou de fazerem algum trabalho juntos (como secar grãos de café no terreno baldio ao lado), etc..

As casas eram muito pequenas, com poucos cômodos. As crianças achavam mais interessante ficar nas ruas, usando-as para brincar. As casas e as ruas, na verdade, pareciam uma coisa só. E, definitivamente essas ruas não eram as mesmas ruas de Pedra Azul.<sup>53</sup>

Sons de atabaques das macumbas se faziam ouvir nesse lugar. Em meio aquela escuridão, as imagens da cidade turismo eram inesperadamente solapadas, embotando as coordenadas estruturantes da cidade, e uma musicalidade traçava, com seus *staccatos*, *legatos* e *rubatos* (NAFFAH NETO, A., 1993), alguns canais de expressão singulares.

Ainda conseguia ver em meio aquele terror fuliginoso, varais fora das casas com roupas surradas pelo uso, ensopadas de uma lavagem recém realizada que arrancava o fedor do suor que escorrem dos corpos nos campos, nas oficinas, no trabalho. Grande parte das pessoas que habitam esse lugar é constituída de meeiros que vieram de outras cidades.<sup>54</sup>

Aquela era uma comunidade muito pobre da cidade. Entrara numa região escura, uma escuridão que não era constituída apenas pelo clandestino poético, onde se cria modos de viver, de habitar, de convívio, irredutíveis aos modos

---

<sup>53</sup> O lugar onde estávamos faz parte do distrito de Aracê, onde Pedra Azul, a Rota do Lagarto, etc., constituem pontos turísticos muito visitados.

<sup>54</sup> Muito dessa descrição que faço sobre o lugar não se fundamenta apenas de meu registro visual ao passar pelo lugar de carro, mas também a partir de relatos dos próprios moradores que tive a oportunidade de conversar ali mesmo, mas não nesse dia. Uma das moradoras que aceitou conversar comigo, eu já a havia conhecido na escola da região. Ela veio de outra cidade, e seu filho é aluno da rede municipal de ensino (o Huck, como vamos ver adiante, o aluno que motivava aquela visita a escola que estávamos indo naquele momento). Muito dos detalhes que dou nessa descrição que faço do lugar se fundam também em seu relato.

turísticos hegemônicos da cidade. Mas uma escuridão que tristemente também era constituída de pobreza, de desigualdade, de vidas precarizadas.

“Não há uma creche aqui. Para as crianças chegarem à escola mais perto, elas precisam atravessar a BR para pegar o ônibus no ponto. Isso é muito perigoso, pois na BR passam muitos carros. Não há um posto de saúde, tudo tem que ser feito lá em Pedra Azul”, diziam alguns moradores.

Em meio aquela escuridão, havia a escuridão onde a clandestinidade ganhava o seu máximo de refinamento, cultivada por seus habitantes numa afirmação poética da vida que não cabe no quadriculado turístico da cidade. Mas também havia a escuridão, efeito de um jogo de luz hostil de uma cidade turismo que preza por suas imagens.<sup>55</sup>

Não demoraria, estavam novamente nas vias principais, ganhando a normalidade das ruas centrais da cidade. Seu corpo estava reflexamente contraído de medo, levando-o a uma exaustão precipitada. A claridade das vias principais ofuscava suas vistas agora desadaptadas. Estivera numa região assustadoramente escura, uma escuridão que sempre recobrava suas ambivalências emocionais, algo terrificante, mas um terror que estranhamente o atraía.

Mas uma confusão de sentidos o tomou, pensou estar ficando louco. Duvidava de suas impressões. Será que aquilo não fora um sonho, um devaneio epiléptico, episódico, que perturbara seus nervos naquele lapso de tempo? Será que aquele lugar terrível existia, ou era uma invenção delirante de seus sentidos canhestros? De onde vinha o som dos atabaques, aquelas cifras obscuras de destreza monstruosa?

Sua perturbação só não era maior porque com ele iam duas testemunhas que poderiam lhe tirar daquela confusão mental. Estavam com ele, naquele carro, uma pedagoga que o acompanhava em todos os lugares, formando uma

---

<sup>55</sup> Como dissemos antes, estávamos no distrito de Aracê. O distrito de Aracê, em Domingos Martins (ES), é um dos lugares onde o turismo é mais explorado. Reconhecida por paisagens bonitas (é a região onde se situa a Pedra Azul, a Rota do Lagarto, etc., como também já dissemos antes) e clima frio, ela apresenta uma rica rede de pousadas que hospeda turistas de várias regiões do Brasil e do mundo. É um jogo de luz perverso, pois enquanto as belas paisagens ganham visibilidade e o cuidado do serviço público, saindo das vias principais, nos surpreendemos ao encontrar, na mesma região, comunidades muito pobres, que ficam “escondidas”, e sem a mesma medida de atenção do poder público. Muitos alunos da rede municipal de ensino nessa região são dessas comunidades (conhecidas como São Bentinho, Barcelos, etc.). Aqui, estamos entrando em São Bentinho.

parceria de trabalho. Chamada Maria Vitória<sup>56</sup>, uma pessoa que se indignava contra as injustiças sociais. Ela dizia: “Aqui – apontando a comunidade pobre por que passaram - é a comunidade que foi apelidada de “São Bentinho”<sup>57</sup>. Estamos quase chegando à escola”.

Além de Maria Vitória, também podia contar com a testemunha da motorista que se chamava Jose.<sup>58</sup> Pessoa zelosa, que os levava às escolas do município. Preocupada com a segurança nos mínimos detalhes, sempre pedia para abaixar a trava das portas do carro em movimento, para não correr o risco delas se abrirem durante, às vezes, longas viagens que faziam até as escolas.

Estavam chegando. Apesar da claridade do poder, uma escuridão relapsa, intermitente, perturbadora, tremulava suas carnes com a estranheza vinda dos atabaques, que desde então nunca mais deixava de ouvir. Seu fascínio aguçava exorbitantemente sua curiosidade.

A escola não ficava na comunidade de “São Bentinho”, mas não era longe dali, de modo que muitos desta região iam estudar nesta escola. Inclusive Huck<sup>59</sup>, garoto franzino, de seis anos, mistura de negro com índio, e que se destacava pela virulência que “de repente se voltava contra tudo o que via pela frente na escola, algo incontrolável”, assim já nos adiantava a diretora da escola, que vinha ao nosso encontro desesperada.

Entrando numa sala com prateleiras enormes de livros e uma mesa central de reuniões, a diretora, agora também junto da pedagoga daquela escola, prosseguia: “Nossa! De repente esse menino se levanta, joga o que vê pela frente pra longe... é carteira da sala, é mochila, é caderno... sai empurrando todo mundo e se você não segurar, ele bate nos colegas... é uma coisa horrível, agente não sabe mais o que fazer”.

---

<sup>56</sup> Nome fictício.

<sup>57</sup> Na verdade estávamos na comunidade chamada São Bento, que fica no distrito de Aracê. Mas existe na comunidade de São Bento uma região muito pobre que foi apelidada de “São Bentinho”. É em “São Bentinho” que estávamos passando.

<sup>58</sup> Nome fictício.

<sup>59</sup> Huck é um nome que o próprio aluno se autodenomina, embora não seja seu nome de batismo. Ele fala que é o Huck, fazendo alusão a um personagem das histórias em quadrinhos, humano, mas que quando fica nervoso se torna um monstro verde e grande, terrível e avassalador, com uma força incomparável que poderia destruir o que estivesse pela frente. Quando a diretora da escola o chama, mais adiante, por seu nome de batismo, usamos um nome fictício (Tiago).



“Mas como que é esse de repente?”, perguntava intrigado monstro-andarilho. A pedagoga, então, tomava a palavra: “Olha, os irmão dele, mais velhos, também estudam aqui, mas eles fogem da escola, eles conseguem pular as janelas da escola e ganhar a rua, mas ele, por ser o mais novo e o menor, não consegue pular as janelas e ir com irmãos pra rua, acaba ficando na escola”.

Aproveitando o ensejo, a diretora complementava: “Esses meninos são criados na rua mesmo. Os pais desnaturados deixam os meninos aos cuidados das avós. Os meninos não ficam em casa, ficam na rua o tempo todo. Eles não tem regras, o problema é que eles são criados sem regras nenhuma. Eles são ali da comunidade de São Bentinho, você sabe né... uma comunidade que não tem nada, e agente fica sabendo de que tem muita droga ali. Eu fico me perguntando como esses pais deixam esses meninos na rua? São muitos desnaturados mesmo... a mãe, pra você ter uma idéia, tem até tatuagem no corpo”.

A diretora continuava a falar, ininterruptamente: “Os pais são tão desnaturados que agente vê que Tiago – assim chamava o menino - precisa mesmo é de um médico neurologista, porque isso não é normal. Agente marca o médico pra eles levarem Tiago, mas eles não levam. Uma vez eu fiz o seguinte, depois de Tiago ter outra daquelas crises de fúria, eu falei pros pais que ele só voltaria pra escola depois que tivesse ido ao médico e ser medicado. Dei tipo uma suspensão, sabe? Foi ali que eles levaram o menino no médico. Depois até eles me disseram que tiveram que ficar mais de três horas esperando o médico, e acabaram perdendo até o ônibus para voltar, tendo que esperar mais um bocado para pegar outro ônibus, chegado já muito tarde em casa... coitados... mas, enfim, eles o levaram, o médico receitou um remédio pro menino tomar, mas os pais não estão dando o remédio como o médico pediu. Eles dizem que o remédio está fazendo mal ao menino, mas eu não sei não, eles não podem parar o tratamento assim. Vê só, e deixaram por isso mesmo. Não são uns desnaturados? O problema do Tiago é a família dele”.

Agora, nos levando a sua sala, a diretora dizia da primeira vez que conversou com Tiago: “Uma vez, logo no início quando veio pra cá, ele disse pra mim que era o Huck. Ele já trouxe essa história desde quando estudava na creche. Acho

que ele viu isso na televisão, não sei. Eu falei pra ele que não, ele não era o Huck, que ele era o Tiago, aluno daquela escola”.

Huck é da rua, não das ruas turísticas da cidade, não das rotas do lagarto, não das ruas de Pedra Azul onde mora a diretora da escola, mas das ruas escuras dos arrabaldes, a arapuca do lagarto, região estranha às regras do turismo, Huck é de “São Bentinho”, corpo fraudulento naquelas regiões turísticas da cidade, considerado surtado em suas virulências inesperadas e delírios de criancice. Huck era um exemplar abissal que despertava, no monstro-andarilho, uma estranha aliança tétrica impronunciável, embora nunca houvessem se conhecido.

Decerto havia muitas luzes naquela escola. Huck ali não era o monstro abissal do misterioso “São Bentinho”, não era nem Huck. As luzes que incidiam em seu corpo, na escola, o afrontavam, transfigurando-o num ser patológico a ser medicalizado. Na claridade da escola, “São Bentinho” também perdia o brio próprio de sua escuridão, e toda possível curiosidade suscitada nos mistérios de sua negritude perdia sua força. Havia apenas drogas, o perigo das drogas, e nada mais. Mas não para quem ouviu o som de seus atabaques, “na noite misteriosa das macumbas os atabaques ressoam como clarins de guerra” (AMADO, J., 1998, p. 255).

Os irmãos mais velhos ganhavam a rua, os atabaques ressoavam de longe, trazendo vibrações estranhas à escola, vinham da rua, vinham das margens não turísticas. Ficava mais claro que os sons dos atabaques eram notas de fuga. Mas ele era pequeno, não conseguia pular as janelas, fica preso àquele lugar que não entendia o chamado dos atabaques. Ele fica furioso. Não suporta aquele lugar.

“Temos que ter um auxiliar para ficar só com o Tiago, para segura-lo senão agente não dá conta”, a diretora pedia a monstro-andarilho e a Maria Vitória. A hora já era avançada quando então eles se despediram ali mesmo na sala da diretora, combinando de voltar para conhecer Huck, “São Bentinho” e o som inesquecível de seus atabaques.

### 4.3 O temível de Aracê

*[...] mais eu jamais dormirei tranqüilo outra vez ao pensar nos horrores constantes que nos espreitam por trás da vida, no espaço e no tempo, e nas blasfêmias profanas das estrelas ancestrais que sonham no fundo do mar, conhecidas e adoradas por um culto infernal, ávido por lançá-las sobre a Terra assim que um outro sismo trouxer a monstruosa cidade de pedra mais uma vez à superfície e à luz do sol (LOVECRAFT, H. P., 2011, p. 130).*

Sua incursão rumo ao desconhecido e misterioso “São Bentinho” foi interceptada por súplicas angustiantes que os chamavam em uma outra escola da região de Aracê: “venham correndo porque o temível Pedro<sup>60</sup> voltou a escola”.

Contrariado, via seus insanos planos de descer ao sombrio ‘São Bentinho’ se frustrarem. O monstro-andarilho não volta para conhecer Huck e ouvir o som daqueles atabaques. Ainda assim, latejava em sua cabeça aquele estridente som, e de longe se deixava conduzir em fios de pensamentos delirantes que o atraía, não se sabia como, especulando sobre curiosos e bizarros mistérios que aquele lugar tresvariado poderia abrigar.

Havia uma nota de fabula em seus pensamentos, acrescentado de terror que exorbitava seus sentidos, estranhamente hipersensibilizado para signos inumanos, cosmológicos, de mundos subterrâneos de texturas pantanosas, uma fulgurante *démarche*<sup>61</sup> daquele mundo sombrio por que passaram.

Devida sua frustração, não conseguia disfarçar sua cara carrancuda. Um ar seco e frio bate em seu rosto, queimando-o lentamente. Os raios do sol alcançavam as cúpulas das árvores, irradiando um multicolorido sazonal. Afinal, “quem era Pedro?”, perguntava irritado, já quase em frente à nova escola.

Um cachorro gordo e preto os recebe, com o rabo abanando como que os saudando. Havia ali uma pousada frondosa, uma catedral de pedras antigas e algumas casinhas, mas não havia pessoas na rua, não havia movimentos a não ser as árvores que balançavam com o vento e o cachorro que os recebia na porta da escola. Se não fosse a escola, diria que não havia gente naquele lugar.

---

<sup>60</sup> Nome fictício.

<sup>61</sup> *Démarche* é uma palavra que a uso aqui fazendo referência a uma certa disposição de elementos que imprimem um prolongamento de uma experiência que se passou, neste caso, ter descido ao sombrio “São Bentinho”.

Uma calma que logo foi engolida ao entrar na escola. Professores agitados, direção da escola transparecendo um não saber o que fazer, alunos amedrontados. Os burburinhos se espalhavam disseminando um receio generalizado, perturbando o ser mais altivo.

Curiosamente, a aterrorização que atravessava a todos, era o que o afetava singularmente aumentando seus encantos sinestésicos de mundos misteriosos que só encontrava em seus sonhos loucos que estavam tendo acordado, visões alucinatórias de mundos humanamente indecifráveis. As coisas estranhas estavam o cativando mais do que as outras.

Aquele medo e terror generalizados lhe soavam como indícios que o fazia acreditar que Pedro era um desses monstros das trevas, que só se encontra em regiões recônditas da terra. Ficava cada vez mais interessado pelo que naquela escola estava causando aquele reboliço infernal.

Chegando a sala dos professores, monstro-andarilho e Maria Vitória, encontram uma acalorada discussão monológica entre os professores, que estavam sentados ao redor de uma mesa grande, um ou outro em pé se servindo de um café numa mesa ao canto da sala.

Falavam de Pedro, um aluno que havia voltado. “Queremos policiais na escola, pois esse menino já ameaçou uma professora aqui. Sem policiais não tem condições de eu dar aulas aqui. Vê só, esse menino está voltando porque já deu problemas lá na escola estadual. Dizem que ele estava armado, junto com outros colegas, pois queriam pegar um menino lá da escola. Depois disso, é que ele foi transferido pra cá de novo. Tem condições de dar aulas com ele aqui? Não tem”, uma das professoras dava o tom da querela.

“Ele carrega a herança maligna de sua mãe em suas veias, por isso ele é assim. O padre aqui já dizia que esse menino nunca tinha que ter nascido, sua mãe nunca tinha que ter se casado. Agora temos esse monstro. O que fazemos? Precisamos de policiais aqui, pois esse menino é perigoso, ele já ameaçou uma professora aqui antes”, outra professora também estava fazendo referência ao dia em que Pedro ameaçou uma professora na sala de aula, falando que ia matá-la.

“Deus me livre, só de pensar me faz lembrar aquele caso que aconteceu lá no Rio de Janeiro<sup>62</sup>, aquele caso lá que passou na televisão, do menino que entrou na escola e começou a atirar em todo mundo. Deus me livre, mas eu acho que Pedro é um desses. Deus me livre”, acanhada, diz outra professora.

“Sem contar que esse menino deve ser um drogado. Uma vez eu o peguei com um pó branco, zuando com outros colegas. Eu juro que eu pensei que fosse droga, ainda bem que não era, era só pó de giz. Mas eu pensei que fosse droga, esse menino deve fazer uso disso”, ao mesmo tempo outra professora também falava, atropelando com suas suspeitas.

Os professores, como cobras, esguichavam rajadas de veneno mortífero. Naquela sala, jogavam com enunciações de modo ácido, corrosivo, violento. Operavam por mortificações, por trancamento de possíveis, atravancavam saídas, fechando Pedro numa destinação de violência pela violência.

Havia um ódio que corria em seus sangues, um ódio tirânico de quem tem medo. Atacavam o sinistro monstro das trevas, com violências de venenos mortíferos, mas o fedor podre desse veneno todo se exalava quanto mais, na medida em que monstro-andarilho lançava, junto com Maria Vitória, uma curiosidade sorrateira.

Saíram daquela sala de uma esterilidade fétida, foram chegar perto do temível Pedro. Ele vinha lá de dentro da escola, de uma das salas de aula. É o mais velho de três irmãos (seus pais que não podiam se casar, nem ter filhos, segundo o padre e o médico da região, tanto têm três filhos, como estão casados), um rapaz de 14 anos, filho de pedreiro, e sua mãe acometida por uma afecção nervosa que a deixara “retardada”, como dizia a diretora da escola.

Gingando com os braços ao andar, parecia verdadeiramente dançar. Titânico, assumia um ar intimidador. Gostava, para o pavor da diretora e das professoras, e falava muito em armas. Seu sonho, dizia ele, era servir o exército brasileiro. “Esse menino também deve ter algum problema de cabeça”, reclamava a diretora.

---

<sup>62</sup> A professora faz referência a um assassinato em massa que aconteceu na Escola Municipal Tasso da Silveira, num bairro da cidade do Rio de Janeiro, chamado Realengo. O “massacre de Realengo”, como ficou conhecido e amplamente divulgado pela mídia, se deu no dia 7 de abril de 2011, quando um rapaz de 23 anos, ex-aluno da escola, chamado Wellington Menezes de Oliveira, invadiu a escola com dois revólveres em punho, atirando nos alunos, matando 11 pessoas.

Pedro voltava a essa escola. Ele havia estudado ali no início deste ano (ano de 2012), quando ameaçou uma das professoras, dizendo que ia matá-la. “A professora pegava no meu pé, chamando minha atenção, até quando eu não era o culpado. Eu estava putto. Mas eu só ameacei, porque ela estava sendo injusta também com meus amigos”, dizia ao monstro-andarilho e à Maria Vitória.

Não havia medo na fala de Pedro, suas falas não eram quadrilhadas pelo temível. Mas o intempestivo escorria nas sub-linhas de suas falas. Falava de matar, porque talvez se precisasse matar para se mudar as coisas. A sua incursão mortilenta não se rebatia, todavia, na pessoa de seu ninguém, ganhando uma espessura impessoal que a tornava, escandalosamente, o próprio temível, um sussurro do escuro.

Numa escuta impetuosa, entretanto, no escrutínio de suas falas se vê alavancar, um regime de dizibilidade funesto, mortífero, personificado, cujo pedido de policiais é apenas mais um elemento, a presença de policiais outro, e assim sucessivamente, acumulando compósitos que funcionam como intermediários sobrecodificantes de nossa sensibilidade, nos impermeabilizando para o *por traz da vida* (LOVECRAFT, H. P., 2011).

Ao conversar com Pedro, monstro-andarilho e Maria Vitória, ganhando fôlego, voltaram àquela sala onde estavam os professores. O fedor gritante agora estava insuportável, chegaram quando uma das professoras dizia: “A gente não pode dar as provas pra ele, que ele rasga na nossa frente”. No que outra professora disse: “É, eu pedi pelo menos pra ele assinar a prova, mas ele não assinou, e rasgou a prova”.

A curiosidade do monstro-andarilho por coisas estranhas, todavia, inexplicavelmente surtia uma afirmação anômola que operava uma verdadeira suspensão das leis naturais que se estabeleciam naquele lugar, operando torções no centro gravitacional, como relampejos funestos de abismos longínquos, de esquisitices inomináveis. Violava os limites impostos que jugulava a curiosidade para mundos infinitos que se espectravam para além das vistas e de toda análise iluminada.

Aquela ladainha agora se intercalava com outras falas: “Uma vez, durante a aula, agente estava falando de Movimentos Sem Terra, sabe. Nesse dia, ele

mostrou que tava interessado, pois ele dizia: ‘ah, professora, é igual aconteceu lá perto de casa, quando um amigo nosso foi despejado das terras que havia arrendado, pois não tinha pago aos donos da terra. Foi uma puta de uma injustiça ter tirado as terras dele’, e falava revoltado com essa situação toda. Mas olha só, tá bom, mas na prova tinha lá uma questão sobre o Sem Terras, eu falei pra ele fazer pelo menos essa questão, ele não quis, ele pegou e rasgou a prova”.

Pedro trazia um saber dissociado, um saber das trevas, revelando um injusto panorama da realidade, e escancarando o lugar sala de aula que, nesse panorama, ocupamos. Pulsa em suas veias a revolta em meio a desigualdade social que vive logo ali, onde mora, e que ele sabe que não pode ser respondida por uma questão de prova tão somente. Disparado por uma aula sobre os Sem Terras, Pedro revela nossa ignorância, bem como nossas inclinações limitantes de não irmos muito longe.

Todavia, aquela curiosidade monstruosa perturbava demasiadamente a rede de códigos que até então encontrava uma eficácia imperativa. Aos poucos, com isso, a sala ia se esvaziando, ficando três, quatro professores apenas, quando antes havia uns dez. Os que ficaram diziam agora: “Você sabe o que aconteceu? Aconteceu que nós, professores... vou falar nós, mas especificamente estou me referindo também aquela professora lá da ameaça..., nós desgraçamos com a vida de Pedro exatamente quando se registrou no boletim de ocorrência da polícia a ameaça que ele fez”.

“É verdade. Depois desse boletim, eu comecei a ter medo de Pedro, eu comecei a olhar ele com outros olhos, e não só eu, mas eu acho que todos aqui. Veja só, era a palavra da professora”, complementava outra professora que havia ficado na sala. “Só que ninguém havia parado para pensar que outros alunos também reclamavam muito dessa professora, havíamos ficado preso só com o fato do registro dela no boletim da polícia”, escutando a fala anterior, replicava uma das professoras.

O tempo avançava aceleradamente, já estava anoitecendo, e se preparavam para ir embora. A atmosfera do lugar ganhava matizes atrativamente avermelhadas, um pouco de possível atingiam as carnes de alguns daqueles

professores ora tomadas de veneno. Sentia uma aliança monstruosa irresistível se estabelecendo, os impelindo a voltar.

#### 4.4 Duas Parajus numa mesma

*[...] A não ser quando João de Adão ria dele e dizia que só a revolução acertaria tudo aquilo. Lá em cima, na cidade alta, os homens ricos e as mulheres queriam que os Capitães da Areia fossem para as prisões, para o reformatório, que era pior que as prisões. Lá em baixo, nas docas, João de Adão queria acabar com os ricos, fazer tudo igual [...]. O padre queria dar casa, escola, carinho e conforto aos meninos sem a revolução, sem acabar com os ricos. Mas de todos os lados era uma barreira. Ficava como que perdido e pedia a Deus que o inspirasse. E com certo pavor via que, quando pensava no problema, dava, sem se quer o sentir, razão ao doqueiro João de Adão. Então era possuído de temor, porque não fora assim que lhe haviam ensinado, e rezava horas seguidas para que Deus o iluminasse (AMADO, J., 1998, p. 102 e 103).*

Queriam voltar a Aracê. Algo misterioso estava se propagando por meio de alianças incipientes e abjetas, uma energia estranha embebia alguns, noviços, num culto a deuses ancestrais amorfos e irracionais, penetrando em dimensões desconhecidas da existência. Queriam voltar, estavam cativados a um mundo das profundezas que, em relampejos ultra-rápidos, se esboçavam na superfície árida como fumaças alucinógenas que se exalavam das entranhas da terra.

Queriam voltar, mas não havia carro que os levasse a região de Aracê. Uma aliança monstruosa, ainda sem muita consistência, era blasfemada pela distância que se estabelecia forçosamente. Mas ainda assim, era acometido de pensamentos delirantes sobre aquelas alianças clandestinas. Parecia que a coisa sombria sabia muito bem encontrar, em devaneios perturbadores, o monstro-andarilho, ainda que a distância forçada.

Não havia carro para Aracê, o carro que havia estava indo levar duas pedagogas a região de Paraju.<sup>63</sup> Não tinham alternativa, a não ser acompanhá-

---

<sup>63</sup> A Secretaria de Educação e Esportes de Domingos Martins é dividida em equipes diferentes de pedagogos que acompanham, cada uma, tipos de modalidades de ensino, etapa de escolarização e modos de organização escolar (uni e pluridocentes) específicas. Estas diferentes equipes, em que o CREI também faz parte, a fim de acompanharem de perto as cinquenta escolas do município, muitas delas em lugares longe e de difícil acesso, contam com apenas dois carros, que ainda precisam dividir com a Secretaria de Esportes a que a Secretaria de Educação é integrada. Em vista disso,



las a esta região que, uma hora ou outra, teriam de ir mesmo, em virtude de um menino, um forasteiro que estava sendo agressivo com os colegas. Tinham que ir ainda mais, pois outros pais já estavam reclamando desse menino.

Trata-se de Juca<sup>64</sup>, menino com seus oito ou nove anos, morador do “Buraco Quente”,<sup>65</sup> cuidado pelas avós. Ele não é da região, seus pais, meeiros, são da cidade de Viana (cidade da Grande Vitória), e mudam muito de um lugar para outro em decorrência da sazonalidade das colheitas. Juca sabe que, uma hora ou outra, também mudaria dali.

Monstro-andarilho e Maria Vitória iam, com as duas pedagogas, com a condição de não poderem demorar, pois, como que de carona, estavam condicionados ao horário das pedagogas, devendo retornar a sede (Campinho) mais cedo em vista de outros compromissos.

Chegaram, era a hora do recreio. Enquanto os alunos se dispersavam pelo pátio e pela quadra, os professores se ajuntavam numa sala onde tomavam café e conversavam, descontraidamente, de tudo. Sem cerimônias, convidados a tomar aquele café, monstro-andarilho e Maria Vitória se acomodavam entre os professores.

Sem se aperceberem, contudo, a presença daqueles visitantes causava uma interferência no rumo que davam àquela conversa descontraída. Agora, com uma vivacidade destoante e com proselitismos um pouco extravagantes, aos goles de café amargo, descreviam o que viam, de longe, numa região do distrito, apelidada pejorativamente de “Buraco Quente”. Incrivelmente desenhavam um mosaico de cores que nitidamente se podia distinguir Paraju de “Buraco Quente”.

Diziam entre eles: “O ‘Buraco Quente’ está se tornando um problema aqui na comunidade... isso tá virando um favelão... ali existe um problema muito grande de ‘famílias desestruturadas’, são os avós que cuidam dos netos, agente vê que os meninos não têm limites... você já foi ali? – perguntava ao monstro-andarilho

---

muitas vezes, a dinâmica do trabalho se configura no atendimento a urgências, entendida, em muitos casos, como problemas de escolas que se levam a Secretaria de Educação e que ganham um volume difamatório na comunidade escolar.

<sup>64</sup> Nome fictício.

<sup>65</sup> Apelido dado a uma região pobre de Paraju, devido as muitas confusões e brigas que se testemunham nesse lugar, necessitando muitas vezes de intervenção policial, o que contribui ainda mais para o tom pejorativo a que se dirige.

– nossa! As casas são feitas desordenadamente, de uma casa a rua se passa pelo quintal da outra e por aí vai, é uma loucura... agora o maior problema ali são as drogas, nossa!... é demais... isso tá virando um favelão...”.

Em Paraju, na refração espectral da luz sobre seus elementos, sempre atinge um ocre desprezível e repugnante em seu ponto mais imerso, o “Buraco Quente”, habilitando experientes prestidigitadores a façanhas de ilusionismos dos sentidos, distinguindo duas Parajus, quando na verdade só há uma.

“Você é psicólogo, né?! Nossa! Tem dois meses que eu estou tentando parar de tomar Rivotril, que martírio!” – dizia uma professora ao monstro visitante, no que outro professor disse: “Ah, bonita... e eu que estou tomando Rivotril, Fluoxetina, aquele outro... aí meu Deus... esqueci o nome, só sei que estou tomando uns quatro medicamentos desses tarja preta”.

Os professores, que não moravam no “Buraco Quente”, mas sem constrangimentos falavam do uso que faziam de drogas mesmo que incontavelmente, faziam estrita distinção, escamoteando de seus pensamentos, com um refinamento no uso astucioso das palavras, o verdadeiramente indistinto. “É no ‘Buraco Quente’ que há problema de drogas...” - diziam.

Acontecia no distrito de Paraju algo semelhante ao que acontece na cidade de Bersabeia (CALVINO, I., 1990):

Também crêem, esses habitantes, que existe uma outra Bersabeia no subterrâneo, receptáculo de tudo o que lhes ocorre de desprezível e indigno, e eles zelam constantemente para eliminar da Bersabeia emersa qualquer ligação ou semelhança com a gêmea do subsolo. [...] (CALVINO, I., 1990, p. 103).

O toque do sinal anunciava o fim do recreio. Os professores aos poucos iam se dispersando, em posse de pastas, cadernos e livros iam as suas respectivas salas de aula, acompanhado pelos alunos enfileirados. Em pouco tempo o pátio e a sala dos professores havia se esvaziado, ficando apenas o monstro visitante, Maria Vitória, o diretor e a pedagoga da escola.

Ainda aos goles de café amargo, começaram a conversar sobre Juca. “Esse menino, de uns tempo pra cá, tem ficado agressivo com os colegas... eu não sei o que acontece, ele traz essa violência lá de onde ele mora, ele fala que o tio

dele já matou gente, e fala com todo orgulho, vocês precisam ver... ultimamente ele deu pra desenhar metralhadoras, eu não sei onde esse menino vê essas coisas, só pode ser onde ele mora...”, dizia o diretor.

“Esse menino foi diagnosticado aqui, pelo médico, por hiperatividade... ele não pára quieto, vocês precisam ver... foi prescrito pra ele um remédio, mas eu acho que a avó, que cuida dele, não está dando e aí esse menino vem todo agitado pra escola”, dizia a pedagoga, no que o diretor complementava: “agente já falou pra essa avó que esse menino não pára quieto aqui na escola, e perguntamos se ela tá dando o remédio que o médico havia prescrito pra ele. Ela disse que em casa o menino não é isso tudo que dizemos, que ele não dá trabalho assim, e que ela estava dando o remédio sim. Agente tá suspeitando que a avó tá dando esse remédio quando ele chega em casa, por isso que ela diz que ele não dá trabalho lá, pois aí ele sossega”.

“Isso é um outro problema... as famílias desestruturadas... há muitas famílias desestruturadas em ‘Buraco Quente’... vê aqui neste caso, é a avó que cuida de Juca, vai saber como essa avó cuida desse menino...”, interpelando a pedagoga da escola, com um tom surpreendentemente ingênuo, Maria Vitória pergunta: “mas o que você chama de ‘família desestruturada’?”

Um silêncio ensurdecador se seguia a pergunta. Pareciam todos desconcertados, reflexivamente desconcertados. Maria Vitória, como um monstro, fazia torções numa discursividade hegemônica com perguntas simples, perguntas *infantis* (KOHAN, W., 2003).

Reflexivamente, a pedagoga da escola, que não mora no “Buraco Quente”, solta algumas palavras sincopadas: “É... se for pensar direitinho... não sei... acho que se for pensar bem, minha família também seria desestruturada!?”. Operava-se não mais apenas reflexões, mas inflexões monstruosas e inesperadas, quase uma iminência de se desbançar quimeras, bastante efetivas afinal, “[...] preguiçosos detritos enroscados lá embaixo [no ‘Buraco Quente’, que se elevam], giro após giro, os edifícios de uma cidade fecal de extremidades tortuosas” (CALVINO, I., 1990, p. 104).

Um pouco embaraçados, o diretor, como que se desobrigando a pensar mais sobre o assunto, faz uma brusca interrupção: “vamos lá conhecer Juca?!", nos

chamava já se levantando da mesa, e reforçando: “Nossa! Juca tá muito agressivo com os colegas, esse menino de ‘Buraco Quente’ tá trazendo uma agressividade pra cá que não sei onde ele está aprendendo. Agente chama ele pra conversar, ele sempre diz que não foi ele quem começou. Agente sabe que foi ele, mas ele sempre vem com essa história. Nós estamos vigiando esse menino, estamos esperto com ele”.

Levantaram-se todos, saindo da sala dos professores, passando pela soleira da porta da secretaria, onde haviam ficado as duas pedagogas com quem vieram que, ao os avistar, faziam sinal apontando para o relógio no pulso, como que dizendo que já estavam na hora de irem embora.

A fim de ganhar mais um tempo, Maria Vitória foi ter com elas, explicando o que estavam acompanhando, enquanto o monstro-andarilho foi conhecer Juca. Havia se proposto a não perguntar nada, a não falar nada com Juca, apenas a ficar com ele, naquele tempo que ganhava, junto com seus colegas, na aula em que estivesse.

Deixando-o na porta da sala de Juca, o diretor repetiu: “esse menino de ‘Buraco Quente’ está muito agressivo... não sei não... vou deixar você aí, dê uma olhada”, e saiu. O monstro visitante entrando na sala onde estavam ensaiando uma musica, vai se acomodando com muita destreza entre eles, participando também do ensaio.

A professora, já sabendo que ele estava ali por causa de Juca, e vendo que o monstro visitante não havia se sentado perto de Juca, disfarçadamente chega ao pé de seu ouvido e diz: “Juca é aquele menino ali”, e apontava com o dedo sem que Juca percebesse.

De sua atenção indiscriminadamente dispersa, apenas enlevado pelo ensaio musical, atarantavam uma experimentação aberta, oprimindo e fechando os meandros de sua atenção sobre Juca. Resolve se sentar ao lado de Juca, todavia para acompanhar o ensaio musical. Rebelava-se definitivamente a uma hierarquia de olhares que se estabelecia sobre Juca.

Pobre menino do “Buraco Quente”, que desenha metralhadoras, forasteiro filho de meeiros, cuidado por avós. Juca não estava uniformizado como os outros.

Não valeria a pena comprar uniformes, sabendo que uma hora ou outra já não estaria morando ali, nem estudando nessa escola.

A professora distribuía a letra da música que iam ensaiar, impressa em folhas de papel. Não havia cópias o suficiente, era necessário formarem duplas, até trios, para que todos pudessem acompanhar a letra. Ao lado de Juca também estava uma menina, descendente alemã típica da região, perfilando perfeitamente os traços fenotípicos das gentes da Paraju mais emersa.

A professora, distribuindo alternadamente as letras impressas, entrega uma cópia à menina que estava ao lado de Juca. Sem ainda se dar conta que isso implicaria se juntar a Juca, ela recebe o impresso sem reticências. Juca, então, se inclina ao papel nas mãos da menina, ao soltar o som no toca CD da música a ser ensaiada.

Em meio a essas circunstâncias, se afastando um pouco de Juca, primeiro ela olha para suas colegas. Depois, o fitava num instante, com olhar visceralmente desprezível. Juca ainda mais inclinado sobre o papel em suas mãos que teimavam a se afastar, mas agora mais comedida, ao se surpreender com o olhar do monstro visitante, que agora repousava sua atenção antes dispersa. A menina, surpresa, se recompõe às pressas de sua disposição hostil, ficando um pouco imóvel.

Juca, vez ou outra, insistia em ajustar o papel nas mãos da menina a fim de ler melhor. Por fim, já havia perdido todo o interesse, deixando de acompanhar a letra e o ensaio, quando a porta da sala se abre. Era Maria Vitória que, com todo o cuidado para não dispersar a atenção dos alunos que ensaiavam, fazia sinal que tinham agora que ir embora.

A agressividade de Paraju, em “Buraco Quente” e em seus ignóbeis habitantes adquiria um fulcro repulsivo. Não que aumentasse necessariamente, mas diáfano nas regiões mais emersas, ia mudando de qualidade quanto mais profundo, ganhando realces asquerosamente mais enegrecidos e obscenos. Na pobreza bruta se efetuava um refinamento do poder, materializando sentidos por meio de um jogo de enunciados e visibilidades.

Ninguém conseguia ouvir quando Juca dizia que não era ele que começava a agressividade, por mais que se esforçasse a usar uma corrente de palavras

numa freqüência tangível aos habitantes de Paraju mais emersa, fazendo com que percebessem o indistintamente podre (as drogas, a violência...) em suas mais variadas modulações.

Ninguém conseguia ver o quanto também se era agressivo com Juca. Para isso, era necessário acessar um ângulo mais obtuso, de qualquer forma, descer um pouco ao “Buraco Quente” para se desfazer aquela ilusão óptica, coisa que Juca já sabia a muito.

Já não tinha mais tempo, ajeitando suas coisas e se levantando apressadamente, se despede de Juca. Num instante, estranhamente presente em seu íntimo, que não veria mais Juca. Talvez quando voltasse, Juca já não estivesse mais na escola, teria se mudado com os pais meeiros para outro lugar.

Sai com discrição da sala, encontrando os demais já o esperando no carro. Despede-se rapidamente do diretor e da pedagoga da escola, soltando em meias palavras a necessidade de voltar para conversar sobre Juca, “Buraco Quente”, Paraju... saem...

## 5 Entre rumores de guerra e musicalidades: um sussurro das trevas

*[...] Não junto a minha voz à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da “justa ira” dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas (FREIRE, P., 1996, p.101).*

As cifras obscuras de “São Bentinho” no plano da cidade turismo, os meeiros amigos expulsos de suas terras fomentando uma revolta que não se apaga com questões de prova, a hostilidade funesta de Paraju para com sua região mais pobre, formam uma gama caleidoscópica que indiscutivelmente extravasa, desvia, foge do que talvez seja a tendência mais forte da inclusiva brasileira, a centralidade em torno do deficiente e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) (ANDRADE, R. B. de, 2009).<sup>66</sup>

Na intrusão desses elementos, suspendendo um excesso de movimentos sensórios-motores, monstro-andarilho é lançado a uma curiosidade ilimitada. O que os alunos “agressivos”, “hiperativos”, “violentos”, pobres, que lhe eram encaminhados, estavam afirmando? Estava convicto e aludia-se a uma linhagem oculta de seres monstruosos (LOVECRAFT, H. P., 2010) que estavam à espreita.

Assombrado em face dos mistérios, estranhamente era cativado a seguir cifras obscuras. Precipitava-se a um mundo de trevas insondáveis, a uma vastidão abismal de dimensões ocultas, irredutíveis às exasperantes limitações impostas pelo espaço/tempo e pelas leis naturais do plano da cidade turismo. As geometrias racionais que se repetiam por toda a cidade turismo, sorrateiramente eram solapadas nesse mundo de trevas.

---

<sup>66</sup> Sendo mais preciso, havia uma diferença quando as visitas às escolas eram feitas pelo psicólogo e pela pedagoga (do CREI) juntos e quando só o psicólogo fazia a visita. Quando estavam juntos, se falava mais do público alvo da educação inclusiva/educação especial, embora nem sempre prioritariamente. Coisa que dificilmente acontecia quando só o psicólogo do CREI – que na história foi chamado de monstro-andarilho – visitava uma escola. Quando só o psicólogo fazia uma visita à escola, dificilmente o público alvo da educação especial/educação inclusiva era trazido pela escola, se trazia, entretanto, os alunos “indisciplinados”, “hiperativos”, “os que não aprendem e que não têm laudo médico”, “o agressivo”.

Equivocava-se ao som de músicas demoníacas e atabaques, aberto aos chamamentos da vida. Fazia-o, todavia, muitas vezes interceptado em virtude de um trabalho que se precariza.<sup>67</sup>

No quadriculado da normalidade da cidade turismo, ninguém melhor do que esses monstros, na espessura das trevas que trazem em seus corpos, para denunciar o significado hostil de uma sociedade opressora (FREIRE, P., 2011) que extrapola os muros da escola, mas que nela infelizmente também se atualiza.

*Infames* (LOBO, L., 2008), são protagonistas, não necessariamente pelo que fazem ou pelo que dizem, mas porque trazem uma estranheza muda, uma existência subtraída da cidade oficial, a cidade turismo.

Uma estranheza muda paradoxalmente que aciona um regime de dizibilidade hegemônico, que faz falar, que também é incitada a falar, e que quanto mais fala ou dela se fala, mais se apaga seus vestígios (BAPTISTA, L. A. dos S., 2001). Uma operação estratégica que nela encontra a autenticação para usos que se fazem de um Centro de Referência em Educação Inclusiva.

Uma estranheza muda inequivocamente violenta, mas que não se mede pela violência inescrupulosa da opressão. Sem dúvida uma indelinquência contra a dominância da grande cidade turismo. Uma estranheza muda, violenta e indelinquente que se opaciza, entretanto, justamente no desnivelamento com as vias centrais da cidade, configurando-se ali numa pura violência intolerada, animada pelos fantásticamente concebidos casos veiculados nos meios midiáticos.<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> Não só a precarização em decorrência do transporte, como já dissemos antes, impedindo-nos muitas vezes de estarmos nas escolas, como também o reduzido número de profissionais. O Centro de Referência em Educação Inclusiva conta, hoje, com duas pedagogas sem dedicação exclusiva, um psicólogo, uma professora especializada em cegueira e baixa visão que trabalha por extensão de carga horária – isto é, trabalha apenas quando pode e é solicitada -, uma fonoaudióloga – a única do município – que, apesar de ter sido nomeada fonoaudióloga da Secretaria de Educação, alocada no CREI, hoje atua mais pela Secretaria de Saúde que pelo CREI propriamente dito. Tudo isso vem contribuindo para se produzir desencontros e uma desarticulação entre os profissionais, prejudicando o fortalecimento da coletivização do trabalho. Além disso, a estrutura do CREI que não nos dispõe de telefone, internet, computadores com impressora (há apenas um *notebook*), ventilador (nas épocas quentes, a temperatura e a sensação térmica, durante o dia, são elevadas em Domingos Martins).

<sup>68</sup> É comum as analogias que se fazem entre esses meninos e casos de violência veiculados pela mídia aberta, como Pedro e o caso amplamente divulgado do “massacre do Realengo”, Tiago e Juca e os casos divulgados de violência nas favelas. Em uma conversa que tive a oportunidade de ter com



Mas é em seu próprio emudecimento que encontramos sua potência não silenciada, que acrescenta a cidade visível, dimensões ignoradas, abrindo portas para viagens inusitadas, que ultrapassam as rotas sedentárias de turistas curiosos.

Uma interferência das trevas atingindo limiares demasiadamente arriscados, revelando panoramas de planos inumanos capazes de levar alguns, de sensatez mais fraca, a se precipitarem numa loucura completa e irreversível. E o que afirmam esses alunos pobres “agressivos”, “hiperativos”, “violentos”?

Afirmam outras cidades em Domingos Martins, cidades irreduzíveis a grande cidade turismo, onde redes de solidariedades, modos de constituir família, sensibilidades ao homem do campo, modos de se usar a rua vão ganhando matizes do vivendo que são disruptivos aos modos hegemônicos da cidade.

Afirmam também cidades precarizadas em Domingos Martins, dispostas numa escuridão hostil, longe do fluxo turístico. Cidades invisibilizadas pelo poder público e que “precisam de creches, para se evitar que crianças se arrisquem nas BRs”; que “precisam de postos de saúde, [como estratégia de afirmação do lugar onde moram], pois tudo é em Pedra Azul”; que “precisam de garantir o direito a terra, o direito a um teto”.

O que afirmam esses alunos pobres “agressivos”, “hiperativos”, “violentos”? Eles denunciam as individualizações patológicas de que são alvos, denunciam criminalizações injustas de que sofrem. Por que as famílias desestruturadas são as que moram no “Buraco Quente”? E, por que meeiros são expulsos de suas terras? Por que não podemos ir para as ruas? Por que as ruas de Pedra Azul são diferentes das ruas de “São Bentinho”? Por que essas perguntas não têm lugar? etc..

Eles, dessa forma, evidenciam o esvaziamento das coletividades, uma acentuada privatização da vida, “[...] processos de captura dos movimentos coletivos, do comum, a favor de mecanismos de privatização da vida, de segregação [...]” (LOUZADA, A. P. F., 2009, p. 18).

---

a mãe de “Huck”, na comunidade de “São Bentinho”, ela me diz de sua indignação de ver seu filho sendo tratado na escola como “um desses traficantes lá do Rio de Janeiro, como um criminoso”.

Monstruosidades que se furtam às leis da grande cidade turismo, marcados pelos vestígios de outros mundos, cosmos infinitos de qualidades indescritíveis, de curvaturas inconcebíveis pelo crepitar da racionalidade humana desprezível. Corpos anômalos sibilando universos de dimensões ocultas e intangíveis, dotados de autonomia intempestiva, interferindo nos meandros de uma dada normalidade.

Aquele *sussurro das trevas* (LOVECRAFT, H. P., 2010), aqueles cantos assustadores, aquele som dos atabaques... eram cantos que vinham de rituais paroxísticos de monstruosidades que dançavam como se estivessem fora de si, prestando homenagens a um deus caótico, lascando no chão da escola modos de se aprender, de se ensinar, de se avaliar que recusam uma suposta neutralidade da educação.

Entoam a *politização da educação* (FREIRE, P., 1996), essa qualidade da educação ser indistintamente política. Entoam a *politização da educação*, entoam a voz emudecida das comunidades e das classes populares (FREIRE, P., 1996).

Os humanos da grande cidade turismo eram orientados a não ouvi-los, pois o culto demoníaco tinha força inebriante.<sup>69</sup> Alguns que ouviram aqueles sons foram solapados em delírios terríveis, outros não suportaram e viraram um deles. Acreditando ingenuamente terem algum domínio sobre esses monstros, os homens da grande cidade turismo os lançam em relações hierarquizantes.

Ainda assim, em lapsos intermitentes, transfiguram inexplicavelmente os lugares que hierarquicamente lhes destinam. Parece que se extraviam da conjuntura de opressão a que são submetidos, apesar de sentirem seus efeitos nefastos e insidiosos. Dançam, irascíveis, ao ritmo de músicas demoníacas que os arrebatam para espectros de outros mundos, ainda que num mesmo lugar de opressão.

Metamorfoseiam todo aquele mundo opressor em abismos insondáveis, formando uma rede intensiva que desarranja o lugar que lhes destinam hierarquicamente. *Um sussurro das trevas* (LOVECRAFT, H. P., 2010), um

---

<sup>69</sup> Não é de hoje uma obsessão pela ordem em instituições escolares, ainda que para responderem a problemas diferenciados (ENGUITA, M. F., 1989).

canto imprestável lançado sobre o mundo humano, produzindo todo um horror insano.

Monstros que, por se subtraírem às leis da grande cidade turismo, assombram numa autonomia intempestiva, mas que nem por isso deixam de sentir os efeitos opressivos e insidiosos das relações hierarquizantes que sobre eles incidem.

Afirmam mundos incognoscíveis nas regras hegemônicas dos homens da grande cidade turismo. E faíscam um gosto pela rebeldia, um gosto por movimentos de *autonomização* (HECKERT, A. L. C., 2004).

Como exercício permanente, a autonomia não tem como condição prévia a inexistência da dominação, pois sua ação reside exatamente no embate com as tecnologias de dominação, afirmando outras políticas de vida que escapem e desmontem o controle e a submissão. É desse modo que a autonomia [mais, precisamente a autonomização] não é um princípio que possa ser garantido e assegurado *a priori* nas formalizações que a prescrevem, ela se exerce nas ações que efetua. Esse exercício se faz quando criamos outras práticas que desafiam e interrogam os regimes de verdade que balizam nossa existência, quando mudamos os procedimentos que utilizamos habitualmente ao designar o que pode/não pode ser feito, o que é aprender, o que é ensinar, o que é participar (HECKERT, A. L. C., 2004, p. 156 e 157).

Essas monstruosidades, enfim, formam uma rede delituosa de confabulações, captando movimentos de constituição de um povo (DELEUZE, G., 1992). Compõem uma tessitura estranha ao ego, ameaçador ao sistema de representação de mundo. “[...] é exatamente essa produção singular e menor, esse ponto singular de criatividade que terá um alcance máximo na produção de mutação da sensibilidade [...]” (GUATTARI, F.; ROLNIK, S., 2011, p.134), um potente índice de monstrualização.

## 6 REFERÊNCIAS

AMADO, J. **Os Capitães da Areia**. 92ª ed. Rio de Janeiro:Record, 1998.

ANDRADE, C. D. de. **A Paixão Medida**. 4ªed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

ANDRADE, R. B. de. **Políticas Inclusivas no Chão da Escola: usinagens e rebeldias no front-da-batalha**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Institucional. Orient. Profª Drª Ana Lúcia Coelho Heckert. Vitória (ES): UFES, 2009. 216 p.

ASSIS, M. **O Alienista e outros contos**. São Paulo: Catania Editora, [19--?].

BAPTISTA, L. A. dos S. A fábula do garoto que quanto mais falava sumia sem deixar vestígios: cidade, cotidiano e poder. IN: Maciel, Maria (org). **Psicologia e Educação: novos caminhos para a formação**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, p.195-209, 2001.

BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas, volume 1: magia, técnica, arte e política**. 7ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BERGSON, H. **A Evolução Criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 4ª.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Pensamento e o Movente: ensaios e conferências**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRANDÃO, J. de S. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

BUENO, F. da S. **Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Edição Saraiva, 1968.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: Seesp, 1994.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 18 de novembro de 2011. Disponível em: <http://www.in.gov.br>. Acesso em: Jan. 2013.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº1/2002 de 18 de fevereiro de 2002. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_02.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf)> Acesso em: Nov de 2011.

BRASIL. Parecer CNE/CEB Nº 13 de 03 de junho de 2009. Diretrizes Operacionais para o atendimento educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 24 de setembro de 2009. Seção 1, p.13.

BRASIL. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília: MEC/SEESP, 2001. Resolução CNE/CEB nº2/2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008.

CALVINO, I. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. 6ª ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CAPONI, S. Biopolítica e Medicalização dos Anormais. **Physis Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 19, [2], 529-549, 2009.

CASTAÑEDA, C. **A erva do diabo**. 29 ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2004.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. 18 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DESCARTES, R. **As Paixões da Alma**. Coleção: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, V.1, 1987.

\_\_\_\_\_. **Discurso do Método**: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. Coleção: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, V.1, 1987.

DONZELOT, J. **A Polícia das Famílias**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

ENGUITA, M. F. **A Face Oculta da Escola: educação e trabalho no capitalismo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERREIRA, M. M. História, tempo presente e história oral. In: **Topoi.** Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p. 314-332.

FOUCAULT, M. **A Verdade e as Formas Jurídicas.** Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Os Anormais.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Poder Psiquiátrico.** São Paulo: Martins Fontes, 2006

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder.** 25. ed. Rio de Janeiro: Edição Graal, 2008.

\_\_\_\_\_. O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. **Subjetividade do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP**, v. 1, n. 1. São Paulo: 1993. p. 197-200.

\_\_\_\_\_. **O Governo de Si e dos Outros.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. v. 1 (Coleção Ditos e Escritos).

\_\_\_\_\_. **Ética, Sexualidade e Política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, v. 5 (Coleção Ditos e Escritos)

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 37<sup>a</sup> ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. O Sujeito e o Poder. In: Dreyfus e Rabinow. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense, 1995. p. 231-250.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território, População.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GUATTARI, F. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HABWALCHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HECKERT, A. L. C. **Narrativas de resistência**: educação e políticas. Programa de Pós-Graduação em Educação. UFF, 2004. Tese de Doutorado.

KAFKA, F. **A Metamorfose**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

KASTRUP, V. **O Funcionamento da Atenção no Trabalho do Cartógrafo**. *Psicologia e Sociedade*; 19(1): p.15 a 22; jan/abr. 2007.

\_\_\_\_\_. A Cartografia como Método. In: Palestra ministrada no Programa de Pós Graduação em Psicologia Institucional. Vitória. 2007.

\_\_\_\_\_. O Funcionamento da Atenção no Trabalho do Cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (orgs.). **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KOHAN, W. O. **Infância**. Entre Educação e Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

LANCETTI, A. **Clínica Peripatética**. São Paulo: Hucitec, 2011.

LAVRADOR, M. C. C. Loucura: construção de outros modos de existência. In: NOVO, H. A.; SOUZA, L. de; ANDRADE, A. N. de (orgs.). **Ética, Cidadania e Participação**: debates no campo da psicologia. Vitória: Edufes, 2001.



\_\_\_\_\_. Processos de Exclusão e Inclusão Social. In: BARROS, M. E. B.; ABDALA, M. (orgs.). **Mundo e Sujeito**: aspectos subjetivos da globalização. São Paulo: Paulus, 2005. p. 115-127.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

LISPECTOR, C. **A Legião Estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOBO, L. F. **Os Infames da História**: pobres, escravos e deficientes no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

LOVECRAFT, H. P. **A Sombra de Innsmouth**. São Paulo: Hedra, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Chamado de Cthulhu e Outros Contos**. São Paulo: Hedra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Um Sussurro nas Trevas**. São Paulo: Hedra, 2010

LOURAU, R. **Analista Institucional em Tempo Integral**. São Paulo: Hucitec, 2004.

LOUZADA, A. P. F. **Crônicas de um trabalho docente**: a invenção como imanente à vida. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor em Educação. Orient. Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Elizabeth Barros de Barros. Vitória (ES): UFES, 2009.

MACHADO, A. M.; SOUZA, M. P. R. de. As Crianças Excluídas da Escola: um alerta para a psicologia. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_ (orgs.). **Psicologia Escolar**: em busca de novos rumos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MACHADO, L. D. Ética: exercícios de resistência em meio a indiferença. In: NOVO, H. A.; SOUZA, L. de; ANDRADE, A. N. de (orgs.). **Ética, Cidadania e Participação**: debates no campo da psicologia. Vitória: Edufes, 2001.

\_\_\_\_\_. Subjetividades Contemporâneas. In: BARROS, M. E. B. de (org.). **Psicologia**: questões contemporâneas. Vitória: EDUFES, 1999, p. 211-229.

NAFFAH NETO, A. O Terceiro Ouvido – Nietzsche e o Enigma da Linguagem. **Caderno de Subjetividade**, v.1, n.2, p.151-156, 1993.

NEVES, C. A. B.; JOSEPHSON, S. C. A Crítica como Clínica. In: MACHADO, L. D.; LAVRADOR, M. C. C.; BARROS, M. E. B. de (orgs.). **Texturas da Psicologia: subjetividade e política no contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PASSOS, E.; EIRADO, A. do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PELBART, P. P. **A Nau do Tempo-Rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.

\_\_\_\_\_. Um Mundo no qual Acreditar. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais, São Paulo, p. 5-12, 3 dez. 1995.

\_\_\_\_\_. **Vida Capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PEREIRA, L. M. L. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. In: **III Encontro Regional Sudeste de História Oral**. Mariana: 12 a 14 de maio de 1999.

PRIETO, R. G. Atendimento Escolar de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: ARANTES, V. A. (org.). **Inclusão Escolar**. Pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006, p. 31-73.

\_\_\_\_\_. Políticas de Inclusão Escolar no Brasil: sobre novos/velhos significados para educação especial. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A. **Das Margens ao Centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2010. II Perspectivas Nacionais das Políticas de Inclusão Escolar, cap. 4, p. 61-78.

QUEIROZ, A. **O Presente, o Intolerável...** Foucault e a história do presente. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

REVEL, J. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

ROCHA, M. L. da; AGUIAR, K. F. de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 23, n. 4, p. 1-16, Brasília, dez. 2003.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. Ninguém é deleuziano [Despedir-se do absoluto]. **O Povo**, Caderno Sábado, Fortaleza ,n.6, p.244-256, 18 nov. 1995.

SANTOS, E. S. dos, KILL, M. A., BIGOSSO, R., MURARI, J. B. **História, Geografia e Organização Social e Política do Município de Domingos Martins**. Vitória: Brasília Editora, 1992.

SEFFNER, F. Equívocos e Armadilhas na Articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar. In: JUNQUEIRA, Rogério D. (org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/SECAD, 2009, p.125-139.

SILVA, H. de S. e. **Joca Pivete**: o menor violentado. São Paulo: Ícone Editora, 1987.

SILVA, L. S. da. Os Índios Botocudos da Província do Espírito Santo, sob a Ótica da Princesa Teresa da Baviera em 1888. **Caderno Simbiótica**, Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias, Departamento de Ciências Sociais, Vitória (ES), v. ún, n. 01, p. 79 – 105, junho 2012 (disponível em: <http://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/3329/2585>. Acesso em Outubro de 2012).

THOMPSON, P. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.